

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Compreensão e Interpretação de Textos



SUMÁRIO

Compreensão e Interpretação de Textos	3
1. Definição de Texto e de Interpretação de Textos	3
2. Funções da Linguagem	4
3. Breve introdução aos Estudos Linguísticos.....	6
4. Vozes discursivas (Intertextualidade).....	9
5. Níveis de Leitura.....	12
6. Pressupostos e Subentendidos.....	14
7. Marcas Discursivas (de Pressuposição).....	15
8. Níveis de Linguagem.....	16
9. Variação Linguística	16
Resumo	23
Mapa Mental.....	24
Questões de Concurso - Lista I	25
Gabarito	53
Gabarito Comentado.....	54
Questões de Concurso - Lista II	92
Gabarito	144
Gabarito Comentado.....	145
Referências	210

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

1. DEFINIÇÃO DE TEXTO E DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Olá! Animado(a) para começar a nossa primeira aula? Espero que sim!

Bom, nessa primeira parte trabalharemos o conceito de **Texto**, o qual envolve uma série de elementos: linguísticos, culturais, sociais, afetivos etc. Ler um texto é um processo que também exige leitura de mundo; é compreender como ocorre a relação entre os indivíduos que interagem por meio da atividade verbal.

Serei bem objetivo na apresentação dos conceitos. Primeiramente, vamos definir **Texto** (segundo o professor Marcuschi):

“O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.”

Em concursos públicos, o texto mais recorrente é o verbal escrito. Em muitos casos, o texto será não verbal, como se percebe em quadrinhos, anúncios publicitários, infográficos etc.

Outro ponto importante nas provas de concurso público (bancas diversas): você precisa saber que há dois tipos principais de expressão textual escrita: a prosa e o poema. Vamos entender a diferença entre elas.

A **prosa** é a expressão natural da linguagem escrita ou falada, sem metrificação intencional e não sujeita a ritmos regulares. No texto escrito, observamos a prosa quando há organização em linha corrida, ocupando toda a extensão da página. Há, também, organização em parágrafos, os quais apresentam certa unidade de sentido. O texto das nossas aulas em PDF, por exemplo, é produzido em prosa.

Já o **poema** é a composição literária em que há características poéticas cuja temática é diversificada. O poema apresenta-se sob a forma de versos. O verso é cada uma das linhas de um poema e caracteriza-se por possuir certa linha melódica ou efeitos sonoros, além de apresentar unidade de sentido. O conjunto de versos equivale a uma estrofe. Há diversas maneiras de se dispor graficamente as estrofes (e os versos) – e isso dependerá do período literário a que a obra se filia e à criatividade do autor. Veja dois exemplos:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.
(Ricardo Reis)

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
cloaca
(Décio Pignatari)

Nas diversas bancas examinadoras, a maioria dos textos são organizados em prosa. Nesse caso, a banca faz referência às noções de **linha**, **período** e **parágrafo**. Quando as bancas avaliam a estrutura de um poema, há a referência às noções de **verso** e **estrofe**.

Bom, até agora apresentei importantes conhecimentos para compreender melhor um texto. Agora trabalharei os elementos presentes em uma comunicação e as funções da linguagem (segundo um linguista chamado Jakobson).

2. FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Quando nos comunicamos, interagimos com outro(s) indivíduo(s). Esse indivíduo é capaz de nos compreender e, muitas vezes, dialoga conosco (ou seja, ele também fala conosco, responde, discorda etc.). Para que uma comunicação seja realizada, os seguintes elementos devem estar presentes:

	[CONTEXTO/REFERENTE]	
[EMISSOR]	[MENSAGEM]	[RECEPTOR]
	[CANAL]	
	[CÓDIGO]	

Devemos ler o esquema acima da seguinte maneira: o emissor transmite uma mensagem ao receptor. Essa mensagem tem como suporte o canal (o som de nossa voz ou o registro escrito, por exemplo) e está codificado em nossa língua portuguesa. Essa mensagem está situada em um contexto situacional e faz referência ao mundo biossocial do emissor e do receptor.

A depender da ênfase que se dê a cada um desses elementos, a função da linguagem (ou seja, do uso da linguagem) será diferente:

	[CONTEXTO/REFERENTE] função referencial	
[EMISSOR] função expressiva	[MENSAGEM] função poética	[RECEPTOR] função apelativa
	[CANAL] função fática	
	[CÓDIGO] função metalinguística	

Veja a definição e um exemplo de cada função:

FUNÇÃO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Referencial (ou denotativa ou informativa)	Centrada no contexto/referente, é a mais “neutra” em relação ao modo como as informações são transmitidas. Linguisticamente, é marcada pela impessoalidade. O objetivo é tratar de um “outro”, de um terceiro.	Textos jornalísticos; Discursos científicos; Relatórios
Apelativa (ou conativa)	Centrada no receptor. Busca agir sobre quem recebe a mensagem, de modo a modificar algum comportamento (fazer, deixar de fazer; convencer). Linguisticamente, é marcada pela forma imperativa e por recursos expressivos como exclamações (e entonações).	Anúncios publicitários. Manuais.

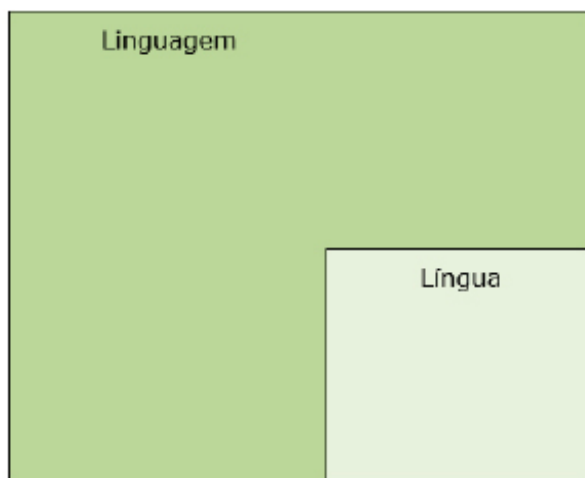
Expressiva (ou emotiva)	Centrada no emissor. É subjetiva e expressas estados interiores (emoções ou sentimentos, por exemplo). Linguisticamente, é marcada pelo uso de primeira pessoa e de adjetivação.	Relato pessoal.
Poética	Centrada na mensagem. Explora recursos linguísticos com fins expressivos e estéticos, trabalhando sobre a forma.	Poesia.
Fática	Centrada no canal. É um recurso para manter a comunicação ativa, sendo evidente quando se busca consolidar o contato.	Certificar-se (“está me ouvindo?”; “Alô!?”).
Metalinguística	Centrada no código (em nosso caso, na língua portuguesa).	Uma aula de morfologia, de sintaxe, de fonologia. Os dicionários. Essa nossa aula, que, por meio do código, busca explicar esse mesmo código.

Antes de avançarmos, gostaria de apresentar alguns conteúdos referentes aos estudos linguísticos. Neles, podemos conhecer melhor o funcionamento de um *sistema linguístico*.

3. BREVE INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Os estudos linguísticos modernos têm como marco a obra *Curso de Linguística Geral*, do linguista Ferdinand de Saussure (2012). A partir desta obra (e das propostas de Saussure, lá registradas), a ciência denominada **Linguística** passa a ter autonomia em relação às outras áreas do conhecimento e passa a operar com metodologia própria.

O objeto de estudo da linguística é a língua, definida por Saussure como “um sistema de signos”. Assim, a linguística não estuda o fenômeno geral da linguagem. A linguagem, segundo Saussure, é um fenômeno “heteróclito e multifacetado” e é constituída por diferentes domínios (psíquico, social, fisiológico, material etc.). A ciência que estuda o fenômeno geral da linguagem é a semiologia/semiótica. Nesse sentido, uma língua faz parte do fenômeno geral da linguagem:



Sobre o fenômeno geral da linguagem, é interessante mostrar a classificação de Charles S. Peirce para os tipos de signos existentes:

Tipo de Signo	Propriedade	Exemplo
ÍCONE	O signo (representante) possui alto grau de semelhança com a coisa representada.	Uma fotografia; um brinquedo.
ÍNDICE	O signo possui relação de contiguidade com a coisa representada (isto é, é uma extensão dela).	Fumaça (indicando fogo); uma pegada.
SÍMBOLO	O signo não possui proximidade de forma (semelhança) com a coisa representada.	Substantivos, verbos, adjetivos (registro oral ou escrito)

A semiótica/semiologia tem por objeto de estudo, portanto, todas as formas de comunicação (principalmente humana). Os gestos, as cores, as formas, os cheiros etc. são analisados como produtores de significado e capazes de estabelecer comunicação. É o que se chama de **linguagem não verbal**. O domínio da semiótica/semiologia é *toda* forma de comunicação, inclusive as línguas humanas (isto é, a **linguagem verbal**).

O estudo realizado pela ciência linguística é diferente do estudo realizado pela tradição gramatical. Veja a seguir algumas diferenças:

Ciência linguística	Tradição gramatical
É objetiva em relação a seu objeto de estudo, a língua. Com isso, não existem as noções de <i>certo</i> ou <i>errado</i> .	Considera a existência de uma "língua idealizada", a adotada por escritores consagrados da literatura de língua portuguesa. Por haver juízo de valor, é uma forma subjetiva de se estudar a língua.

Todos os registros linguísticos são considerados como objeto de análise, independentemente de prestígio ou não.

Consideram a existência de registros linguísticos de maior ou menor prestígio. Esse registro será considerado o *correto*, em oposição (e detrimento) a outros registros (tratados como de menor prestígio).

Para a ciência linguística, as línguas humanas possuem algumas características fundamentais. Na formulação de Saussure, o estudo de uma língua deve considerar os seguintes fatos:

- as línguas são situadas historicamente. Existe um “momento específico” (chamado sincronia) e existe uma sucessão de “momentos específicos” (diacronia). Assim, a língua portuguesa pode ser estudada em seu “momento” 1572 (ano da publicação de *Os Lusíadas*) ou no “momento” 1808). Nos dois casos, estaremos realizando um estudo sincrônico. Se estudarmos a mudança que ocorreu na língua entre 1572 e 1808, estaremos realizando um estudo diacrônico (porque estaremos considerando uma sucessão de momentos específicos).
- A oralidade é histórica e biologicamente anterior à escrita.
- Há duas partes que compõem o sistema linguístico: os monemas (primeira articulação) e os fonemas (segunda articulação). Os monemas são as menores unidades portadoras de significado; os fonemas são as menores unidades desprovidas de significado. A combinação dessas formas primárias gera uma infinidade de novas formas.
- Um signo linguístico é formado pela associação entre um significante e um significado (em nossa 3ª aula, veremos esse assunto em mais detalhes).
- A língua é um fenômeno social; a fala, realizada pelos indivíduos integrantes dessa comunidade, é a manifestação concreta da língua. À linguística cabe o estudo da língua.

É a partir desses pressupostos gerais que se pode analisar, por exemplo, as mudanças ocorridas ao longo da formação de nossa língua portuguesa.

Fique atento(a) para este fato importantíssimo: as línguas mudam ao longo do tempo. A língua portuguesa como a conhecemos hoje (esta que você fala e escuta todos os dias; que lê agora, nesta aula) teve um passado e terá um futuro. O passado de nossa língua é estudado pela *linguística histórica*.

A nossa língua descende do latim, língua falada pelos romanos. Outras línguas contemporâneas também descendem do latim: o francês, o italiano, o espanhol. É dito que o latim é a língua-mãe do português, do espanhol, do francês, do italiano. Essas línguas-filhas são chamadas de línguas-irmãs (porque descendem da mesma língua-mãe).

Mas por que essas línguas se diferenciaram uma das outras, se tiveram a mesma origem? Essas mudanças são explicadas por diversos fatores: perfil dos falantes (se letrados ou não), políticas linguísticas do Estado (se existentes), contatos linguísticos com outros povos etc. Assim, é sabido que o português brasileiro é o que é porque realizou distintos contatos linguísticos ao longo dos séculos (além de ter passado por diferentes políticas linguísticas e por ter um perfil de falantes diferente).

Depois de conhecermos os elementos da comunicação, as funções da linguagem, os princípios dos estudos linguísticos e um pouco da história de nossa língua, vamos passar a trabalhar um conteúdo chamado **vozes discursivas**.

4. VOZES DISCURSIVAS (INTERTEXTUALIDADE)

A conceituação de “vozes discursivas” é complexa. O termo é relacionado à noção de *polifonia*, que significa “várias vozes (discursivas)”, isto é, vários discursos presentes em uma obra. Nesse caso, diversos *enunciadores* participam do processo discursivo. Em concursos públicos (e em diversos processos seletivos, esse fenômeno é denominado **intertextualidade**, principalmente na citação).

Intertextualidade é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos.

Todos os textos fazem referência a outros textos; quer dizer, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário.

Quando produzimos um texto, sempre faremos referência a alguma outra forma de texto (um discurso, um documentário, uma reportagem, uma obra literária, uma notícia etc.). Vejamos, em síntese, dois tipos de intertextualidade (segundo a professora Ingedore Koch):

10 de 214

Alusão: na alusão, faz-se referência indireta a algo que pode lembrar ou caracterizar o objeto/fato/ser descrito. Veja este cartaz do Ministério da Saúde:



Paráfrase: é uma forma (frasal) diferente de dizer algo. Em leitura, faz-se paráfrase quando há interpretação, explicação ou nova apresentação de um texto (entrecho, obra etc.) que visa torná-lo mais compreensível.

Texto	Paráfrase
Quanto tu me cobrar para transpor-me desta borda até a outra orla em seu côncavo de madeira?	Quando custa a travessia de barco?

Epígrafe: é o título ou frase que, colocada no início de um livro (ou um capítulo, um poema etc.), serve de tema ao assunto ou para resumir o sentido ou situar a motivação da obra. Abaixo, apresento a epígrafe do livro *O homem duplicado*, de José Saramago:

O caos é uma ordem por decifrar.

Livro dos Contrários

Acredito sinceramente ter interceptado muitos pensamentos que os céus destinavam a outro homem.

Laurence Sterne

Você pode estar se perguntando:

Professor, a aula não está muito teórica?

Sim, até agora falamos muito sobre coisas teóricas. Mas agora poderemos passar a falar sobre como as bancas examinadoras trabalham a noção de **interpretação e compreensão de textos**. De modo geral, os termos utilizados na redação das questões são os seguintes:

infere-se do texto;
conclui-se do texto;
de acordo com o texto;
o texto pode ser considerado;
os sentidos seriam preservados.

No âmbito da interpretação e compreensão de textos, há **níveis** de interpretação: pode-se solicitar apenas a compreensão de conhecimentos superficiais, como quem é o autor do texto, quais são os participantes (de uma narrativa, por exemplo) etc. Em nível mais profundo de leitura, pode-se solicitar os pressupostos ideológicos veiculados por afirmações do autor, por exemplo.

5. NÍVEIS DE LEITURA

Vou contar com a ajuda de um autor (chamado Medeiros) para caracterizar o fenômeno de leitura. Para ele, a leitura é o processo de interação entre falante e ouvinte (textos orais); ou entre autor e leitor (textos escritos). Essa é uma visão mais ampla, em que se leva em consideração o processo de comunicação entre dois interlocutores. Esse processo de comunicação está situado em um lugar da sociedade – e por isso o *contexto* da comunicação deve ser levado em consideração.

Para a sua prova, o importante é conhecer os *níveis de leitura* (propostos pelos autores Adler e Doren):

- **Leitura elementar:** leitura básica ou inicial. Ao leitor cabe reconhecer cada palavra de uma página. Nesse tipo de leitura, o leitor dispõe de treinamento básico e adquiriu rudimentos da arte de ler.
- **Leitura inspecional:** caracteriza-se pelo tempo estabelecido para a leitura. Arte de folhear sistematicamente.
- **Leitura analítica:** é uma forma de leitura mais minuciosa, completa, a melhor que o leitor é capaz de fazer. É ativa em grau elevado. Tem em vista principalmente o entendimento, a compreensão do texto.
- **Leitura sinóptica:** leitura comparativa realizada por quem lê muitas obras, correlacionando-as entre si. Nível ativo e laborioso de leitura.

É claro que você, na hora da prova, precisa dominar todos esses níveis de leitura, ok? Uma estratégia para ler adequadamente um texto pode ser a seguinte (passos propostos por Molina):

- i) Visão geral do texto (quem é o autor, a mídia, o título etc.);
- ii) Questionamento despertado pelo texto;
- iii) Análise do vocabulário;
- iv) Linguagem não verbal (possui gráficos, imagens?);
- v) Essência do texto;
- vi) Síntese do texto;
- vii) Avaliação.

ATENÇÃO

Muitos alunos me perguntam se é preciso ler o texto todo antes de resolver as questões. Meu posicionamento é: SIM, É PRECISO LER O TEXTO TODO. O ganho de ler o texto todo é maior que o ganho de tempo por não o ler. Após a leitura completa do texto, a operação de resolução da questão segue um padrão: é preciso sempre voltar ao texto para ter a certeza sobre o que se está afirmando no item (isto é, se a afirmativa é correta ou incorreta).

Na sequência da aula, veremos que há duas formas básicas de classificar o nível de leitura mais profundo: os pressupostos e subentendidos.

6. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Vou explicar a ideia de pressuposto a partir do texto a seguir, publicado pela revista Veja (março de 2018):



O texto diz: “Em autobiografia, Bruce Dickinson, vocalista do Iron Maiden, foge ao estereótipo do metaleiro ogro: cultiva hábitos civilizados, como literatura e a esgrima.”

O que podemos entender desse texto? Basicamente, o seguinte: o metaleiro **não cultiva hábitos civilizados**. Esse é o estereótipo adotado pelo redator da matéria (ou seja, é este o ponto de vista do autor). Há uma marca linguística, a forma verbal **foge**, que deixa clara essa ideia de que Bruce Dickinson NÃO segue o estereótipo, pois cultiva hábitos civilizados.

O mesmo pode ser encontrado em afirmações machistas como “Apesar de ser mulher, ela é inteligente” (dita há algum tempo por um empresário brasileiro). A palavra **apesar** é uma marca clara de uma visão de mundo do autor da declaração.

Assim, quando podemos ler o não dito, quando é possível identificar marcas linguísticas que nos permitem interpretar essas informações nas “entrelinhas”, estamos diante de uma **pressuposição**.

Agora, se estamos diante de um subentendido, não encontramos marcas linguísticas que nos permitem ler as informações das “entrelinhas”. Por exemplo, observe a situação (real) a seguir:

Um dia eu estava tocando violão na casa de meu sogro. Enquanto eu tentava tocar uma música, ele se virou para mim e falou: “Bruno, você já pensou em fazer aula de violão?”

O que ele quis dizer com isso? Para bom entendedor: “Bruno, você é ruim demais tocando violão! Procure algumas aulas para melhorar”. Ele não afirmou isso explicitamente, é claro, mas subentende-se que ele queria dizer algo próximo ao que eu entendi. Observe que não há qualquer marca linguística que me permita confirmar a minha interpretação, mas eu posso fazer essa leitura.

7. MARCAS DISCURSIVAS (DE PRESSUPOSIÇÃO)

Em produções textuais escritas, podemos encontrar diversas **marcas discursivas**, como:

- uso de pontuação expressiva, como aspas, reticências, exclamação, interrogação (perguntas retóricas);
- uso de formatação especial (itálico, negrito, caixa-alta, maiúscula, minúscula);

- uso de vocabulário específico (jargões técnicos, coloquialismos, gírias);
- uso de recursos morfológicos expressivos, como diminutivo, aumentativo etc.;
- uso de padrões sintáticos, como voz passiva, impessoalizações, inversões sintáticas.

Todas essas marcas são destacadas pela banca organizadora de seu concurso, como você poderá ver ao longo desta e das demais aulas.

8. NÍVEIS DE LINGUAGEM

Identificar o nível de linguagem também é fundamental para compreender o texto. Nas provas, verificamos a presença de textos de todos os tipos e que trazem diversos níveis de linguagem. Há três níveis de linguagem (segundo um autor chamado Dino Preti).

O primeiro deles é o chamado **culto**, no qual se faz uso da língua-padrão, aquela que possui prestígio social e segue as normas da gramática tradicional; é o nível de linguagem usado em situações formais e os falantes possuem alto nível de escolarização.

O nível de linguagem denominado **comum** é situado entre os níveis **culto** e **popular**; é o registro empregado por falantes com escolarização básica e pelos meios de comunicação de massa.

Por fim, o nível de linguagem **popular** é aquele que não possui prestígio social e é utilizado em situações informais de comunicação; não “segue” as normas da gramática tradicional e faz uso de vocabulário restrito.

Um falante (e um texto) pode transitar, numa mesma produção, pelos três níveis, a depender dos objetivos da comunicação.

9. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os estudos sociolinguísticos demonstraram que as línguas sofrem variação. Essa variação é sistemática e coerente, sendo muitas vezes a causadora das mudanças linguísticas ao longo do tempo. No âmbito da variação linguística, as bancas examinadoras abordam os seguintes **conceitos**:

Dialetos (ou variação diatópica)	São variações faladas por comunidades <i>geograficamente</i> definidas. É relacionada, por exemplo, a noções como “o falar paulista” ou “o falar do Norte”.
Idioma	Refere-se ao sistema comunicativo adotado por uma nação para fins de ensino, comunicação oficial e representação internacional.
Socioletos	São variações faladas por comunidades <i>socialmente</i> definidas. Nessa caracterização, considera-se a posição social do falante (e a influência dessa posição social nos registros linguísticos).
Linguagem Padrão (ou norma padrão)	É o registro padronizado em função da comunicação pública e da educação. A linguagem padrão está vinculada à tradição gramatical, aquela que postula uma norma linguística de correção/adequação.
Idioletos	Diz respeito à variação individual, ao modo de falar de cada indivíduo.
Registros	Faz referência a usos especializados de vocabulário e/ou estrutura gramatical de certas atividades ou profissões. Um advogado, por exemplo, faz uso de um vocabulário distinto do adotado por um profissional da área da saúde.

Um autor chamado Camacho apresenta os seguintes **tipos** de variação:

Variação histórica	Acontece ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivos. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se normal na fala, e finalmente consagra-se pelo uso na modalidade escrita. As mudanças podem ser de grafia ou de significado.
Variação geográfica	Trata das diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática entre regiões. Dentro de uma comunidade mais ampla, formam-se comunidades linguísticas menores em torno de centros polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por definir os padrões linguísticos utilizados na região de sua influência. As diferenças linguísticas entre as regiões são graduais, nem sempre coincidindo com as fronteiras geográficas.
Variação social	Agrupa alguns fatores de diversidade: o nível socioeconômico, determinado pelo meio social onde vive um indivíduo; o grau de educação; a idade e o sexo. A variação social não compromete a compreensão entre indivíduos, como poderia acontecer na variação regional; o uso de certas variantes pode indicar qual o nível socioeconômico de uma pessoa, e há a possibilidade de alguém oriundo de um grupo menos favorecido atingir o padrão de maior prestígio.

Variação estilística	Considera um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias de comunicação: se está em um ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores. Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. Não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação.
-----------------------------	---

Direto do concurso – perfil da banca

Chegamos ao momento central: a análise da banca CE(BRA)SPE, organizadora de seu concurso.

Antes de resolvermos as questões, quero destacar **o padrão geral de abordagem** da banca em relação ao conteúdo de Texto:

- Em relação às habilidades de interpretação de texto, a banca exige do candidato a síntese de ideias centrais. Também é exigida a habilidade de identificar pressupostos e subentendidos.
- O conteúdo de **coesão** sempre é avaliado nas provas da banca CE(BRA)SPE. Em especial, avalia-se os referentes do texto (pronomes, elipses etc.).
- Outro padrão da banca CE(BRA)SPE é o de reescrever trechos do texto com modificações. Essas modificações alteram conjunções e outros termos.
- Mais recentemente, questões de reescrita são recorrentemente aplicadas pela banca. Aqui, é preciso verificar a correção gramatical do texto reescrito.

Sobre o conteúdo de nossa primeira aula, vou comentar **4** questões que ilustram bem a abordagem da banca.

QUESTÃO 1 (CEBRASPE/MPC-PA/MÉDIO/2019)

O dito popular que defende a prevenção como melhor remédio tem tanta afinidade com o dia a dia da administração pública que, ousar afirmar, poderia ser tido como princípio implícito de nosso ordenamento constitucional.

Em outros termos, quando se trata da coisa pública, o “errar é humano” não vale, não pode valer. E não porque o ser humano não possa errar, mas porque, direta ou indiretamente, o erro custa muito caro à sociedade.

O contrato superfaturado, a obra malfeita ou inacabada e o serviço mal prestado constituem enorme desrespeito ao contribuinte. Além de causarem grande prejuízo a toda a coletividade, acabam sendo também os grandes responsáveis pelo sentimento de ausência do Estado.

Diversas são as demandas da sociedade, e o administrador, preso às limitações de um orçamento, ao eleger determinado investimento como prioridade, naturalmente relega outros. Por isso, cautela e planejamento devem ser as palavras de ordem para o gasto público, sob todos os enfoques, especialmente nas contratações.

A matemática é simples: quantos gestores, no exercício de suas administrações, conseguiram ressarcir os prejuízos de contratos considerados irregulares pelos tribunais de contas, por superfaturamento, deficiência na execução ou qualquer outra ilegalidade? A prática mostra que, uma vez executado e pago o serviço, feito está, pois não se recupera todo o dinheiro público gasto irregularmente. Ao contrário, o dispêndio público só aumenta: são abertos procedimentos de apuração interna de responsabilidades, inquéritos civis, ações civis públicas... enfim, movimenta-se ainda mais a máquina pública, e pouco, muito pouco, é recuperado.

Dimas Ramalho. É melhor prevenir que remediar.

Internet: <www.tce.sp.gov.br> (com adaptações).

Considerando as ideias, os sentidos e os aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o item a seguir.

Infere-se do texto que, com relação aos gastos da administração pública, é melhor prevenir do que remediar porque o erro custa muito caro à sociedade.

COMENTÁRIO

Certo.

Para responder o item, basta retornar ao segundo parágrafo do texto. Lá, podemos ler no último período que “o erro custa muito caro à sociedade”.

Na mesma prova da banca CE(BRA)SPE para o MPC-PA, vemos outra questão sobre interpretação de texto:

(CEBRASPE/MPC-PA/MÉDIO/2019)

Nascido em 1902, nos Estados Unidos da América, Theodore Schultz foi o primeiro acadêmico que efetivamente sistematizou a relação existente entre aumento de investimentos em educação e aumento de produtividade e salários no setor agrícola — e, claro, na economia como um todo.

Em seus estudos, o economista comparou a situação de desequilíbrio entre países pobres, cuja capacidade de produção agrícola é baixa, e países ricos, de alta capacidade produtiva. Nessa análise, percebeu-se que os países desenvolvidos possuíam muito mais dinheiro investido no chamado capital humano, mais especificamente em educação.

Notavelmente, educação traz desenvolvimento econômico e social, além de gerar, em um contexto micro, habilidades para o indivíduo que possam ser aproveitadas tanto por ele quanto por outros ao seu redor — fato já conhecido por Schultz. Contudo, o pesquisador foi além e sistematizou a influência da educação sobre a riqueza de uma nação. Ele analisou a economia norte-americana e percebeu que a maior parte do crescimento econômico do país estava associada ao capital humano, materializado em investimentos em educação, e não no capital físico.

Ainda nesse estudo, Schultz analisou os custos da educação. Além do óbvio custo material (professores, infraestrutura e material escolar), há outros custos que envolvem, principalmente, tempo: pessoas que trabalhariam passam a estudar — não produzindo, nem ganhando salários. Assim, Schultz concluiu que há custos para as pessoas (deixar de ganhar dinheiro com trabalho para estudar) e eventualmente para o governo (pagar a educação das pessoas sem que elas produzam).

Seu trabalho o levou à conclusão de que países que investem mais em educação tendem a ser mais ricos. Segundo ele, mesmo que isso tenha um custo, quanto mais se investir na capacitação das pessoas, mais produtiva e rica uma nação será, de modo que os efeitos tendem a ser mais positivos que negativos.

Internet: <<http://g1.globo.com>> (com adaptações).

Considerando as ideias, os sentidos e os aspectos linguísticos do texto precedente, julgue os itens a seguir.

QUESTÃO 2 De acordo com o texto, os países desenvolvidos, em comparação com os países pobres, demandam da população mais gastos com educação.

COMENTÁRIO

Errado.

Na verdade, o texto informa que os países desenvolvidos, em comparação aos países pobres, despendem mais capital na área de educação.

QUESTÃO 3 Infere-se do texto CG3A3-II que o investimento em educação é condição necessária para o crescimento socioeconômico de países pouco desenvolvidos.

COMENTÁRIO

Errado.

Na verdade, o texto informa que o investimento em educação contribui positivamente para a riqueza de uma nação, apesar de eventuais impactos negativos que possam dele decorrer.

Por fim, vejamos outra questão da banca CE(BRA)SPE, agora para a PGE-PE:

QUESTÃO 4 (CEBRASPE/PGE-PE/ASSISTENTE/2019)

A modernidade é um contrato. Todos nós aderimos a ele no dia em que nascemos, e ele regula nossa vida até o dia em que morremos. Pouquíssimos entre nós são capazes de rescindi-lo ou transcendê-lo. Esse contrato configura nossa comida, nossos empregos e nossos sonhos; ele decide onde moramos, quem amamos e como morremos.

À primeira vista, a modernidade parece ser um contrato extremamente complicado, por isso poucos tentam compreender no que exatamente se inscreveram. É como se você tivesse baixado algum software e ele te solicitasse assinar um contrato com dezenas de páginas em “juridiquês”; você dá uma olhada nele, passa imediatamente para a última página, tica em “concordo” e esquece o assunto. Mas a modernidade, de fato, é um contrato surpreendentemente simples. O contrato interno pode ser resumido em uma única frase: humanos concordam em abrir mão de significado em troca de poder.

Yuval Noah Harari. Homo Deus: uma breve história do amanhã.

São Paulo: Companhia das Letras, 2016 (com adaptações).

Considerando as ideias, os sentidos e os aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o item a seguir.

Infer-se do texto que a modernidade impele o ser humano a tomar decisões com as quais ele não concorda.

COMENTÁRIO

Errado.

O texto não afirma que a modernidade **impele** (obrigar, coagir) o ser humano a tomar decisões com as quais ele não concorda. O texto expressa a ideia de haver, em alguma medida, poder de decisão por parte do ser humano.

Agora já estamos bem familiarizados com a banca, certo? Também estamos seguros em relação ao conteúdo estudado. Falta apenas praticar. Então chega de papo: vamos resolver o banco de questões da aula!

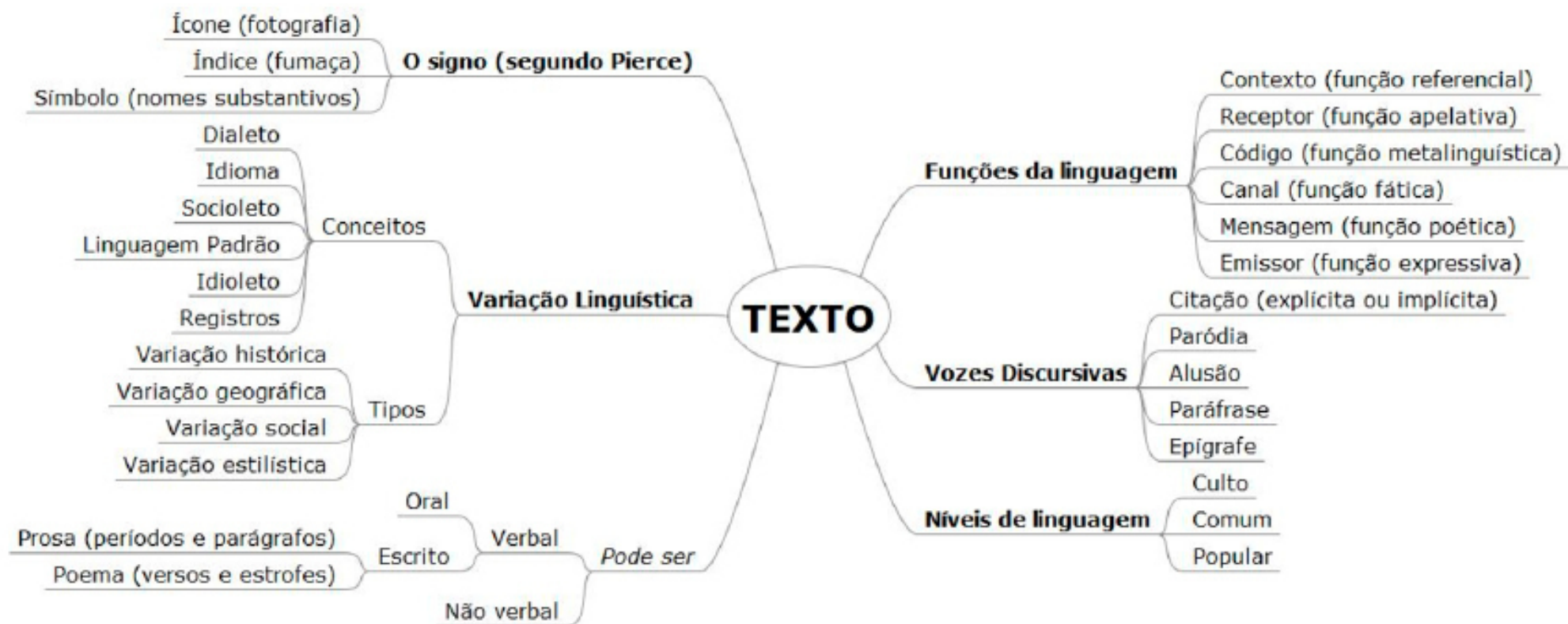
RESUMO

É importante observar, na leitura do texto:

- Os elementos da comunicação: emissor
- receptor
- mensagem
- canal
- código
- contexto/referente
- Qual é a função da linguagem predominante: referencial, expressiva, poética, apelativa, fática ou metalinguística?
- Interpretação de pressupostos (há marcas linguísticas) e subentendidos (não há marcas linguísticas - a interpretação é contextual).
- Há vozes discursivas (intertextualidade)? Qual(is): citação, paródia, alusão, paráfrase e/ou epígrafe?
- Qual é o nível de linguagem: culto, comum ou popular?
- Há marcas de variação linguística: social, histórica, geográfica etc.?

A partir desses conhecimentos, a abordagem que você faz do texto será muito mais eficiente.

MAPA MENTAL



QUESTÕES DE CONCURSO - LISTA I

(CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018)

Texto CB1A1AAA

1 Já houve quem dissesse por aí que o Rio de Janeiro é a cidade das explosões. Na verdade, não há semana em que os jornais não registrem uma aqui e ali, na parte rural.

4 A ideia que se faz do Rio é a de que é ele um vasto paiol, e que vivemos sempre ameaçados de ir pelos ares, como se estivéssemos a bordo de um navio de guerra, ou habitando

7 uma fortaleza cheia de explosivos terríveis.

Certamente que essa pólvora terá toda ela emprego

útil; mas, se ela é indispensável para certos fins industriais,

10 convinha que se averiguassem bem as causas das explosões, se são acidentais ou propositais, a fim de que fossem removidas na medida do possível. Isso, porém, é que não se tem dado e

13 creio que até hoje não têm as autoridades chegado a resultados positivos.

Entretanto, é sabido que certas pólvoras, submetidas

16 a dadas condições, explodem espontaneamente, e tem sido essa a explicação para uma série de acidentes bastante dolorosos, a começar pelo do Maine, na baía de Havana, sem esquecer

19 também o do Aquidabã.

Noticiam os jornais que o governo vende, quando avariada, grande quantidade dessas pólvoras.

22 Tudo indica que o primeiro cuidado do governo devia ser não entregar a particulares tão perigosas pólvoras, que explodem assim sem mais nem menos, pondo pacíficas vidas

25 em constante perigo.

Creio que o governo não é assim um negociante ganancioso que vende gêneros que possam trazer a destruição de vidas preciosas; e creio que não é, porquanto anda sempre zangado com os farmacêuticos que vendem cocaína aos suicidas. Há sempre no Estado curiosas contradições.

Lima Barreto. Pólvora e cocaína In: Vida urbana, 5/1/1915

Internet: <www.dominipublico.gov.br> (com adaptações)

Com relação às ideias do **Texto** CB1A1AAA, que data de janeiro de 1915, julgue os itens a seguir.

QUESTÃO 1 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Infere-se do **Texto** que seu autor concorda com a ideia de que a cidade do Rio de Janeiro, à época, assemelhava-se a um vasto paiol.

QUESTÃO 2 (CESPE/EBSERH/SUPERIOR/2018) Conforme o **Texto**, o governo vendia a particulares todo o excedente de explosivos não utilizados.

QUESTÃO 3 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Conclui-se do **Texto** que as autoridades do estado do Rio de Janeiro eximiam-se de investigar as causas das explosões que ocorriam no estado.

CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018)

Texto CB1A1BBB

1 São José do Rio Preto, centro urbano de tamanho médio, com cerca de 408 mil habitantes em 2010, localizada na região noroeste do estado de São Paulo, em área de clima tropical, é uma cidade reconhecida pelo seu calor intenso. Em 1985, a Superintendência de Controle de Endemias do Estado de São Paulo detectou a presença de focos do *Aedes aegypti* em doze cidades paulistas, entre elas, São José do Rio Preto, e confirmou sua reintrodução no estado. Os focos foram

encontrados em locais com concentração de recipientes, 10 denominados pontos estratégicos (PEs). Foi então estruturado o Programa de Controle de *Aedes aegypti* em São Paulo, que previa a visitação sistemática e periódica aos PEs dos 13 municípios e a realização de delimitações de foco, quando do encontro de sítios positivos. Considerava-se que o vetor estava presente em um município quando continuava presente nos 16 imóveis após a realização das medidas de controle que vinham associadas à delimitação de foco.

Logo após a detecção de focos positivos do mosquito 19 em São José do Rio Preto, realizaram-se as delimitações e a aplicação de controle, as quais não foram suficientes para eliminar o vetor. Diante da situação, em 1985, o município foi 22 definido como área de infestação domiciliar e risco de dengue. Os primeiros casos autóctones da dengue no município foram registrados em 1991, atribuídos ao sorotipo DENV1. A 25 primeira grande epidemia ocorreu em 1995, com 1.462 casos autóctones. Posteriormente, com a introdução dos demais sorotipos, as incidências (casos/100 mil habitantes/ano) 28 apresentaram comportamento cíclico: em 1999, 1.351,1; em 2006, 2.935,7; em 2010, ano da maior incidência, 6.173,8; e, em 2015, até outubro, a segunda maior incidência, 5.070,8.

31 Apesar de não se descartar a hipótese de que o aumento progressivo das incidências da dengue no município já seria um efeito do aumento das temperaturas, parece que 34 esse fenômeno estaria mais relacionado com a circulação dos múltiplos sorotipos do vírus da dengue. De modo geral, a persistência e a intensidade da dengue em São José do Rio 37 Preto são esperadas por se tratar de cidade de clima tropical e

com condições ideais para o desenvolvimento do vetor e de sua relação com o patógeno.

Internet: <www.revistas.usp.br> (com adaptações)

Com relação às ideias do **Texto** CB1A1BBB, julgue os itens que se seguem.

QUESTÃO 4 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Segundo o **Texto**, realizava-se a delimitação de foco, medida de prevenção à reprodução do *Aedes aegypti*, no caso de serem identificados os pontos estratégicos de ocorrência do mosquito em São José do Rio Preto.

QUESTÃO 5 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) De 1991 a 2015, houve um aumento progressivo de casos de dengue no município de São José do Rio Preto, devido à resistência do mosquito *Aedes aegypti* às medidas implantadas para seu controle.

QUESTÃO 6 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Os vocábulos “mosquito” (l. 18) e “patógeno” (l. 39) têm o mesmo referente no **Texto**: “*Aedes aegypti*” (l. 6 e 11).

CESPE/ANALISTA/STJ/2018)

Texto CB1A1CCC

1 As audiências de segunda a sexta-feira muitas vezes revelaram o lado mais sórdido da natureza humana. Eram relatos de sofrimento, dor, angústia que se transportavam da
4 cadeira das vítimas, testemunhas e réus para minha cadeira de juíza. A toga não me blindou daqueles relatos sofridos, aflitos. As angústias dos que se sentavam à minha frente, por diversas
7 vezes, me escoltaram até minha casa e passaram a ser companheiras de noites de insônia. Não havia outra solução a
não ser escrever. Era preciso colocar no papel e compartilhar
10 a dor daquelas pessoas que, mesmo ao fim do processo e com a sentença prolatada, não me deixavam esquecer-las.

Foram horas, dias, meses, anos de oitivas de mães,
13 filhas, esposas, namoradas, companheiras, todas tendo em
comum a violência no corpo e na alma sofrida dentro de casa.
O lar, que deveria ser o lugar mais seguro para essas mulheres,
16 havia se transformado no pior dos mundos.

Quando finalmente chegavam ao Judiciário e se
sentavam à minha frente, os relatos se transformavam em
19 desabafos de uma vida inteira. Era preciso explicar, justificar
e muitas vezes se culpar por terem sido agredidas. A culpa por
ter sido vítima, a culpa por ter permitido, a culpa por não ter
22 sido boa o suficiente, a culpa por não ter conseguido manter a
família. Sempre a culpa.

Aquelas mulheres chegavam à Justiça buscando uma
25 força externa como se somente nós, juízes, promotores e
advogados, pudéssemos não apenas cessar aquele ciclo de
violência, mas também lhes dar voz para reagir àquela
28 violência invisível.

Rejane Jungbluth Suxberger. Invisíveis Marias: histórias além das
quatro paredes. Brasília: Trampolim, 2018 (com adaptações).

Com base no **Texto** CB1A1CCC, escrito por uma juíza acerca de casos de violência doméstica,
julgue os itens a seguir.

QUESTÃO 7 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) Infere-se do primeiro parágrafo que, para a autora, escrever foi uma espécie de processo terapêutico.

QUESTÃO 8 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) No terceiro parágrafo, fica clara a importância da linguagem nas audiências judiciais, momento em que as vítimas têm a oportunidade de desabafar, e os juízes, como a autora do **Texto**, de lhes explicar o trâmite da ação.

QUESTÃO 9 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) No **Texto**, a palavra “prolatada” (l. 11) foi empregada como sinônimo de deferida.

QUESTÃO 10 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) O referente dos sujeitos de “chegavam” (l. 17), que está elíptico, é “os relatos” (l. 18).

(CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018)

Texto 1A1AAA

1 Ainda existem pessoas para as quais a greve é um
“escândalo”: isto é, não só um erro, uma desordem ou um
delito, mas também um crime moral, uma ação intolerável que
4 perturba a própria natureza. “Inadmissível”, “escandalosa”,
“revoltante”, dizem alguns leitores do Figaro, comentando
uma greve recente. Para dizer a verdade, trata-se de uma
7 linguagem do tempo da Restauração, que exprime a sua
mentalidade profunda. É a época em que a burguesia, que
assumira o poder havia pouco tempo, executa uma espécie de
10 junção entre a moral e a natureza, oferecendo a uma a garantia
da outra. Temendo-se a naturalização da moral, moraliza-se a
natureza; finge-se confundir a ordem política e a ordem
13 natural, e decreta-se imoral tudo o que conteste as leis
estruturais da sociedade que se quer defender. Para os prefeitos
de Carlos X, assim como para os leitores do Figaro de hoje, a
16 greve constitui, em primeiro lugar, um desafio às prescrições
da razão moralizada: “fazer greve é zombar de todos nós”, isto
é, mais do que infringir uma legalidade cívica, é infringir uma
19 legalidade “natural”, atentar contra o bom senso, misto de
moral e lógica, fundamento filosófico da sociedade burguesa.

Nesse caso, o escândalo provém de uma ausência de
22 lógica: a greve é escandalosa porque incomoda precisamente
aqueles a quem ela não diz respeito. É a razão que sofre e se
revolta: a causalidade direta, mecânica, essa causalidade é
25 perturbada; o efeito se dispersa incompreensivelmente longe da
causa, escapa-lhe, o que é intolerável e chocante. Ao contrário
do que se poderia pensar sobre os sonhos da burguesia, essa
28 classe tem uma concepção tirânica, infinitamente suscetível, da
causalidade: o fundamento da moral que professa não é de
modo algum mágico, mas, sim, racional. Simplesmente,
31 trata-se de uma racionalidade linear, estreita, fundada, por
assim dizer, numa correspondência numérica entre as causas e
os efeitos. O que falta a essa racionalidade é, evidentemente,
34 a ideia das funções complexas, a imaginação de um
desdobramento longínquo dos determinismos, de uma
solidariedade entre os acontecimentos, que a tradição
37 materialista sistematizou sob o nome de totalidade.
Roland Barthes. O usuário da greve. In: R. Barthes. Mitologias.
Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio
de Janeiro: DIFEL, 2007, p. 135-6 (com adaptações).
Com relação às ideias do **Texto** 1A1AAA, julgue os itens.

QUESTÃO 11 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Infere-se do **Texto** que seu autor considera a greve um crime moral, um delito contra a natureza do mundo e da sociedade.

QUESTÃO 12 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Argumenta-se, no **Texto**, em favor de uma lógica natural que explique a articulação das tensões sociais que a greve manifesta.

QUESTÃO 13 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Conclui-se do **Texto** que a intolerância com relação à greve advém da ignorância da complexidade de seus efeitos sobre os membros de uma sociedade.

QUESTÃO 14 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) De acordo com o **Texto**, a percepção do senso comum sobre a burguesia é a de que esta é uma classe social cujos membros são caracterizados pelo comportamento tirânico e dominador.

QUESTÃO 15 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Infere-se do **Texto** que é inadequada a aplicação do pensamento racional à compreensão das relações sociais.

(CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018)

Texto 1A1BBB

1 Após meses de sofrimento e solidão chega o correio:
esta corrente veio da Venezuela escrita por Salomão Fuais
para correr mundo

4 faça vinte e quatro cópias e mande a amigos em lugares
distantes: antes de nove dias terá surpresa, graças a Santo
Antônio.

7 Tem vinte e quatro cópias, mas não tem amigos distantes,
José Edouard, Exército venezuelano, esqueceu de distribuir
cópias, perdeu o emprego.

10 Lupin Gobery incendiou cópia, casa pegou fogo,
metade da família morreu.

Mandar então a amigos em lugares próximos.

13 Também não tem amigos em lugares próximos.
Fecha a casa.

Deitado na cama, espera surpresa.

Rubem Fonseca. Corrente. In: Contos reunidos.

São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 324.

A respeito dos aspectos estruturais e linguísticos do **Texto** 1A1BBB, julgue os itens.

QUESTÃO 16 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) A mensagem da corrente apresenta-se em forma de citação no interior do conto, da linha 2 à linha 11.

QUESTÃO 17 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Nas linhas 12 e 13, é apresentada a conclusão da mensagem da corrente.

QUESTÃO 18 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) O **Texto** desenvolve-se, predominantemente, com base em relações de causa e consequência.

QUESTÃO 19 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Na corrente predomina o uso de construções passivas para caracterizar os infortúnios decorrentes do descumprimento da mensagem.

QUESTÃO 20 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

1 O índice de leitura no Brasil continua baixo. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro revelou que, após sair da escola, o brasileiro lê em média 1,3 livro por ano.

4 Quando se inclui a leitura de didáticos e paradidáticos – aqueles títulos lidos por obrigação, como parte do programa de alguma disciplina –, o número sobe para 4,7. Ainda assim,

7 trata-se de uma média baixíssima se comparada à de países desenvolvidos. Cada francês, por exemplo, lê, em média, anualmente, sete livros; na Finlândia, são mais de 25. O

10 levantamento apontou também que 45% dos entrevistados não havia lido nenhuma obra sequer nos três meses anteriores à

enquete. O estudo, feito entre novembro e dezembro de 2007,

13 também mostrou que, para os brasileiros, a leitura é apenas a quinta opção de entretenimento. Em primeiro lugar, está a televisão. Alguma surpresa?

Leitura em baixa. In: Welcome Congonhas. Camarinha

Editora & Comunicação, jul./2008, p. 9 (com adaptações).

A expressão “Alguma surpresa?” (l. 15) é uma pergunta retórica acerca do fato de a leitura ser a quinta opção de entretenimento no Brasil e a televisão, a primeira.

QUESTÃO 21 (CESPE/MÉDIO/STM/2018)**Texto CB4A1AAA**

1 Narração é diferente de narrativa, uma vez que
mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que
eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de
4 acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está
presente em tudo: na sequência de entrada, prato principal e
sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas,
7 peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos
corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas,
desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas,
10 nos vídeos, videogames e jogos de tabuleiro. A narração,
por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia.
Uma contagem de palavras na base de dados do
13 Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra
vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas
seu sentido vem mudando.
16 A expressão disputa de narrativas, que teve um *boom*
dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito
à acepção mais literária do termo, como narrativa de um
19 romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de
narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser
elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez
22 aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda
narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um

movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas
25 escolhas de um narrador.

Sofia Nestrovski. Narrativa. Internet:

<www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

O vocábulo “antes” (l. 19) indica, no contexto em que se insere, circunstância temporal.

QUESTÃO 22 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1AAA

Quinze de e novembro de 1889 oficializou um
movimento histórico que não se consolidara: a construção de
uma república brasileira. Imaginada por nossas elites políticas,
4 econômicas e intelectuais que — a despeito das divergências
— tinham em comum o sonho de criar uma civilização nos
trópicos, a República era menos conquista do que projeto a
7 impor. Daí não ser mero acaso que tenha sido proclamada por
militares, homens que escolheram a divisa positivista que
figuraria em nossa bandeira: amor, ordem e progresso. Claro
10 que — como viris representantes da ordem — começaram por
suprimir o amor do mote de Auguste Comte. Supressão até
hoje desconhecida da maioria dos brasileiros, mas reveladora
13 do intuito de apagar qualquer traço do desejo no novo regime
político.

O desejo era temido como incontrolável e ameaçador
16 para o almejado progresso. Mas, afinal, o que seria o progresso
até hoje impresso em nossa bandeira? De acordo com as fontes
da época, seria o caminho trilhado por medidas que dirigiriam
19 o Brasil para o modelo da civilização que nossas elites
projetavam na Europa e nos Estados Unidos. Era um ideal
baseado em uma fantasia das classes superiores, as quais não

22 apenas se imaginavam brancas como consideravam a
branquitude um atributo de superioridade moral que as
colocava em claro contraste com o povo, no qual projetavam
25 o atraso e a negritude. Viam o povo como uma massa
heterogênea sob ameaça degenerativa a esperar pelo
branqueamento para poder se tornar digna de ser reconhecida
28 como nação.

Rogério Miskolci. Uma outra história da República. In:

Revista Cult, n.º 6, ano 19, jan./2016, p. 35 (com adaptações).

A fim de exprimir seu ponto de vista acerca da construção da República, o autor emprega, na linha 6, os termos “conquista” e “projeto” como semanticamente complementares entre si.

(COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA)

Um trabalho gigantesco, produzido por 500 cientistas de 300 instituições – que analisaram 187 países ao longo das últimas quatro décadas. É o Global Burden of Disease (Peso Global das Doenças), que acaba de ser publicado e é o maior estudo já realizado sobre a saúde da humanidade. Ele traz duas grandes conclusões. A boa é que a expectativa de vida aumentou em praticamente todo o mundo, e as mortes relacionadas à subnutrição caíram de 3,4 milhões, em 1990, para 1,4 milhão em 2010, último ano analisado pelo estudo. Em 1990, a subnutrição era a doença com maior “peso”, ou seja, aquela que mais tirava anos de vida saudável da humanidade. Agora, ela despencou para oitavo lugar. Mas a obesidade, eis a má notícia, subiu de décimo para sexto – e a má alimentação, com uma dieta pobre em nutrientes, aparece em quinto (os quatro maiores fatores de risco são pressão alta, tabagismo, uso de álcool e poluição). “As dietas pobres em frutas, verduras e grãos integrais têm impacto surpreendente”, escrevem os autores do estudo. A pesquisa constatou que, entre 1990 e 2010, a expectativa de vida global dos homens subiu de 62,8 para 67,5 anos, e a das mulheres subiu de 68,1 para 73,3. Ou seja: as mulheres ampliaram em seis meses a vantagem que levam sobre os homens. Mas nem todos os países evoluíram. Na Bielorrússia, os homens perderam 1,4 ano por causa do aumento no consumo de álcool. E Lesoto, na África, viu sua expectativa de vida desabar – regrediu 12,2 anos entre os homens e 14,7 entre as mulheres – devido à epidemia de Aids.

(Adaptado de: NOGUEIRA, S.; GARATTONI, B. Obesidade já mata mais gente do que fome. SuperInteressante. São Paulo, Ed. Abril, fev. 2013. p.10.)

A respeito da linguagem utilizada no texto, julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir.

QUESTÃO 23 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta uma linguagem lacônica, com ineficácia vocabular.

QUESTÃO 24 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Trata-se de linguagem conotativa, metafórica, cujos sentidos variam conforme o contexto.

QUESTÃO 25 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta linguagem concisa, dados estatísticos e adequação vocabular.

QUESTÃO 26 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Trata-se de linguagem denotativa, cujos sentidos são iguais tanto para o emissor quanto para o receptor.
(COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013)

A imagem de presos apinhados numa cela, de tão repetida, já anestesia os paranaenses. Parece se tratar de mais um dos problemas crônicos, como de resto, com os quais deveríamos nos acostumar – ao lado de morros desabando e concessões à corrupção. O risco de virar rotina é, de fato, de alta probabilidade. Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira, o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito. Pouco sabe do assunto e pouco lhe é dito. Por tabela, pouco pergunta, perpetuando a ignorância.

Cadeia e delegacia são vistas como questões do Estado, com as quais não devemos nos meter. O preço pago por essa cultura é alto – estamos entre as nações de destaque no desrespeito aos direitos humanos nas prisões. Somos de ponta em administração do mundo do crime pelos que estão atrás das grades. Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, declarando preferir morrer a ir para uma prisão brasileira. Poderia ser repetida em coro por 190 milhões em ação.

Em meio a esse cenário, uma boa notícia, publicada quinta-feira passada nesta Gazeta do Povo. Nos dois últimos anos, o governo do estado conseguiu reduzir em 40% o número de presos em delegacias.

Foram transferidos para espaços adequados. É quase metade da bomba desarmada – eram 16,2 mil presos; sobraram 9,1 mil à espera de tratamento adequado: eles ainda dormem na delegacia. O interior, em particular, ressentido de medidas, é verdade, mas nada que tire o brilho da notícia – a melhor dos últimos tempos em se tratando do sistema prisional no Paraná.

As delegacias funcionam como escoadouro das cadeias. São sempre o pior remendo para o soneto. Impossível esquecer as descrições que os presos dão dos pequenos espaços divididos por multidões. Cheiros insuportáveis, três camas para 30 pessoas, hierarquias absurdas, ditando quem manda e quem obedece. Tão absurdo quanto é deduzir que o estágio a que se chegou é resultado do descaso geral da nação com o assunto, fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência.

São variações para o tema, é verdade. Se a palavra de ordem for olhar para frente, a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Maria Teresa Uille Gomes. Ela agarrou esse touro à unha e seus esforços merecem continuidade. Sim, porque a redução de 40% deixa ainda 60% por vir. Faltam 5.634 vagas para sanar o déficit, como informa a reportagem, extirpando de vez a prática ilegal de prender nas delegacias e não em unidades prisionais ou em centros de triagem.

Em paralelo às delegacias sendo usadas para o que de fato se destinam, devem ser impulsionados outros processos, capazes de reabilitar. E, o mais difícil, devolver a credibilidade ao sistema prisional.

De acordo com a secretária de Justiça, serão erguidos 14 presídios no Paraná até o fim de 2014. Que esses projetos andem de braço dado com a sociedade organizada. Não é impossível – as boas novas que agora recebemos de presente são uma prova disso.

Acerca da linguagem empregada no texto, julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir.

QUESTÃO 27 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta linguagem mista, formal e informal, como comprovam as expressões “obscurantismo em torno das matrizes da violência” e “agarrou esse touro à unha”, respectivamente.

QUESTÃO 28 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta trechos com linguagem figurada, conotativa, usando metáforas para expressar os sentidos, por exemplo, “é quase metade da bomba desarmada” e “são sempre o pior remendo para o soneto”.

QUESTÃO 29 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta exclusivamente linguagem técnica, de cunho formal, com dados estatísticos para confirmar as informações veiculadas, por exemplo, “faltam 5.634 vagas para sanar o déficit”.

QUESTÃO 30 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta exclusivamente linguagem denotativa, literal, cujo objetivo é gerar formalidade e maior credibilidade às informações que estão sendo veiculadas.

(QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA)

Há coisas que estão além das palavras. Os cientistas, os filósofos e os professores são aqueles que se dedicam a ensinar as coisas que podem ser ensinadas. Coisas que são ensinadas são aquelas que podem ser ditas. Sobre a solidariedade muitas coisas podem ser ditas. Por exemplo: eu acho possível desenvolver uma psicologia da solidariedade. Acho também possível desenvolver uma sociologia da solidariedade. E, filosoficamente, uma ética da solidariedade... Mas os saberes científicos e filosóficos da solidariedade não ensinam a solidariedade, da mesma forma como a crítica da música e da pintura não ensina às pessoas a beleza da música e da pintura. A solidariedade, como a beleza, é inefável – está além das palavras.

Palavras que ensinam são gaiolas para pássaros engaioláveis. Os saberes, todos eles, são pássaros engaiolados. Mas a solidariedade é um pássaro que não pode ser engaiolado. Ela não pode ser dita. A solidariedade pertence a uma classe de pássaros que só existe em voo. Engaiolados, esses pássaros morrem.

O que pode ser ensinado são as coisas que moram no mundo de fora: astronomia, física, química, gramática, anatomia, números, letras, palavras. Mas há coisas que não estão do lado de fora. Coisas que moram dentro do corpo. Estão enterradas na carne, como se fossem sementes à espera... Uma dessas sementes é a solidariedade.

A solidariedade não é uma entidade do mundo de fora, ao lado de estrelas, pedras, mercadorias, dinheiro, contratos. Se ela fosse uma entidade do mundo de fora, poderia ser ensinada e produzida. A solidariedade é uma entidade do mundo interior. Solidariedade nem se ensina, nem se ordena, nem se produz. A solidariedade tem de brotar e crescer como uma semente...

A solidariedade é como um ipê: nasce e floresce. Mas não em decorrência de mandamentos éticos ou religiosos. Não se pode ordenar: "Seja solidário!". A solidariedade acontece como um simples transbordamento.

Já disse que solidariedade é um sentimento. É esse o sentimento que nos torna mais humanos. É um sentimento estranho, que perturba nossos próprios sentimentos. A solidariedade me faz sentir sentimentos que não são meus, que são de um outro. O que sinto não são meus sentimentos. Isso não acontece nem por decisão racional, nem por convicção religiosa, nem por mandamento ético. É o jeito natural de ser do meu próprio corpo, movido pela solidariedade.

Rubem Alves. É assim que acontece a bondade.

Internet: (com adaptações).

Julgue os itens que se seguem, em relação ao texto e a seus aspectos linguísticos.

QUESTÃO 31 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) Com a expressão "Já disse que solidariedade é um sentimento", o autor faz uma intertextualidade, referindo-se a um texto de sua autoria produzido no passado.

QUESTÃO 32 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) O texto consiste em uma narrativa a respeito do sentimento de solidariedade.

QUESTÃO 33 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) De acordo com o texto, a solidariedade não é uma mercadoria que se possa produzir.

QUESTÃO 34 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018) Depreende-se da leitura do texto que a solidariedade se opõe às convicções religiosas.

QUESTÃO 35

(QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA).



Sobre a tirinha, julgue o item.

A interrogativa que inicia a fala do terceiro quadrinho faz imaginar que o interlocutor do funcionário do depósito tenha pedido uma sugestão a ele.

(QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA).



A respeito da semântica das palavras empregadas na tirinha, julgue as afirmativas a seguir.

QUESTÃO 36 (QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA) A pergunta "Jura?" (2º quadrinho) significa que uma das moças duvida da história da outra.

QUESTÃO 37 (QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA) A expressão "Olha só" (2º quadrinho) significa que uma das moças está positivamente surpresa com o relato da outra.

QUESTÃO 38 (QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA) O termo “Menina” (1º quadrinho) é um vocativo, o qual tem a função de chamar a atenção de leitoras do sexo feminino.

(CESPE/ANALISTA/STJ/2018)

Texto CB1A1AAA

1 No pensamento filosófico da Antiguidade, a dignidade
(dignitas) da pessoa humana era alcançada pela posição social
ocupada pelo indivíduo, bem como pelo grau de
4 reconhecimento dos demais membros da comunidade. A partir
disso, poder-se-ia falar em uma quantificação (hierarquia) da
dignidade, o que permitia admitir a existência de pessoas mais
7 dignas ou menos dignas.

Frise-se que foi a partir das formulações de Cícero que
a compreensão de dignidade ficou desvinculada da posição
10 social. O filósofo conferiu à dignidade da pessoa humana um
sentido mais amplo ligado à natureza humana: todos estão
sujeitos às mesmas leis da natureza, que proíbem que uns
13 prejudiquem aos outros.

No círculo de pensamento jusnaturalista dos séculos
XVII – e XVIII, a concepção da dignidade da pessoa humana
16 passa por um procedimento de racionalização e secularização,
mantendo-se, porém, a noção básica da igualdade de todos os
homens em dignidade e liberdade. Nesse período, destaca-se a
19 concepção de Emmanuel Kant de que a autonomia ética do ser
humano é o fundamento da dignidade do homem. Incensurável
é a permanência da concepção kantiana no sentido de que a
22 dignidade da pessoa humana repudia toda e qualquer espécie
de coisificação e instrumentalização do ser humano.

Antonio da Rocha Lourenço Neto. Direito e humanismo: visão filosófica, literária

e histórica. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2013, p.148-9 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do **Texto** CB1A1AAA, julgue os próximos itens.

QUESTÃO 39 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) Conclui-se do **Texto**, especialmente pelo emprego de “Incensurável” (l. 20), que seu autor considera correto o posicionamento de Kant sobre a dignidade humana.

QUESTÃO 40 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) No primeiro parágrafo, os parênteses foram empregados para isolar palavras cuja função é explicar o sentido do elemento que imediatamente lhes antecede.

(CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

Posso conceber um homem sem mãos, pés, cabeça (pois só a experiência nos ensina que a cabeça é mais necessária do que os pés); mas não posso conceber o homem sem pensamento: seria uma pedra ou um animal.

Instinto e razão, marcas de duas naturezas.

O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso.

Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Daí ser preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que não podemos preencher. Trabalhem, pois, para bem pensar.

Não é no espaço que devo buscar minha dignidade, mas na ordenação de meu pensamento. Não terei mais possuindo terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga como um ponto; pelo pensamento, eu o abarco.

Blaise Pascal. Um caniço pensante. In: Pensamentos. Trad. Sérgio Milliet. 2.^a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 123-4 (com adaptações)

Com base no texto precedente, julgue os seguintes itens.

QUESTÃO 41 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Depreende-se do **Texto** que bens materiais em nada dignificam o homem, podendo somente a razão fazê-lo.

QUESTÃO 42 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Para o autor do **Texto**, o ser humano, apesar da condição de “caniço”, é superior ao universo, porque detém a faculdade do pensamento.

(CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

Texto 11A3CCC

1 Ainda na infância, a literatura me encantou, me
conquistou: as histórias com suas tramas, os poemas com sua
musicalidade, seu uso especial da linguagem, todos com uma
4 precisão e um concretizar de fatos e sentimentos que a intuição
apenas adivinhava. Acho que foi isso que me fez amar a língua,
e esse amor me fez querer ser professor de Língua Portuguesa.
7 Já quando estava na quarta série do ginásio (hoje nono ano do
ensino fundamental), tinha certeza de que queria ser
professor... de Língua Portuguesa.
10 Quem, além de um poeta, poderia chamar a nossa
língua de “última flor do Lácio inculca e bela”? Quem, além de
Bandeira, poderia ir “embora pra Pasárgada... uma outra
13 civilização, para andar de bicicleta, montar em burro bravo,
subir em pau de sebo e tomar banho de mar”? Viajando por
entre as palavras mágicas de poetas, contistas, romancistas, fui
16 percorrendo os caminhos e descaminhos da linguagem.
Aos poucos cresceu no meu conhecimento a gramática
e a seguir a linguística com todas as suas correntes e
19 disciplinas. Aumentou assim o meu entusiasmo pelas

possibilidades expressivas da língua, sua relação com os recursos linguísticos e seu funcionamento em textos resultantes de sujeitos, de ideologias, de atividades e esferas de ação do ser humano concretizando modos/formas e objetivos de ação em tipos de gêneros e espécies de textos.

25 Parece-me, pois, que primeiro a literatura nos faz sentir o que a língua é e pode, e, só depois, a gramática e a linguística nos possibilitam saber o que é e como a língua é e 28 o que ela pode.

A literatura concentra, converge, encontra possibilidades de expressão presentes na língua em todas as 31 suas variedades escritas e orais. Mesmo atualmente, quando os estudos linguísticos se acostumaram a observar, descrever e explicar os recursos da língua e seus usos nas variedades orais 34 e escritas não literárias (como na imprensa falada e escrita, nos documentos orais e em todos os gêneros de todas as esferas de ação social ou comunidades discursivas), parece 37 que a literatura continua a *Senhora* que nos mostra e aponta a magia da língua.

É por esse espírito que acredito que ser linguista 40 ou gramático, ser professor de Língua Portuguesa tem mais brilho, mais sabor, mais verdade, mais possibilidade quando se acredita, mais ainda, quando se sabe que língua e 43 literatura são uma só coisa e que a segunda é a primeira transformada em arte, que a literatura é o que há de mais livre, mais forte e, por que não dizer, de mais belo de tudo o que se 46 pode fazer com a língua.

Luiz Carlos Travaglia. Da infância à ciência: língua e literatura. In: Beth Brait. Literatura e outras linguagens. São Paulo: Contexto, 2010, p. 36-8 (com adaptações).

Com relação às ideias e à textualidade do **Texto** 11A3CCC, julgue os seguintes itens.

QUESTÃO 43 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) No **Texto**, predomina a concepção de que o uso da língua corresponde a um conjunto de práticas sociais que determinam os diferentes modos e formatos da comunicação linguística.

QUESTÃO 44 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Infere-se do **Texto** que seu autor preferiria ter sido professor de Literatura Brasileira a professor de Língua Portuguesa.

(CESPE/AGENTE/ABIN/2018)

Texto CB3A1BBB

1 Na legislação interna dos países, a espionagem costuma ser juridicamente entendida como a obtenção sub-reptícia e indevida de informação sigilosa do Estado. Esse 4 tipo de conduta é criminalizado pela legislação de cada país. O mesmo se pode dizer do vazamento, que guarda estreita relação com a espionagem e que consiste na divulgação indevida de 7 informações por quem tem o dever legal do sigilo.

A espionagem é um dos poucos crimes na legislação brasileira que podem, em tempo de guerra, levar à pena de 10 morte, seja o condenado nacional ou estrangeiro, civil ou militar, além de, em tempo de paz, sujeitar o militar que a pratique à indignidade para o oficialato.

13 Se praticada por autoridade superior, a espionagem pode configurar, além de infração penal, crime de responsabilidade, que, a despeito do nome, não tem natureza de 16 crime em sentido técnico, mas, sim, de infração política sujeita a cassação de mandato e suspensão de direitos políticos.

Fábio de Macedo Soares Pires Condeixa. Espionagem e direito. In: Revista Brasileira de Inteligência, n.º 10, 2015, p. 25-6 (com adaptações).

A propósito das ideias e dos aspectos linguísticos do **Texto** CB3A1BBB, julgue os itens subseqüentes.

QUESTÃO 45 (CESPE/AGENTE/ABIN/2018) A “estreita relação” (l. 5) entre o “vazamento” (l. 5) e a “espionagem” (l. 6) refere-se tanto ao objeto com que lidam seus agentes — informações sigilosas — quanto aos meios indevidos de que esses agentes se utilizam — para obter esse objeto, no caso da espionagem, e para torná-lo público, no caso do vazamento.

QUESTÃO 46 (CESPE/AGENTE/ABIN/2018) O **Texto** aponta que, embora haja consenso entre os países acerca da definição do que vem a ser espionagem, a criminalização dessa conduta não é universal, a exemplo do caso brasileiro, país onde o acusado de espionagem é sentenciado à morte apenas em situações extremas.

QUESTÃO 47 (CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018)

Texto 1A9BBB

1 Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo
de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua
portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade
4 do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem
índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em
português, mas em uma língua de origem indígena,
7 derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasiliana ou,
mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de
10 língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje
empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista,
que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia
13 do país e na língua portuguesa. São elas que nos
possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé
socando milho para preparar mingau — sem os termos

16 que migraram para o português, só veríamos um habitante
da área rural, melancólico, preparando comida às margens
de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé,
19 sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma
bucólica paisagem inglesa.

O idioma da gente paulista formou-se como
22 resultado de duas práticas: a miscigenação de portugueses
e índias e a escravização dos índios. Os primeiros europeus
que aqui aportaram, sem mulheres, uniram-se às nativas
25 e criaram os filhos juntos e misturados — as crianças
usavam o tupi da mãe e o português do pai. Aos poucos,
essas famílias mestiças se afastavam da cultura indígena
28 e casavam entre si, não mais em suas aldeias de origem.
Formava-se assim uma cultura mameluca, nem europeia
nem indígena, com uma língua que já não era o tupi, tampouco
31 era o português. Era o que falavam os primeiros paulistas,
os bandeirantes, que a difundiram nas bandeiras até as terras
que hoje constituem o Mato Grosso e o Paraná.

Branca Vianna. O contrário da memória. In: Piauí, ed. 116, maio/2016 (com adaptações).

Depreende-se do segundo parágrafo do **Texto** 1A9BBB que, no trecho “São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau”, o propósito do autor é ilustrar a influência da língua geral no vocabulário do português falado no Brasil.

(CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018)

Texto 1A10AAA

1 A justiça tributária está em debate. O Brasil possui
um sistema tributário altamente regressivo: quem ganha
até dois salários mínimos paga 49% dos seus rendimentos
4 em tributos, enquanto quem ganha acima de trinta salários

mínimos paga apenas 26%. Isso ocorre porque, na comparação internacional, se tributa excessivamente o consumo, e não 7 o patrimônio e a renda.

A má distribuição tributária e de renda restringe o potencial econômico e social do país. Cabe ao Estado induzir 10 uma política distributiva conforme a qual quem ganha mais pague proporcionalmente mais do que quem ganha menos e a maior parcela do orçamento seja destinada para 13 as necessidades básicas da população.

A justiça tributária ocorre com a redução da carga tributária e da regressividade dos tributos e com sua 16 eliminação da cesta básica. A redução da carga tributária permite maior competitividade para as empresas, geração de empregos, diminuição da inflação e indução do 19 crescimento econômico.

Com a redução da carga tributária sobre o consumo, todos ganham: a população de baixa e média renda, 22 pela melhora no seu poder aquisitivo; a de maior renda, pelo desenvolvimento econômico e social, que gera ganhos econômicos e financeiros, novas oportunidades e expansão 25 da oferta de empregos.

Por outro lado, a substituição dos tributos indiretos, que atingem o fluxo econômico, por tributos que incidam 28 sobre o estoque da riqueza tem o mérito de criar maior desenvolvimento econômico, pois gera mais consumo, produção e lucros que compensam a tributação sobre a riqueza.

31 O desenvolvimento econômico amplia a arrecadação pública, proporcionando maiores recursos para investimentos em políticas sociais e em infraestrutura, além de gerar

34 maior atratividade para os investimentos nas empresas.

Amir Kjaer. Le monde diplomatique Brasil. 12.^a ed. Internet: <<https://diplomatie.org.br>> (com adaptações).

QUESTÃO 48 (CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018) Na opinião do autor do **Texto 1A10AAA**, a carga tributária brasileira deveria ser menos regressiva.

QUESTÃO 49 (CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018) No **Texto 1A10AAA**, o autor defende a ideia de que o desenvolvimento econômico é relacionado à distribuição tributária.

QUESTÃO 50 (CESPE/MÉDIO/STM/2018)

Texto CB4A1AAA

1 Narração é diferente de narrativa, uma vez que mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de 4 acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está presente em tudo: na sequência de entrada, prato principal e sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas, 7 peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas, desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas, 10 nos vídeos, videogames e jogos de tabuleiro. A narração, por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia.

Uma contagem de palavras na base de dados do 13 Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas seu sentido vem mudando.

16 A expressão disputa de narrativas, que teve um *boom*
dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito
à acepção mais literária do termo, como narrativa de um
19 romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de
narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser
elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez
22 aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda
narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um
movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas
25 escolhas de um narrador.

Sofia Nestrovski. Narrativa. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

Há cerca de três décadas, em contextos históricos, culturais e literários, o termo narrativa passou a ser considerado um sinônimo de narração.

GABARITO

- | | |
|-------|-------|
| 1. C | 28. C |
| 2. E | 29. E |
| 3. E | 30. E |
| 4. E | 31. E |
| 5. E | 32. E |
| 6. E | 33. C |
| 7. C | 34. E |
| 8. E | 35. C |
| 9. E | 36. E |
| 10. E | 37. C |
| 11. E | 38. E |
| 12. E | 39. C |
| 13. C | 40. E |
| 14. E | 41. C |
| 15. E | 42. C |
| 16. E | 43. C |
| 17. E | 44. E |
| 18. C | 45. C |
| 19. E | 46. E |
| 20. C | 47. C |
| 21. E | 48. C |
| 22. E | 49. C |
| 23. E | 50. E |
| 24. E | |
| 25. C | |
| 26. C | |
| 27. C | |

GABARITO COMENTADO

(CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018)

Texto CB1A1AAA

1 Já houve quem dissesse por aí que o Rio de Janeiro é a cidade das explosões. Na verdade, não há semana em que os jornais não registrem uma aqui e ali, na parte rural.

4 A ideia que se faz do Rio é a de que é ele um vasto paiol, e que vivemos sempre ameaçados de ir pelos ares, como se estivéssemos a bordo de um navio de guerra, ou habitando 7 uma fortaleza cheia de explosivos terríveis.

Certamente que essa pólvora terá toda ela emprego útil; mas, se ela é indispensável para certos fins industriais, 10 convinha que se averiguassem bem as causas das explosões, se são acidentais ou propositais, a fim de que fossem removidas na medida do possível. Isso, porém, é que não se tem dado e 13 creio que até hoje não têm as autoridades chegado a resultados positivos.

Entretanto, é sabido que certas pólvoras, submetidas 16 a dadas condições, explodem espontaneamente, e tem sido essa a explicação para uma série de acidentes bastante dolorosos, a começar pelo do Maine, na baía de Havana, sem esquecer 19 também o do Aquidabã.

Noticiam os jornais que o governo vende, quando avariada, grande quantidade dessas pólvoras. 22 Tudo indica que o primeiro cuidado do governo devia ser não entregar a particulares tão perigosas pólvoras, que explodem assim sem mais nem menos, pondo pacíficas vidas 25 em constante perigo.

Creio que o governo não é assim um negociante ganancioso que vende gêneros que possam trazer a destruição de vidas preciosas; e creio que não é, porquanto anda sempre zangado com os farmacêuticos que vendem cocaína aos suicidas. Há sempre no Estado curiosas contradições.

Lima Barreto. Pólvora e cocaína In: Vida urbana, 5/1/1915

Internet: <www.dominiopublico.gov.br> (com adaptações)

Com relação às ideias do **Texto** CB1A1AAA, que data de janeiro de 1915, julgue os itens a seguir.

QUESTÃO 1 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Infere-se do **Texto** que seu autor concorda com a ideia de que a cidade do Rio de Janeiro, à época, assemelhava-se a um vasto paiol.

Certo.

É possível inferir, sim, que o autor concorda com a ideia de que o Rio se parecia com um vasto paiol. Isso porque em diversos momentos ao longo do texto o autor cita casos de acidentes envolvendo explosões.

QUESTÃO 2 (CESPE/EBSERH/SUPERIOR/2018) Conforme o **Texto**, o governo vendia a particulares todo o excedente de explosivos não utilizados.

Errado.

Segundo o texto, o governo vende, **quando avariada**, grande quantidade dessas pólvoras. Assim, não são vendidos os **explosivos não utilizados**.

QUESTÃO 3 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Conclui-se do **Texto** que as autoridades do estado do Rio de Janeiro eximiam-se de investigar as causas das explosões que ocorriam no estado.

Errado.

Pela leitura do texto, não é possível afirmar que as autoridades se eximiam (desobrigavam-se) de investigar. O autor do texto afirma que “convinha que se averiguassem bem as causas das explosões, se são acidentais ou propositais, a fim de que fossem removidas na medida do possível.” Dessa afirmação, não se pode concluir que o estado se eximia.

(CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018)

Texto CB1A1BBB

1 São José do Rio Preto, centro urbano de tamanho
médio, com cerca de 408 mil habitantes em 2010, localizada na
região noroeste do estado de São Paulo, em área de clima
4 tropical, é uma cidade reconhecida pelo seu calor intenso. Em
1985, a Superintendência de Controle de Endemias do Estado
de São Paulo detectou a presença de focos do *Aedes aegypti*
7 em doze cidades paulistas, entre elas, São José do Rio Preto, e
confirmou sua reintrodução no estado. Os focos foram
encontrados em locais com concentração de recipientes,
10 denominados pontos estratégicos (PEs). Foi então estruturado
o Programa de Controle de *Aedes aegypti* em São Paulo, que
previa a visitação sistemática e periódica aos PEs dos
13 municípios e a realização de delimitações de foco, quando do
encontro de sítios positivos. Considerava-se que o vetor estava
presente em um município quando continuava presente nos
16 imóveis após a realização das medidas de controle que vinham
associadas à delimitação de foco.

Logo após a detecção de focos positivos do mosquito
19 em São José do Rio Preto, realizaram-se as delimitações e a
aplicação de controle, as quais não foram suficientes para
eliminar o vetor. Diante da situação, em 1985, o município foi

22 definido como área de infestação domiciliar e risco de dengue.

Os primeiros casos autóctones da dengue no município foram registrados em 1991, atribuídos ao sorotipo DENV1. A

25 primeira grande epidemia ocorreu em 1995, com 1.462 casos autóctones. Posteriormente, com a introdução dos demais sorotipos, as incidências (casos/100 mil habitantes/ano)

28 apresentaram comportamento cíclico: em 1999, 1.351,1; em 2006, 2.935,7; em 2010, ano da maior incidência, 6.173,8; e, em 2015, até outubro, a segunda maior incidência, 5.070,8.

31 Apesar de não se descartar a hipótese de que o aumento progressivo das incidências da dengue no município

já seria um efeito do aumento das temperaturas, parece que

34 esse fenômeno estaria mais relacionado com a circulação dos múltiplos sorotipos do vírus da dengue. De modo geral, a

persistência e a intensidade da dengue em São José do Rio

37 Preto são esperadas por se tratar de cidade de clima tropical e com condições ideais para o desenvolvimento do vetor e de sua relação com o patógeno.

Internet: <www.revistas.usp.br> (com adaptações)

Com relação às ideias do **Texto** CB1A1BBB, julgue os itens que se seguem.

QUESTÃO 4 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Segundo o **Texto**, realizava-se a delimitação de foco, medida de prevenção à reprodução do *Aedes aegypti*, no caso de serem identificados os pontos estratégicos de ocorrência do mosquito em São José do Rio Preto.

Errado.

A realização de delimitações de foco ocorria quando do encontro de sítios positivos.

QUESTÃO 5 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) De 1991 a 2015, houve um aumento progressivo de casos de dengue no município de São José do Rio Preto, devido à resistência do mosquito *Aedes aegypti* às medidas implantadas para seu controle.

Errado.

Segundo o texto, o aumento progressivo estaria mais relacionado com a circulação dos múltiplos sorotipos do vírus da dengue **E** ao clima/condições ideais para o desenvolvimento do vetor.

QUESTÃO 6 (CESPE/SUPERIOR/EBSERH/2018) Os vocábulos “mosquito” (l. 18) e “patógeno” (l. 39) têm o mesmo referente no **Texto**: “*Aedes aegypti*” (l. 6 e 11).

Errado.

“Mosquito” e “vetor” possuem o mesmo referente no texto: “*Aedes aegypti*”. O “patógeno”, diferentemente, é o agente específico, o causador da doença – e o mosquito *Aedes aegypti* apenas porta esse patógeno.

(CESPE/ANALISTA/STJ/2018)

Texto CB1A1CCC

1 As audiências de segunda a sexta-feira muitas vezes revelaram o lado mais sórdido da natureza humana. Eram relatos de sofrimento, dor, angústia que se transportavam da 4 cadeira das vítimas, testemunhas e réus para minha cadeira de juíza. A toga não me blindou daqueles relatos sofridos, aflitos. As angústias dos que se sentavam à minha frente, por diversas 7 vezes, me escoltaram até minha casa e passaram a ser companheiras de noites de insônia. Não havia outra solução a não ser escrever. Era preciso colocar no papel e compartilhar 10 a dor daquelas pessoas que, mesmo ao fim do processo e com a sentença prolatada, não me deixavam esquecer-las.

Foram horas, dias, meses, anos de oitivas de mães,
13 filhas, esposas, namoradas, companheiras, todas tendo em
comum a violência no corpo e na alma sofrida dentro de casa.
O lar, que deveria ser o lugar mais seguro para essas mulheres,
16 havia se transformado no pior dos mundos.

Quando finalmente chegavam ao Judiciário e se
sentavam à minha frente, os relatos se transformavam em
19 desabafos de uma vida inteira. Era preciso explicar, justificar
e muitas vezes se culpar por terem sido agredidas. A culpa por
ter sido vítima, a culpa por ter permitido, a culpa por não ter
22 sido boa o suficiente, a culpa por não ter conseguido manter a
família. Sempre a culpa.

Aquelas mulheres chegavam à Justiça buscando uma
25 força externa como se somente nós, juízes, promotores e
advogados, pudéssemos não apenas cessar aquele ciclo de
violência, mas também lhes dar voz para reagir àquela
28 violência invisível.

Rejane Jungbluth Suxberger. Invisíveis Marias: histórias além das
quatro paredes. Brasília: Trampolim, 2018 (com adaptações).

Com base no **Texto** CB1A1CCC, escrito por uma juíza acerca de casos de violência doméstica,
julgue os itens a seguir.

QUESTÃO 7 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) Infere-se do primeiro parágrafo que, para a auto-
ra, escrever foi uma espécie de processo terapêutico.

Certo.

A escrita, para a autora do texto, permitiu a ela lidar com as angústias com as quais teve con-
tato nas audiências. Por isso, pode-se dizer que a escrita foi uma espécie de processo terapêu-
tico.

QUESTÃO 8 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) No terceiro parágrafo, fica clara a importância da linguagem nas audiências judiciais, momento em que as vítimas têm a oportunidade de desabafar, e os juízes, como a autora do **Texto**, de lhes explicar o trâmite da ação.

Errado.

O “dar voz para reagir àquela violência” é além do simples trâmite da ação. O processo de “dar voz” está ligado à noção de representatividade.

QUESTÃO 9 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) No **Texto**, a palavra “prolatada” (l. 11) foi empregada como sinônimo de deferida.

Errado.

A palavra “prolatada” vem do verbo “prolatar”, que significa “pronunciar uma sentença”. É esse o sentido presente na ocorrência da linha 11. Por isso, não se pode dizer que a palavra “prolatada” foi empregada como sinônimo de “deferida” (isto é, de “atendida”, “que foi atendida”), dado que a sentença poderia ser contrária ao pleito.

QUESTÃO 10 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) O referente dos sujeitos de “chegavam” (l. 17), que está elíptico, é “os relatos” (l. 18).

Errado.

O referente dos sujeitos de “chegavam” (l. 17) e “sentavam” (l. 18) é “mulheres” (l. 15). Observe que, para **interpretar** bem as relações entre os termos do texto, é preciso conhecer os referentes dos predicados, ok?

(CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018)

Texto 1A1AAA

1 Ainda existem pessoas para as quais a greve é um
"escândalo": isto é, não só um erro, uma desordem ou um
delito, mas também um crime moral, uma ação intolerável que
4 perturba a própria natureza. "Inadmissível", "escandalosa",
"revoltante", dizem alguns leitores do Figaro, comentando
uma greve recente. Para dizer a verdade, trata-se de uma
7 linguagem do tempo da Restauração, que exprime a sua
mentalidade profunda. É a época em que a burguesia, que
assumira o poder havia pouco tempo, executa uma espécie de
10 junção entre a moral e a natureza, oferecendo a uma a garantia
da outra. Temendo-se a naturalização da moral, moraliza-se a
natureza; finge-se confundir a ordem política e a ordem
13 natural, e decreta-se imoral tudo o que conteste as leis
estruturais da sociedade que se quer defender. Para os prefeitos
de Carlos X, assim como para os leitores do Figaro de hoje, a
16 greve constitui, em primeiro lugar, um desafio às prescrições
da razão moralizada: "fazer greve é zombar de todos nós", isto
é, mais do que infringir uma legalidade cívica, é infringir uma
19 legalidade "natural", atentar contra o bom senso, misto de
moral e lógica, fundamento filosófico da sociedade burguesa.

Nesse caso, o escândalo provém de uma ausência de
22 lógica: a greve é escandalosa porque incomoda precisamente
aqueles a quem ela não diz respeito. É a razão que sofre e se
revolta: a causalidade direta, mecânica, essa causalidade é
25 perturbada; o efeito se dispersa incompreensivelmente longe da
causa, escapa-lhe, o que é intolerável e chocante. Ao contrário
do que se poderia pensar sobre os sonhos da burguesia, essa

28 classe tem uma concepção tirânica, infinitamente suscetível, da
causalidade: o fundamento da moral que professa não é de
modo algum mágico, mas, sim, racional. Simplesmente,
31 trata-se de uma racionalidade linear, estreita, fundada, por
assim dizer, numa correspondência numérica entre as causas e
os efeitos. O que falta a essa racionalidade é, evidentemente,
34 a ideia das funções complexas, a imaginação de um
desdobramento longínquo dos determinismos, de uma
solidariedade entre os acontecimentos, que a tradição
37 materialista sistematizou sob o nome de totalidade.

Roland Barthes. O usuário da greve. In: R. Barthes. Mitologias.

Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio
de Janeiro: DIFEL, 2007, p. 135-6 (com adaptações).

Com relação às ideias do **Texto** 1A1AAA, julgue os itens.

QUESTÃO 11 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Infere-se do **Texto** que seu autor considera a greve um crime moral, um delito contra a natureza do mundo e da sociedade.

Errado.

O autor do texto vai justamente CONTRA a ideia de que a greve seja um crime moral, um delito. Toda a argumentação está em prol de dizer que a greve NÃO é um crime moral.

QUESTÃO 12 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Argumenta-se, no **Texto**, em favor de uma lógica natural que explique a articulação das tensões sociais que a greve manifesta.

Errado.

O autor do texto vai justamente CONTRA a adoção da lógica natural como forma de explicar as tensões sociais que a greve manifesta.

QUESTÃO 13 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Conclui-se do **Texto** que a intolerância com relação à greve advém da ignorância da complexidade de seus efeitos sobre os membros de uma sociedade.

Certo.

No último período do texto, comprovamos que a afirmação do item está certa: “O que falta a essa racionalidade é, evidentemente, a ideia das funções complexas, a imaginação de um desdobramento longínquo dos determinismos, de uma solidariedade entre os acontecimentos, que a tradição materialista sistematizou sob o nome de totalidade.”

QUESTÃO 14 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) De acordo com o **Texto**, a percepção do senso comum sobre a burguesia é a de que esta é uma classe social cujos membros são caracterizados pelo comportamento tirânico e dominador.

Errado.

De acordo com o texto, quem tem uma concepção tirânica (da causalidade) é a burguesia .

QUESTÃO 15 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Infere-se do **Texto** que é inadequada a aplicação do pensamento racional à compreensão das relações sociais.

Errado.

Segundo o texto, para se compreender adequadamente as relações sociais, é preciso adotar procedimentos que levem em conta “as funções complexas, a imaginação de um desdobramento longínquo dos determinismos [...]”. Assim, a pura adoção de um racionalismo não é suficiente para se compreender as relações sociais.

(CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018)

Texto 1A1BBB

1 Após meses de sofrimento e solidão chega o correio:

esta corrente veio da Venezuela escrita por Salomão Fuais
para correr mundo

4 faça vinte e quatro cópias e mande a amigos em lugares
distantes: antes de nove dias terá surpresa, graças a Santo
Antônio.

7 Tem vinte e quatro cópias, mas não tem amigos distantes,
José Edouard, Exército venezuelano, esqueceu de distribuir
cópias, perdeu o emprego.

10 Lupin Gobery incendiou cópia, casa pegou fogo,
metade da família morreu.

Mandar então a amigos em lugares próximos.

13 Também não tem amigos em lugares próximos.
Fecha a casa.

Deitado na cama, espera surpresa.

Rubem Fonseca. Corrente. In: Contos reunidos.

São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 324.

A respeito dos aspectos estruturais e linguísticos do **Texto 1A1BBB**, julgue os itens.

QUESTÃO 16 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) A mensagem da corrente apresenta-se em
forma de citação no interior do conto, da linha 2 à linha 11.

Errado.

A citação apresenta-se da linha 2 à linha 6, apenas.

QUESTÃO 17 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Nas linhas 12 e 13, é apresentada a conclu-
são da mensagem da corrente.

Errado.

Nas linhas 12 e 13, pode-se observar os pensamentos da personagem (o narrador, sendo onisciente, tem acesso a esse conhecimento).

QUESTÃO 18 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) O **Texto** desenvolve-se, predominantemente, com base em relações de causa e consequência.

Certo.

As consequências (perder emprego; casa pegar fogo) são resultantes de uma causa: não re-passar a corrente.

QUESTÃO 19 (CESPE/SUPERIOR/TCM-BA/2018) Na corrente predomina o uso de construções passivas para caracterizar os infortúnios decorrentes do descumprimento da mensagem.

Errado.

Há predominância de frases em **voz ativa**. Há apenas uma construção passiva, na linha 2: “escrita por Salomão Fuais”. Veja que os conhecimentos de gramática são exigidos em textos de interpretação. Por isso, sempre procure correlacioná-los (gramática e texto).

QUESTÃO 20 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

1 O índice de leitura no Brasil continua baixo. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro revelou que, após sair da escola, o brasileiro lê em média 1,3 livro por ano.

4 Quando se inclui a leitura de didáticos e paradidáticos – aqueles títulos lidos por obrigação, como parte do programa de alguma disciplina –, o número sobe para 4,7. Ainda assim,

7 trata-se de uma média baixíssima se comparada à de países desenvolvidos. Cada francês, por exemplo, lê, em média,

anualmente, sete livros; na Finlândia, são mais de 25. O levantamento apontou também que 45% dos entrevistados não havia lido nenhuma obra sequer nos três meses anteriores à enquete. O estudo, feito entre novembro e dezembro de 2007, 13 também mostrou que, para os brasileiros, a leitura é apenas a quinta opção de entretenimento. Em primeiro lugar, está a televisão. Alguma surpresa?

Leitura em baixa. In: Welcome Congonhas. Camarinha Editora & Comunicação, jul./2008, p. 9 (com adaptações).

A expressão “Alguma surpresa?” (l. 15) é uma pergunta retórica acerca do fato de a leitura ser a quinta opção de entretenimento no Brasil e a televisão, a primeira.

Certo.

De fato, trata-se de uma pergunta retórica. Pelo histórico de desprestígio da cultura e da leitura em nosso país, a autora do texto lança uma pergunta que já encontra resposta por parte do leitor.

QUESTÃO 21 (CESPE/MÉDIO/STM/2018)**Texto CB4A1AAA**

1 Narração é diferente de narrativa, uma vez que mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de 4 acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está presente em tudo: na sequência de entrada, prato principal e sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas, 7 peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas, desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas, 10 nos vídeos, videogames e jogos de tabuleiro. A narração,

por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia.

Uma contagem de palavras na base de dados do

13 Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas seu sentido vem mudando.

16 A expressão disputa de narrativas, que teve um *boom* dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito

à acepção mais literária do termo, como narrativa de um

19 romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez

22 aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas 25 escolhas de um narrador.

Sofia Netrovski. Narrativa. Internet:

<www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

O vocábulo “antes” (l. 19) indica, no contexto em que se insere, circunstância temporal.

Errado.

Não há indicação de circunstância temporal, mas de **oposição**, equivalendo a “pelo contrário”, “ao contrário”.

QUESTÃO 22 (CESPE/ANALISTA/TRF 1ª/2017)

Texto 4A1AAA

Quinze de e novembro de 1889 oficializou um movimento histórico que não se consolidara: a construção de uma república brasileira. Imaginada por nossas elites políticas, 4 econômicas e intelectuais que — a despeito das divergências

– tinham em comum o sonho de criar uma civilização nos trópicos, a República era menos conquista do que projeto a 7 impor. Daí não ser mero acaso que tenha sido proclamada por militares, homens que escolheram a divisa positivista que figuraria em nossa bandeira: amor, ordem e progresso. Claro 10 que – como viris representantes da ordem – começaram por suprimir o amor do mote de Auguste Comte. Supressão até hoje desconhecida da maioria dos brasileiros, mas reveladora 13 do intuito de apagar qualquer traço do desejo no novo regime político.

O desejo era temido como incontrolável e ameaçador 16 para o almejado progresso. Mas, afinal, o que seria o progresso até hoje impresso em nossa bandeira? De acordo com as fontes da época, seria o caminho trilhado por medidas que dirigiriam 19 o Brasil para o modelo da civilização que nossas elites projetavam na Europa e nos Estados Unidos. Era um ideal baseado em uma fantasia das classes superiores, as quais não 22 apenas se imaginavam brancas como consideravam a branquitude um atributo de superioridade moral que as colocava em claro contraste com o povo, no qual projetavam 25 o atraso e a negritude. Viam o povo como uma massa heterogênea sob ameaça degenerativa a esperar pelo branqueamento para poder se tornar digna de ser reconhecida 28 como nação.

Rogério Miskolci. Uma outra história da República. In:

Revista Cult, n.º 6, ano 19, jan./2016, p. 35 (com adaptações).

A fim de exprimir seu ponto de vista acerca da construção da República, o autor emprega, na linha 6, os termos “conquista” e “projeto” como semanticamente complementares entre si.

Errado.

Os termos não são semanticamente complementares. Na verdade, “conquista” e “projeto” se opõem. Isso é comprovado pela estrutura comparativa (opositiva) *era menos x do que y*: “Imaginada por nossas elites políticas, a República era menos conquista do que projeto a impor.”

(COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA)

Um trabalho gigantesco, produzido por 500 cientistas de 300 instituições – que analisaram 187 países ao longo das últimas quatro décadas. É o Global Burden of Disease (Peso Global das Doenças), que acaba de ser publicado e é o maior estudo já realizado sobre a saúde da humanidade. Ele traz duas grandes conclusões. A boa é que a expectativa de vida aumentou em praticamente todo o mundo, e as mortes relacionadas à subnutrição caíram de 3,4 milhões, em 1990, para 1,4 milhão em 2010, último ano analisado pelo estudo. Em 1990, a subnutrição era a doença com maior “peso”, ou seja, aquela que mais tirava anos de vida saudável da humanidade. Agora, ela despencou para oitavo lugar. Mas a obesidade, eis a má notícia, subiu de décimo para sexto – e a má alimentação, com uma dieta pobre em nutrientes, aparece em quinto (os quatro maiores fatores de risco são pressão alta, tabagismo, uso de álcool e poluição). “As dietas pobres em frutas, verduras e grãos integrais têm impacto surpreendente”, escrevem os autores do estudo. A pesquisa constatou que, entre 1990 e 2010, a expectativa de vida global dos homens subiu de 62,8 para 67,5 anos, e a das mulheres subiu de 68,1 para 73,3. Ou seja: as mulheres ampliaram em seis meses a vantagem que levam sobre os homens. Mas nem todos os países evoluíram. Na Bielorrússia, os homens perderam 1,4 ano por causa do aumento no consumo de álcool. E Lesoto, na África, viu sua expectativa de vida desabar – regrediu 12,2 anos entre os homens e 14,7 entre as mulheres – devido à epidemia de Aids.

(Adaptado de: NOGUEIRA, S.; GARATTONI, B. Obesidade já mata mais gente do que fome. SuperInteressante. São Paulo, Ed. Abril, fev. 2013. p.10.)

A respeito da linguagem utilizada no texto, julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir.

QUESTÃO 23 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta uma linguagem lacônica, com ineficácia vocabular.

Errado.

Primeiramente, o texto não necessariamente é lacônico (lacônico significa “que se exprime por poucas palavras”), mas podemos dizer que é conciso. Também não se pode afirmar que há ineficácia vocabular.

QUESTÃO 24 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Trata-se de linguagem conotativa, metafórica, cujos sentidos variam conforme o contexto.

Errado.

O texto não possui linguagem conotativa, mas **denotativa**. Os termos significam o que significam.

QUESTÃO 25 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta linguagem concisa, dados estatísticos e adequação vocabular.

Certo.

A concisão é uma característica do texto, o qual transmite ao leitor informações objetivas (dados estatísticos) com precisão vocabular (denotativas e literal).

QUESTÃO 26 (COPS-UEL/ASSISTENTE/AFPR/2013 - ADAPTADA) Trata-se de linguagem denotativa, cujos sentidos são iguais tanto para o emissor quanto para o receptor.

Certo.

Como já observamos, o texto está fundado em linguagem denotativa e literal.

(COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013)

A imagem de presos apinhados numa cela, de tão repetida, já anestesia os paranaenses. Parece se tratar de mais um dos problemas crônicos, como de resto, com os quais deve-

ríamos nos acostumar – ao lado de morros desabando e concessões à corrupção. O risco de virar rotina é, de fato, de alta probabilidade. Como já chegou a declarar o sociólogo Francisco de Oliveira, o sistema prisional é a única instituição pública mantida pelo cidadão brasileiro, mas que não lhe diz respeito. Pouco sabe do assunto e pouco lhe é dito. Por tabela, pouco pergunta, perpetuando a ignorância.

Cadeia e delegacia são vistas como questões do Estado, com as quais não devemos nos meter. O preço pago por essa cultura é alto – estamos entre as nações de destaque no desrespeito aos direitos humanos nas prisões. Somos de ponta em administração do mundo do crime pelos que estão atrás das grades. Tão grave é que uma das frases de 2012 foi a do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, declarando preferir morrer a ir para uma prisão brasileira. Poderia ser repetida em coro por 190 milhões em ação.

Em meio a esse cenário, uma boa notícia, publicada quinta-feira passada nesta Gazeta do Povo. Nos dois últimos anos, o governo do estado conseguiu reduzir em 40% o número de presos em delegacias.

Foram transferidos para espaços adequados. É quase metade da bomba desarmada – eram 16,2 mil presos; sobraram 9,1 mil à espera de tratamento adequado: eles ainda dormem na delegacia. O interior, em particular, ressentido de medidas, é verdade, mas nada que tire o brilho da notícia – a melhor dos últimos tempos em se tratando do sistema prisional no Paraná.

As delegacias funcionam como escoadouro das cadeias. São sempre o pior remendo para o soneto. Impossível esquecer as descrições que os presos dão dos pequenos espaços divididos por multidões. Cheiros insuportáveis, três camas para 30 pessoas, hierarquias absurdas, ditando quem manda e quem obedece. Tão absurdo quanto é deduzir que o estágio a que se chegou é resultado do descaso geral da nação com o assunto, fazendo crescer o obscurantismo em torno das matrizes da violência.

São variações para o tema, é verdade. Se a palavra de ordem for olhar para frente, a palavra certa é mirar no exemplo dado pela secretária de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Maria Teresa Uille Gomes. Ela agarrou esse touro à unha e seus esforços merecem continuidade. Sim, porque a redução de 40% deixa ainda 60% por vir. Faltam 5.634 vagas para

sanar o déficit, como informa a reportagem, extirpando de vez a prática ilegal de prender nas delegacias e não em unidades prisionais ou em centros de triagem.

Em paralelo às delegacias sendo usadas para o que de fato se destinam, devem ser impulsionados outros processos, capazes de reabilitar. E, o mais difícil, devolver a credibilidade ao sistema prisional.

De acordo com a secretária de Justiça, serão erguidos 14 presídios no Paraná até o fim de 2014. Que esses projetos andem de braço dado com a sociedade organizada. Não é impossível – as boas novas que agora recebemos de presente são uma prova disso.

Acerca da linguagem empregada no texto, julgue (Certo ou Errado) as afirmativas a seguir.

QUESTÃO 27 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta linguagem mista, formal e informal, como comprovam as expressões “obscurantismo em torno das matrizes da violência” e “agarrou esse touro à unha”, respectivamente.

Certo.

Cada expressão está situada em um tipo de linguagem:

“obscurantismo em torno das matrizes da violência” – FORMAL

“agarrou esse touro à unha” – INFORMAL.

É por isso (dentre outros exemplos) que o texto pode ser classificado como **misto**.

QUESTÃO 28 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta trechos com linguagem figurada, conotativa, usando metáforas para expressar os sentidos, por exemplo, “é quase metade da bomba desarmada” e “são sempre o pior remendo para o soneto”.

Certo.

Essas características (linguagem figurada, conotativa, uso de metáforas), além do indicado no item, trazem ao texto **alta expressividade**.

QUESTÃO 29 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta exclusivamente linguagem técnica, de cunho formal, com dados estatísticos para confirmar as informações veiculadas, por exemplo, "faltam 5.634 vagas para sanar o déficit".

Errado.

Realmente, como já notei em comentário anterior, o texto apresenta características mistas de linguagem formal e informal.

QUESTÃO 30 (COPS-UEL/AGENTE/SEAP-PR/2013 - ADAPTADA) O texto apresenta exclusivamente linguagem denotativa, literal, cujo objetivo é gerar formalidade e maior credibilidade às informações que estão sendo veiculadas.

Errado.

De fato, o texto apresenta características mistas de linguagem denotativa/literal e conotativa/não literal.

(QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA)

Há coisas que estão além das palavras. Os cientistas, os filósofos e os professores são aqueles que se dedicam a ensinar as coisas que podem ser ensinadas. Coisas que são ensinadas são aquelas que podem ser ditas. Sobre a solidariedade muitas coisas podem ser ditas. Por exemplo: eu acho possível desenvolver uma psicologia da solidariedade. Acho também possível desenvolver uma sociologia da solidariedade. E, filosoficamente, uma ética da solidariedade... Mas os saberes científicos e filosóficos da solidariedade não ensinam a solidaria-

de, da mesma forma como a crítica da música e da pintura não ensina às pessoas a beleza da música e da pintura. A solidariedade, como a beleza, é inefável – está além das palavras.

Palavras que ensinam são gaiolas para pássaros engaioláveis. Os saberes, todos eles, são pássaros engaiolados. Mas a solidariedade é um pássaro que não pode ser engaiolado. Ela não pode ser dita. A solidariedade pertence a uma classe de pássaros que só existe em voo. Engaiolados, esses pássaros morrem.

O que pode ser ensinado são as coisas que moram no mundo de fora: astronomia, física, química, gramática, anatomia, números, letras, palavras. Mas há coisas que não estão do lado de fora. Coisas que moram dentro do corpo. Estão enterradas na carne, como se fossem sementes à espera... Uma dessas sementes é a solidariedade.

A solidariedade não é uma entidade do mundo de fora, ao lado de estrelas, pedras, mercadorias, dinheiro, contratos. Se ela fosse uma entidade do mundo de fora, poderia ser ensinada e produzida. A solidariedade é uma entidade do mundo interior. Solidariedade nem se ensina, nem se ordena, nem se produz. A solidariedade tem de brotar e crescer como uma semente...

A solidariedade é como um ipê: nasce e floresce. Mas não em decorrência de mandamentos éticos ou religiosos. Não se pode ordenar: "Seja solidário!". A solidariedade acontece como um simples transbordamento.

Já disse que solidariedade é um sentimento. É esse o sentimento que nos torna mais humanos. É um sentimento estranho, que perturba nossos próprios sentimentos. A solidariedade me faz sentir sentimentos que não são meus, que são de um outro. O que sinto não são meus sentimentos. Isso não acontece nem por decisão racional, nem por convicção religiosa, nem por mandamento ético. É o jeito natural de ser do meu próprio corpo, movido pela solidariedade.

Rubem Alves. É assim que acontece a bondade.

Internet: (com adaptações).

Julgue os itens que se seguem, em relação ao texto e a seus aspectos linguísticos.

QUESTÃO 31 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) Com a expressão “Já disse que solidariedade é um sentimento”, o autor faz uma intertextualidade, referindo-se a um texto de sua autoria produzido no passado.

Errado.

O autor faz referência ao que disse no próprio texto, não um texto produzido no passado.

QUESTÃO 32 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) O texto consiste em uma narrativa a respeito do sentimento de solidariedade.

Errado.

O texto não é uma narração, mas uma dissertação.

QUESTÃO 33 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018 - ADAPTADA) De acordo com o texto, a solidariedade não é uma mercadoria que se possa produzir.

Certo.

Essa afirmativa é encontrada no quarto parágrafo do texto: “A solidariedade não é uma entidade do mundo de fora, ao lado de estrelas, pedras, mercadorias, dinheiro, contratos. Se ela fosse uma entidade do mundo de fora, poderia ser ensinada e produzida. A solidariedade é uma entidade do mundo interior. Solidariedade nem se ensina, nem se ordena, **nem se produz**. A solidariedade tem de brotar e crescer como uma semente...”

QUESTÃO 34 (QUADRIX/ADMINISTRATIVO/CRM-DF/2018) Depreende-se da leitura do texto que a solidariedade se opõe às convicções religiosas.

Errado.

Não há elementos no texto que confirmem a ideia de que a solidariedade se **opõe** às convicções religiosas. Apenas se afirma que a solidariedade é, em diversos aspectos, diferente da natureza das convicções religiosas.

QUESTÃO 35

(QUADRIX/ADMINISTRADOR/CRA-AC/2016 - ADAPTADA).





Sobre a tirinha, julgue o item.

A interrogativa que inicia a fala do terceiro quadrinho faz imaginar que o interlocutor do funcionário do depósito tenha pedido uma sugestão a ele.

Certo.

A pergunta do funcionário do depósito realmente está ancorada (apoiada) na fala do interlocutor.

(QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA).



(www.lapisraro.com.br)

A respeito da semântica das palavras empregadas na tirinha, julgue as afirmativas a seguir.

QUESTÃO 36 (QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA) A pergunta "Jura?" (2º quadrinho) significa que uma das moças duvida da história da outra.

Errado.

O valor da pergunta, no quadrinho, é a de confirmação e de marcação de entusiasmo por parte da interlocutora.

QUESTÃO 37 (QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA) A expressão “Olha só” (2º quadrinho) significa que uma das moças está positivamente surpresa com o relato da outra.

Certo.

A expressão, pontuada com exclamação, indica reação **positiva** por parte da interlocutora, semelhantemente à pergunta que inicia o quadrinho em análise (o 2º).

QUESTÃO 38 (QUADRIX/AGENTE/CRF-RJ/2015 - ADAPTADA) O termo “Menina” (1º quadrinho) é um vocativo, o qual tem a função de chamar a atenção de leitoras do sexo feminino.

Errado.

O termo é um vocativo, mas o chamamento não é direcionado às leitoras; na verdade, o chamamento é dirigido à interlocutora do diálogo.

(CESPE/ANALISTA/STJ/2018)

Texto CB1A1AAA

1 No pensamento filosófico da Antiguidade, a dignidade
(dignitas) da pessoa humana era alcançada pela posição social
ocupada pelo indivíduo, bem como pelo grau de
4 reconhecimento dos demais membros da comunidade. A partir
disso, poder-se-ia falar em uma quantificação (hierarquia) da
dignidade, o que permitia admitir a existência de pessoas mais
7 dignas ou menos dignas.

Frise-se que foi a partir das formulações de Cícero que
a compreensão de dignidade ficou desvinculada da posição
10 social. O filósofo conferiu à dignidade da pessoa humana um
sentido mais amplo ligado à natureza humana: todos estão
sujeitos às mesmas leis da natureza, que proíbem que uns
13 prejudiquem aos outros.

No círculo de pensamento jusnaturalista dos séculos XVII – e XVIII, a concepção da dignidade da pessoa humana passa por um procedimento de racionalização e secularização, mantendo-se, porém, a noção básica da igualdade de todos os homens em dignidade e liberdade. Nesse período, destaca-se a concepção de Emmanuel Kant de que a autonomia ética do ser humano é o fundamento da dignidade do homem. Incensurável é a permanência da concepção kantiana no sentido de que a dignidade da pessoa humana repudia toda e qualquer espécie de coisificação e instrumentalização do ser humano.

Antonio da Rocha Lourenço Neto. Direito e humanismo: visão filosófica, literária e histórica. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2013, p.148-9 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do **Texto** CB1A1AAA, julgue os próximos itens.

QUESTÃO 39 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) Conclui-se do **Texto**, especialmente pelo emprego de “Incensurável” (l. 20), que seu autor considera correto o posicionamento de Kant sobre a dignidade humana.

Certo.

O uso do termo “incensurável” é marca linguística que comprova como o autor concorda com Kant, considerando correto (sem censura, sem restrição) o posicionamento deste.

QUESTÃO 40 (CESPE/ANALISTA/STJ/2018) No primeiro parágrafo, os parênteses foram empregados para isolar palavras cuja função é explicar o sentido do elemento que imediatamente lhes antecede.

Errado.

A função linguístico-discursiva não é a de explicar, mas de especificar a tradução e o sentido dos termos.

(CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

Posso conceber um homem sem mãos, pés, cabeça (pois só a experiência nos ensina que a cabeça é mais necessária do que os pés); mas não posso conceber o homem sem pensamento: seria uma pedra ou um animal.

Instinto e razão, marcas de duas naturezas.

O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso.

Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Daí ser preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que não podemos preencher. Trabalhem, pois, para bem pensar.

Não é no espaço que devo buscar minha dignidade, mas na ordenação de meu pensamento. Não terei mais possuindo terras; pelo espaço, o universo me abarca e traga como um ponto; pelo pensamento, eu o abarco.

Blaise Pascal. Um caniço pensante. In: Pensamentos. Trad. Sérgio Milliet. 2.^a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 123-4 (com adaptações)

Com base no texto precedente, julgue os seguintes itens.

QUESTÃO 41 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Depreende-se do **Texto** que bens materiais em nada dignificam o homem, podendo somente a razão fazê-lo.

Certo.

Segundo o texto, “toda a nossa dignidade consiste, pois, **no pensamento**” (razão). Assim, é possível depreender que, para o autor, os bens materiais em nada dignificam o homem.

QUESTÃO 42 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Para o autor do **Texto**, o ser humano, apesar da condição de “caniço”, é superior ao universo, porque detém a faculdade do pensamento.

Certo.

A afirmação presente no item é corroborada pelo terceiro parágrafo, no qual lemos que, apesar de caniço, o homem é mais nobre (em comparação a quem o mata).

(CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018)

Texto 11A3CCC

1 Ainda na infância, a literatura me encantou, me
conquistou: as histórias com suas tramas, os poemas com sua
musicalidade, seu uso especial da linguagem, todos com uma
4 precisão e um concretizar de fatos e sentimentos que a intuição
apenas adivinhava. Acho que foi isso que me fez amar a língua,
e esse amor me fez querer ser professor de Língua Portuguesa.
7 Já quando estava na quarta série do ginásio (hoje nono ano do
ensino fundamental), tinha certeza de que queria ser
professor... de Língua Portuguesa.
10 Quem, além de um poeta, poderia chamar a nossa
língua de “última flor do Lácio inculta e bela”? Quem, além de
Bandeira, poderia ir “embora pra Pasárgada... uma outra
13 civilização, para andar de bicicleta, montar em burro bravo,
subir em pau de sebo e tomar banho de mar”? Viajando por
entre as palavras mágicas de poetas, contistas, romancistas, fui

16 percorrendo os caminhos e descaminhos da linguagem.

Aos poucos cresceu no meu conhecimento a gramática
e a seguir a linguística com todas as suas correntes e
19 disciplinas. Aumentou assim o meu entusiasmo pelas
possibilidades expressivas da língua, sua relação com os
recursos linguísticos e seu funcionamento em textos resultantes
22 de sujeitos, de ideologias, de atividades e esferas de ação do
ser humano concretizando modos/formas e objetivos de ação
em tipos de gêneros e espécies de textos.

25 Parece-me, pois, que primeiro a literatura nos faz
sentir o que a língua é e pode, e, só depois, a gramática e a
linguística nos possibilitam saber o que é e como a língua é e
28 o que ela pode.

A literatura concentra, converge, encontra
possibilidades de expressão presentes na língua em todas as
31 suas variedades escritas e orais. Mesmo atualmente, quando os
estudos linguísticos se acostumaram a observar, descrever e
explicar os recursos da língua e seus usos nas variedades orais
34 e escritas não literárias (como na imprensa falada e escrita,
nos documentos orais e em todos os gêneros de todas as
esferas de ação social ou comunidades discursivas), parece
37 que a literatura continua a *Senhora* que nos mostra e aponta
a magia da língua.

É por esse espírito que acredito que ser linguista
40 ou gramático, ser professor de Língua Portuguesa tem
mais brilho, mais sabor, mais verdade, mais possibilidade
quando se acredita, mais ainda, quando se sabe que língua e
43 literatura são uma só coisa e que a segunda é a primeira
transformada em arte, que a literatura é o que há de mais livre,

mais forte e, por que não dizer, de mais belo de tudo o que se
46 pode fazer com a língua.

Luiz Carlos Travaglia. Da infância à ciência: língua e literatura. In: Beth Brait. Literatura e outras linguagens. São Paulo: Contexto, 2010, p. 36-8 (com adaptações).

Com relação às ideias e à textualidade do **Texto** 11A3CCC, julgue os seguintes itens.

QUESTÃO 43 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) No **Texto**, predomina a concepção de que o uso da língua corresponde a um conjunto de práticas sociais que determinam os diferentes modos e formatos da comunicação linguística.

Certo.

A concepção de que o uso da língua corresponde a um conjunto de práticas sociais está presente no seguinte trecho do texto: “seu funcionamento em textos resultantes de sujeitos, de ideologias, de atividades e esferas de ação do ser humano concretizando modos/formas e objetivos de ação em tipos de gêneros e espécies de textos”.

QUESTÃO 44 (CESPE/PROFESSOR/SEDUC-AL/2018) Infere-se do **Texto** que seu autor preferiria ter sido professor de Literatura Brasileira a professor de Língua Portuguesa.

Errado.

Para o autor, língua e literatura são uma só coisa – e o ofício de ser professor de Língua Portuguesa tem mais brilho quando se sabe isso.

(CESPE/AGENTE/ABIN/2018)

Texto CB3A1BBB

1 Na legislação interna dos países, a espionagem
costuma ser juridicamente entendida como a obtenção
sub-reptícia e indevida de informação sigilosa do Estado. Esse
4 tipo de conduta é criminalizado pela legislação de cada país. O

mesmo se pode dizer do vazamento, que guarda estreita relação com a espionagem e que consiste na divulgação indevida de 7 informações por quem tem o dever legal do sigilo.

A espionagem é um dos poucos crimes na legislação brasileira que podem, em tempo de guerra, levar à pena de 10 morte, seja o condenado nacional ou estrangeiro, civil ou militar, além de, em tempo de paz, sujeitar o militar que a pratique à indignidade para o oficialato.

13 Se praticada por autoridade superior, a espionagem pode configurar, além de infração penal, crime de responsabilidade, que, a despeito do nome, não tem natureza de 16 crime em sentido técnico, mas, sim, de infração política sujeita a cassação de mandato e suspensão de direitos políticos.

Fábio de Macedo Soares Pires Condeixa. Espionagem e direito. In:

Revista Brasileira de Inteligência, n.º 10, 2015, p. 25-6 (com adaptações).

A propósito das ideias e dos aspectos linguísticos do **Texto** CB3A1BBB, julgue os itens subseqüentes.

QUESTÃO 45 (CESPE/AGENTE/ABIN/2018) A “estreita relação” (l. 5) entre o “vazamento” (l. 5) e a “espionagem” (l. 6) refere-se tanto ao objeto com que lidam seus agentes — informações sigilosas — quanto aos meios indevidos de que esses agentes se utilizam — para obter esse objeto, no caso da espionagem, e para torná-lo público, no caso do vazamento.

Certo.

O item realiza correta análise de como os termos estão intimamente relacionados (principalmente em relação aos atos de espionagem e vazamento).

QUESTÃO 46 (CESPE/AGENTE/ABIN/2018) O **Texto** aponta que, embora haja consenso entre os países acerca da definição do que vem a ser espionagem, a criminalização dessa conduta não é universal, a exemplo do caso brasileiro, país onde o acusado de espionagem é sentenciado à morte apenas em situações extremas.

Errado.

A partir da leitura do texto, não podemos interpretar que há consenso entre os países acerca da definição do que vem a ser espionagem, pois lemos que “a espionagem **costuma ser**” (ou seja, não se trata de consenso).

QUESTÃO 47 (CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018)

Texto 1A9BBB

1 Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo
de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua
portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade
4 do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem
índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em
português, mas em uma língua de origem indígena,
7 derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasiliana ou,
mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de
10 língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje
empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista,
que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia
13 do país e na língua portuguesa. São elas que nos
possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé
socando milho para preparar mingau — sem os termos
16 que migraram para o português, só veríamos um habitante
da área rural, melancólico, preparando comida às margens

de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé,
19 sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma
bucólica paisagem inglesa.

O idioma da gente paulista formou-se como
22 resultado de duas práticas: a miscigenação de portugueses
e índias e a escravização dos índios. Os primeiros europeus
que aqui aportaram, sem mulheres, uniram-se às nativas
25 e criaram os filhos juntos e misturados – as crianças
usavam o tupi da mãe e o português do pai. Aos poucos,
essas famílias mestiças se afastavam da cultura indígena
28 e casavam entre si, não mais em suas aldeias de origem.
Formava-se assim uma cultura mameluca, nem europeia
nem indígena, com uma língua que já não era o tupi, tampouco
31 era o português. Era o que falavam os primeiros paulistas,
os bandeirantes, que a difundiram nas bandeiras até as terras
que hoje constituem o Mato Grosso e o Paraná.

Branca Vianna. O contrário da memória. In: Piauí, ed. 116, maio/2016 (com adaptações).

Depreende-se do segundo parágrafo do **Texto** 1A9BBB que, no trecho “São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau”, o propósito do autor é ilustrar a influência da língua geral no vocabulário do português falado no Brasil.

Certo.

A análise está correta. Se seguirmos a leitura do segundo parágrafo, veremos que o autor busca reforçar a influência da língua geral por meio de um contraste (paráfrase utilizando outros vocábulos não provenientes da língua geral).

(CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018)

Texto 1A10AAA

1 A justiça tributária está em debate. O Brasil possui um sistema tributário altamente regressivo: quem ganha até dois salários mínimos paga 49% dos seus rendimentos 4 em tributos, enquanto quem ganha acima de trinta salários mínimos paga apenas 26%. Isso ocorre porque, na comparação internacional, se tributa excessivamente o consumo, e não 7 o patrimônio e a renda.

A má distribuição tributária e de renda restringe o potencial econômico e social do país. Cabe ao Estado induzir 10 uma política distributiva conforme a qual quem ganha mais pague proporcionalmente mais do que quem ganha menos e a maior parcela do orçamento seja destinada para 13 as necessidades básicas da população.

A justiça tributária ocorre com a redução da carga tributária e da regressividade dos tributos e com sua 16 eliminação da cesta básica. A redução da carga tributária permite maior competitividade para as empresas, geração de empregos, diminuição da inflação e indução do 19 crescimento econômico.

Com a redução da carga tributária sobre o consumo, todos ganham: a população de baixa e média renda, 22 pela melhora no seu poder aquisitivo; a de maior renda, pelo desenvolvimento econômico e social, que gera ganhos econômicos e financeiros, novas oportunidades e expansão 25 da oferta de empregos.

Por outro lado, a substituição dos tributos indiretos, que atingem o fluxo econômico, por tributos que incidam

28 sobre o estoque da riqueza tem o mérito de criar maior desenvolvimento econômico, pois gera mais consumo, produção e lucros que compensam a tributação sobre a riqueza.

31 O desenvolvimento econômico amplia a arrecadação pública, proporcionando maiores recursos para investimentos em políticas sociais e em infraestrutura, além de gerar

34 maior atratividade para os investimentos nas empresas.

Amir Kjaer. Le monde diplomatique Brasil. 12.^a ed. Internet: <<https://diplomatie.org.br>> (com adaptações).

QUESTÃO 48 (CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018) Na opinião do autor do **Texto** 1A10AAA, a carga tributária brasileira deveria ser menos regressiva.

Certo.

Primeiramente, o autor monta um panorama sobre o que é uma carga tributária regressiva. Em seguida, busca demonstrar (e convencer o leitor) como uma carga tributária menos regressiva pode ser benéfica para o país.

QUESTÃO 49 (CESPE/AUDITOR/SEFAZ-RS/2018) No **Texto** 1A10AAA, o autor defende a ideia de que o desenvolvimento econômico é relacionado à distribuição tributária.

Certo.

No texto, o autor relaciona desenvolvimento econômico a distribuição tributária (linha 19 e 23, por exemplo).

QUESTÃO 50 (CESPE/MÉDIO/STM/2018)**Texto CB4A1AAA**

1 Narração é diferente de narrativa, uma vez que
mantém algo da ideia de acompanhar os fatos à medida que
eles acontecem. A narrativa é uma totalidade de
4 acontecimentos encadeados, uma espécie de soma final, e está
presente em tudo: na sequência de entrada, prato principal e
sobremesa de um jantar; em mitos, romances, contos, novelas,
7 peças, poemas; no Curriculum vitae; na história dos nossos
corpos; nas notícias; em relatórios médicos; em conversas,
desenhos, sonhos, filmes, fábulas, fotografias. Está nas óperas,
10 nos vídeos, videogames e jogos de tabuleiro. A narração,
por sua vez, é basicamente aquilo que um narrador enuncia.

Uma contagem de palavras na base de dados do
13 Google mostra uma mudança nos usos de narrativa. A palavra
vem sendo cada vez mais empregada nas últimas décadas, mas
seu sentido vem mudando.

16 A expressão disputa de narrativas, que teve um *boom*
dos anos 80 do século XX para cá, não costuma dizer respeito
à aceção mais literária do termo, como narrativa de um
19 romance. Fala antes sobre trazer a público diferentes formas de
narrar o mundo, para que narrativas plurais possam ser
elaboradas e disputadas. É um uso do termo que talvez
22 aproxime narrativa de narração, porque sugere que toda
narrativa histórica e cultural carrega em si um processo e um
movimento e que dentro dela há sempre sinais deixados pelas
25 escolhas de um narrador.

Sofia Netrovski. Narrativa. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

Há cerca de três décadas, em contextos históricos, culturais e literários, o termo narrativa passou a ser considerado um sinônimo de narração.

Errado.

Os termos não são considerados sinônimos. Em diversos pontos do texto, a autora faz a diferenciação entre narrativa e narração (linhas 10 e 11). Nas linhas de 21 a 25, a autora faz uma aproximação entre os sentidos dos termos, mas nunca são tomados como sinônimos.

QUESTÕES DE CONCURSO - LISTA II

QUESTÃO 1 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

Brioche Maria Antonieta: por eles muitos já perderam a cabeça.

Experimente!

Esse anúncio apareceu numa padaria de uma pequena comunidade do interior do Brasil. A inadequação dessa mensagem provém do(da):

- a) expressão linguística de difícil entendimento.
- b) uso agressivo do imperativo.
- c) referências culturais de difícil identificação.
- d) destaque de aspectos negativos do produto.
- e) ausência da indicação de preço do produto.

QUESTÃO 2 (FGV/ANALISTA/MPE-BA/2017) A frase abaixo que NÃO mostra intertextualidade é:

- a) Mais vale um pássaro voando que dois na mão.
- b) Brasil? Fraude explica.
- c) Presidente diz que facínoras roubam a verdade.
- d) Nossa rua tem palmeiras, mas sabiá não canta...

QUESTÃO 3 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) A frase abaixo que não apresenta intertextualidade com um texto amplamente conhecido é:

- a) A Universidade Santa Úrsula adverte: frequentar certos cursos faz mal ao bolso!
- b) A situação econômica do Brasil é grave e quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça: todos devemos colaborar para que isso não piore!
- c) A ocasião faz o roubo, pois o ladrão já nasce feito!
- d) Acreditar ou não nas religiões: eis a questão!
- e) Juntos salvaremos o Brasil!

QUESTÃO 4 (FGV/TÉCNICO/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017) Assinale o segmento do texto que mostra um emprego de linguagem informal.

- a) “Posso falar de arte e artistas outra vez?”.
- b) “Ou quem sabe dou sorte e há um ou outro artista aí fora”.
- c) “O que distingue o artista é a busca incondicional da beleza”.
- d) “Para o bem e para o mal, ela interfere o tempo todo”.
- e) “A objetividade e os bons princípios são temas para outros tipos humanos”.

QUESTÃO 5 (FGV/TÉCNICO/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

Por que sentimos calafrios e desconforto ao ouvir certos sons agudos – como unhas arranhando um quadro-negro?

Esta é uma reação instintiva para protegermos nossa audição. A cóclea (parte interna do ouvido) tem uma membrana que vibra de acordo com as frequências sonoras que ali chegam. A parte mais próxima ao exterior está ligada à audição de sons agudos; a região mediana é responsável pela audição de sons de frequência média; e a porção mais final, por sons graves. As células da parte inicial, mais delicadas e frágeis, são facilmente destruídas – razão por que, ao envelhecermos, perdemos a capacidade de ouvir sons agudos. Quando frequências muito agudas chegam a essa parte da membrana, as células podem ser danificadas, pois, quanto mais alta a frequência, mais energia tem seu movimento ondulatório. Isso, em parte, explica nossa aversão a determinados sons agudos, mas não a todos. Afinal, geralmente não sentimos calafrios ou uma sensação ruim ao ouvirmos uma música com notas agudas.

Aí podemos acrescentar outro fator. Uma nota de violão tem um número limitado e pequeno de frequências – formando um som mais “limpo”. Já no espectro de som proveniente de unhas arranhando um quadro-negro (ou de atrito entre isopores ou entre duas bexigas de ar) há um número infinito delas. Assim, as células vibram de acordo com muitas frequências e aquelas presentes na parte inicial da cóclea, por serem mais frágeis, são lesadas com mais facilidade. Daí a sensação de aversão a esse sons agudos e “crus”.

Ronald Ranvaud, Ciência Hoje, n. 282.

Em São Paulo diz-se “*bexigas*”, enquanto no Rio de Janeiro diz-se “*balões*”.

Essa diferença é um exemplo de:

- a) linguagem coloquial.
- b) gíria.
- c) regionalismo.
- d) linguagem erudita.
- e) arcaísmo.

QUESTÃO 6 (FGV/EDITOR/AL-MT/2013) Sobre as variações linguísticas em geral, é correto afirmar que:

- a) todas as variações linguísticas devem ser aprendidas na escola.
- b) algumas das variações linguísticas devem ser desprezadas, por serem deficientes.
- c) as variações de caráter regional estão intimamente relacionadas às variações de caráter profissional.
- d) as variações são testemunhos de pouco valor cultural, mas que não podem ser afastados dos estudos linguísticos.
- e) a variação de maior prestígio social é a norma culta que, por isso mesmo, é ensinada como língua padrão.

QUESTÃO 7 (FGV/EDITOR/AL-MT/2013)

Observe a charge a seguir.



(XIIIIII!!! QUEREM ACABAR COM A NOSSA BOQUINHA!)

Na charge, a frase comum do traficante e do policial mostra uma variação coloquial, caracterizada especificamente na charge pelo uso de:

- a) interjeição enfática.
- b) sujeito indeterminado.
- c) emprego de gíria.
- d) possessivo afetivo.
- e) regência inadequada.

QUESTÃO 8 (FCC/ASSISTENTE/DPE-AM/2018)**Crônica de gente pouco importante: Manaus, século XIX**

Sei que vocês nunca ouviram falar de Apolinária. Nem poderiam. Ela faz parte de um conjunto de pessoas que jamais usufruíram de notoriedade.

Era junho de 1855 quando Apolinária, 24 anos, cabinda, africana livre, afinal desembarcou no porto de Manaus. No início do século XIX, quando o tráfico de escravos se tornou ilegal como parte de um conjunto de acordos internacionais, os africanos livres eram os indivíduos que compunham a carga dos navios apreendidos no tráfico ilícito. Pela lei de 1831, se a apreensão ocorresse em águas brasileiras, eles ficavam sob tutela estatal e deviam prestar serviços ao Estado ou a particulares por 14 anos até sua emancipação. Com isso, os africanos livres chegaram aos quatro cantos do Império, inclusive ao Amazonas.

Apolinária foi designada para trabalhar na recém-instalada Olaria Provincial. Suas crianças foram junto. Ali já estavam outros africanos livres que, além da fabricação de telhas, potes e tijolos, também eram responsáveis pela supervisão do trabalho dos índios que vinham das aldeias para servir nas obras públicas. Eram cerca de 20 pessoas que viviam no mesmo lugar em que trabalhavam e assim foi até 1858, quando a olaria foi fechada para se transformar em uma nova escola: os Educandos Artífices.

A rotina na Olaria era dura e foi com alegria que Apolinária soube que seria a lavadeira dos Educandos. Diferente dos outros, não ia precisar se mudar para o outro lado do igarapé. Podia continuar ali com os filhos, o marido Gualberto, o cozinheiro Bertoldo e Severa, filha de

Domingos Mina. O salário não era grande coisa, mas a amizade antiga com Bertoldo garantia alimento extra à mesa para todos. A tranquilidade durou pouco. O diretor dos Educandos, certamente mal informado pela boataria maledicente, a demitiu do cargo alegando que era ladra e dada a bebedeiras. Menos de 3 meses depois, Apolinária já estava de volta ao trabalho nas obras públicas, com destino incerto.

Sou incapaz de dizer mais alguma coisa sobre o que aconteceu com Apolinária porque ela desapareceu da documentação, mas os fragmentos de sua vida que pude recuperar são poderosos para iluminar cenas da vida desta cidade que estavam nas sombras. A presença negra no Amazonas é tratada de modo marginal na historiografia local e só muito recentemente vemos mudanças neste cenário. Há ainda muitas zonas de silêncio.

A história de Apolinária nos ajuda a colocar problemas novos, entre eles, o fato de que a trajetória dessas pessoas que cruzaram o Atlântico e, depois, o Império permite acessar um mundo bem pouco visível na história do Brasil: a diversidade de experiências que uniram índios, escravos, libertos e africanos livres no mundo do trabalho no século XIX.

Falar dessa gente pouco importante é buscar dialogar com personagens reais e concretos. Suas vidas comuns foram, de fato, extraordinárias, cada uma a seu modo. Seres humanos verdadeiros, que fazem a História acontecer todos os dias.

A grafia de *história*, em minúscula no penúltimo parágrafo, e a de *História*, iniciada por maiúscula no último parágrafo, enfatizam a distinção estabelecida entre os dois usos do vocábulo, empregado, respectivamente, com os sentidos de:

- a) particularidade e coletividade.
- b) invenção e fato.
- c) certeza e dúvida.
- d) universalidade e individualidade.
- e) emoção e razão.

QUESTÃO 9 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

(THAVES, Bob. Frank e Ernest. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br>)

O humor da tira relaciona-se:

- a) à expectativa de enriquecer sem esforço das personagens que adquiriram o GPS.
- b) ao funcionamento não convencional dos produtos vendidos na loja de eletrônica.
- c) ao desconhecimento, por parte dos clientes, de que o GPS tem função localizadora.
- d) ao fato de que os consumidores não demonstram ter consciência de seus direitos.
- e) à inaptidão dos usuários do GPS para configurar manualmente o aparelho.

QUESTÃO 10 (FCC/ANALISTA/SEGEF-MA/2016)**A Geografia**

Foi em um negócio de ferros velhos, durante a guerra mundial, que o Procópio Viana passou de modesto vendedor da casa Portela & Gomes a honrado capitalista da nossa praça. Com a bolsa repleta de amostras de arroz, de feijão, de milho, de farinha, anda acima e abaixo a vender nos retalhistas, quando um deles o incumbiu de negociar os maquinismos de uma velha fábrica desmantelada. O rapaz ganhou no negócio quinze contos, e não quis mais saber de outro comércio. E, em breve, comprava até navios velhos, vendendo-os a estrangeiros, conseguindo reunir, com essas transações, os seus quatro milhares de contos.

Rico, pôs-se o Procópio a viajar. E era de regresso desse passeio através dos continentes que contava, no Fluminense, a um grupo de senhoras, as suas impressões de turista.

- Visitei Paris, Londres, Madri... - dizia ele, com ênfase, sacudindo a perna direita, o charuto ao canto da boca, a mão no bolso da calça. - Fui ao Cairo, a Roma, a Berlim, a Viena...

E após um instante:

- Estive em Tóquio, em Pequim, em Singapura...

A essas palavras, que punham reflexos de admiração e de inveja nos olhos das moças que o ouviam, mlle*. Lili Peixoto aparteceu, encantada:

- O senhor deve conhecer muito a Geografia... Não é?

- Ah! não, senhora! - interveio, logo, superior, o antigo caixeiro de Portela & Gomes.

- A Geografia, eu quase não conheço.

E atirando para o espaço uma baforada do seu charuto cheiroso:

- Eu passei por lá de noite...

**mademoiselle: expressão francesa usada para se referir respeitosamente a moça ou mulher.*

A construção do humor no texto associa-se, entre outros aspectos:

- a) à vasta erudição que Procópio Viana acumulou ao longo das viagens que realizou a trabalho.
- b) ao fato de Procópio Viana tornar-se rico, mas não perder a modéstia que lhe era característica.
- c) à impossibilidade de um vendedor chegar a obter lucro a partir de um negócio de ferros velhos.
- d) à reação interesseira das mulheres ao descobrirem a origem das riquezas de Procópio Viana.
- e) ao contraste entre o comportamento presunçoso e a falta de instrução de Procópio Viana.

QUESTÃO 11 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

Segundo FIORIN, em *Polifonia Textual e Discursiva* (1999), “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. Há de haver três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização. [...] A estilização é a reprodução dos procedimentos do ‘discurso de outrem’, isto é, do estilo de outrem”, em geral, com “função polêmica”.

Considere o contexto de produção dos enunciados a seguir para identificar aquele em que ocorre o processo de estilização.

- a) A Polícia Federal deflagrou hoje (15) a Operação Catilinárias, em conjunto com o Ministério Público Federal. (In: Marcelo Camargo, *Agência Brasil*, 15. dez. 2015. A manchete incorpora discurso político de Cícero dirigido a Catilina, conhecido como “Catilinárias”).
- b) “De minha parte, creio que fora de Paris não há salvação para um homem de espírito”. (In: Roberto Pompeu de Toledo, *Veja*, 25. nov. 2015, em homenagem a Paris, retoma em seu artigo, entre aspas, uma frase de Molière).
- c) Rua Líbero Badaró, 67, terceiro andar, sala 2, centro de São Paulo. O endereço da garçonière do escritor Oswald de Andrade (1890-1954) é considerado por estudiosos um dos berços do modernismo brasileiro”. (Luís Anatônio Giron. A garçonière redescoberta. **Folha de S. Paulo**, 20 de dezembro de 2015.)
- d) Dizia o dono da venda: “É 11; pra você eu faço 10”. (In: Corra, freguês, corra, Ivan Ângelo, *Veja São Paulo*, 25. nov. 2015. O trecho entre aspas reproduz a fala de personagem.)
- e) Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós. [...] O que vos interessará mais, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalâmico. (Mário de Andrade, em *Macunaíma*, retomando Camões).

QUESTÃO 12 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)**Documentos sobre Shakespeare ‘vândalo’ são abertos ao público**

Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa. O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain’s Men, se uniram para roubar o teatro - tábuas por tábuas, prego por prego - e reconstruí-lo em outro lugar.

A história ocorrida em 28 de dezembro de 1598 não é inédita e consta em diversas biografias de Shakespeare. Agora, contudo, chegou o momento de ouvir o outro lado da ação: a

justiça. De acordo com a transcrição do processo judicial de 1601, Shakespeare, seus atores e amigos (incluindo Burbage) foram “violentos” em uma ação “desenfreada” que destruiu o The Theatre. O documento diz que o dramaturgo e seus cúmplices estavam armados com punhais, espadas e machados, o que causou “grande distúrbio da paz” e deixou testemunhas “aterrorizadas”.

Até então guardado em segurança pelo National Archive, o arquivo do Reino Unido, o documento é uma das peças que serão exibidas ao público no centro cultural londrino Somerset House, a partir de fevereiro de 2016, ano em que se completam quatro séculos da morte do Bardo.

No gênero notícia, verifica-se que a principal função da linguagem, segundo JAKOBSON (1963), é a:

- a) conativa.
- b) emotiva.
- c) metalinguística.
- d) fática.
- e) referencial.

QUESTÃO 13 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Com base em descobertas feitas na Grã-Bretanha, Chile, Hungria, Israel e Holanda, uma equipe de treze pessoas liderada por John Goldthorpe, sociólogo de Oxford altamente respeitado, concluiu que, na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos: frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como “grande arte”; hábito de torcer o nariz para “tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público”. Isso não significa que não se possam encontrar pessoas consideradas (até por elas mesmas) integrantes da elite cultural, amantes da verdadeira arte, mais informadas que seus pares nem tão cultos assim quanto ao significado de cultura, quanto àquilo em que ela consiste, ao que é tido como o que é desejável ou indesejável para um homem ou uma mulher de cultura.

Ao contrário das elites culturais de outrora, eles não são conhecedores no estrito senso da palavra, pessoas que encaram com desprezo as preferências do homem comum ou a falta de gosto dos filisteus. Em vez disso, seria mais adequado descrevê-los – usando o termo cunhado por Richard A. Peterson, da Universidade Vanderbilt – como “onívoros”: em seu repertório de consumo cultural, há lugar tanto para a ópera quanto para o heavy metal ou o punk, para a “grande arte” e para os programas populares de televisão. Um pedaço disto, um bocado daquilo, hoje isto, amanhã algo mais.

Em outras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho; com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas do onívoro contra o unívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva. A elite cultural está viva e alerta; é mais ativa e ávida hoje do que jamais foi. Porém, está preocupada demais em seguir os sucessos e outros eventos festejados que se relacionam à cultura para ter tempo de formular cânones de fé ou a eles converter outras pessoas.

Ao fazer uso da primeira pessoa, no 3º parágrafo, o autor:

- a) se reconhece como um dos acadêmicos que são mais informados que outros acerca do que é desejável ou indesejável para alguém que queira ser respeitado como uma pessoa de cultura.
- b) se expressa como um simpatizante da elite que aprecia de tudo um pouco em termos de arte, na medida em que ele não tem critérios para descrever o que seja ou não cultura.
- c) identifica-se discursivamente com os consumidores da cultura na atualidade, com o propósito de descrevê-los, mais do que se apresentar como um exemplo típico desse grupo.
- d) omite seu próprio ponto de vista sobre o tema abordado, para deixar que as pessoas que apreciam a “grande arte” se expressem por meio da primeira pessoa do discurso.
- e) evita tomar partido de um tipo específico de elite cultural, deixando que tanto os mais tradicionais quanto os mais modernos convençam o leitor a abarcar seus ideais.

QUESTÃO 14 (FCC/ANALISTA/TRT 4ª/2015)

Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo. Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística, e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada exótica e estranha. Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir. Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera. Por que, então, tanta gente gosta dela de maneira tão profunda? Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

Os autores do texto:

- a) apontam que a ópera é sempre bastante dispendiosa porque esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto.
- b) acusam a incongruência que existe entre a sociedade sustentar produções caríssimas e as pessoas, diferentemente deles mesmos, não investigarem o que justificaria manter esses projetos.

- c) indicam como usual que se tome a ópera como um gênero dramático excêntrico, pelo fato de representar situações estranhas ao que se considera “vida real”.
- d) expressam as intenções que têm ao escrever a história da ópera, demonstrando acreditar que a melhor maneira de fazê-lo é fixar-se na atualidade, auge dessa manifestação erudita.
- e) anunciam que têm muito a dizer e deixam entrever que suas reflexões desnudarão alguns mitos sobre a ópera, como a visão idealizada de que a profusão de obras já constituiu o sangue vital desse tipo de teatro.

QUESTÃO 15 (FCC/TÉCNICO/SEMEF MANAUS-AM/2019)**Darwin nos trópicos**

Ao desembarcar no litoral brasileiro em 1832, na baía de Todos os Santos, o grande cientista Darwin deslumbrou-se com a natureza nos trópicos e registrou em seu diário: “Creio, depois do que vi, que as descrições gloriosas de Humboldt* são e sempre serão inigualáveis: mas mesmo ele ficou aquém da realidade”. Mas a paisagem humana, ao contrário, causou-lhe asco e perplexidade: “Hospedei-me numa casa onde um jovem escravo era diariamente xingado, surrado e perseguido de um modo que seria suficiente para quebrar o espírito do mais reles animal.”

O mais surpreendente, contudo, é que a revolta não o impediu de olhar ao redor de si com olhos capazes de ver e constatar que, não obstante a opressão a que estavam submetidos, a vitalidade e a alegria de viver dos africanos no Brasil traziam em si a chama de uma irrefreável afirmação da vida. Darwin chegou mesmo a desejar que o Brasil seguisse o exemplo da rebelião escrava do Haiti. Frustrou-se esse desejo de uma rebelião ao estilo haitiano, mas confirmou-se sua impressão: a África salva o Brasil.

**Alexander von Humboldt (1769-1859): geógrafo, naturalista e explorador prussiano.*

Respeitando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) descrições gloriosas (1º parágrafo) = impressões empenhadas
- b) causou-lhe asco e perplexidade (1º parágrafo) = submeteu-o a relutantes sentimentos.
- c) suficiente para quebrar o espírito (1º parágrafo) = disponível para aquebrantar o humor.

- d) olhos capazes de ver e constatar (2º parágrafo) = olhos dispostos a analisar e discorrer.
- e) chama de uma irrefreável afirmação (2º parágrafo) = ardor de uma incontida positividade.

QUESTÃO 16 (FCC/ADVOGADO/AFAP/2019)**Beleza e propaganda**

A crescente padronização do ideal de beleza feminina foi um dos efeitos imprevistos da popularização da fotografia, das revistas de grande circulação e do cinema a partir do início do século XX. Não é à toa que esse movimento coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão da indústria da beleza (hoje um mercado com receita global acima de 200 bilhões de dólares). Como vender “a esperança dentro de um pote?”

As estratégias variam ao infinito, porém a mais diabólica e (possivelmente) eficaz dentre todas - verdadeira premissa oculta do marketing da beleza - foi explicitada com brutal franqueza, em 1953, pelo então presidente da megavarejista de cosméticos americana Allied Stores: “O nosso negócio é fazer as mulheres infelizes com o que têm”.

O atígar cirúrgico da insegurança estética e a exploração metódica das hesitações femininas no universo da beleza abrem as portas ao infinito. Os números e lucros do setor reluzem, mas quem estimará a soma de todo o mal-estar causado pelo massacre diuturno de um padrão ideal de beleza?

O autor do texto explora com alguma frequência expressões com clara **oposição** de sentido, tal como ocorre entre

- a) crescente padronização e popularização da fotografia.
- b) coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão.
- c) premissa oculta e brutal franqueza.
- d) variam ao infinito e a mais diabólica.
- e) insegurança estética e hesitações femininas.

QUESTÃO 17 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019)**Olhador de anúncio**

Eis que se aproxima o inverno, pelo menos nas revistas, cheias de anúncios de cobertores, lãs e malhas. O que é o desenvolvimento! Em outros tempos, se o indivíduo sentia frio, passava na loja e adquiria os seus agasalhos. Hoje são os agasalhos que lhe batem à porta, em belas mensagens coloridas.

E nunca vêm sós. O cobertor traz consigo uma linda mulher, que se apresenta para se recolher debaixo de sua “nova textura antialérgica”, e a legenda: “Nosso cobertor aquece os corpos de quem já tem o coração quente”. A mulher parece convidar-nos: “Venha também”. Ficamos perturbados. (...)

Não, a mulher absolutamente não faz parte do cobertor, que é que o senhor estava pensando? Nem adianta telefonar para a loja ou agência de publicidade, pedindo o endereço da moça do cobertor antialérgico. Modelo fotográfico é categoria profissional respeitável, como qualquer outra. Tome juízo, amigo. E leve só o cobertor.

São decepções do olhador de anúncios. Em cada anúncio uma sugestão erótica. Identificam-se o produto e o ser humano. A tônica do interesse recai sobre este último? É logo desviada para aquele. Operada a transferência, fecha-se o negócio. O erotismo fica sendo agente de vendas. Pobre Eros! Fizeram-te auxiliar de Mercúrio (*).

(*) Eros e Mercúrio são, respectivamente, o deus do amor e o deus dos negócios na mitologia clássica.
(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond. *O poder ultrajovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 167)

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) Eis que se aproxima o inverno (1º parágrafo) = A estação do frio é iminente.
- b) E nunca vêm sós (2º parágrafo) = Jamais se deixam acompanhar.
é categoria profissional respeitável (3º parágrafo) = trata-se de profissão requisitada.
- c) Em cada anúncio uma sugestão erótica (4º parágrafo) = Cada propaganda erótica assim se anuncia.
- d) A tônica do interesse recai (4º parágrafo) = O desejo despertado investe.

(FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019)

Conversas movimentadas

É muito comum que logo pela manhã, nas grandes cidades, a conversa entre colegas de trabalho se inicie por frases que aludem aos congestionamentos enfrentados no caminho, ou à surpresa de o trânsito naquela praça não estar inteiramente prejudicado, ou então – milagre dos milagres! – ao fato inexplicável de como dessa vez não demorou quase nada a travessia da famosa ponte. Tais assuntos dominam as conversas, determinam o humor; representam-se nelas o pequeno drama, a ansiedade, a aflição ou o desespero que vivem os habitantes das metrópoles.

É um assunto tão invasivo quanto obrigatório, do qual não se pode fugir. A simples locomoção de um lugar para outro reedita, a cada dia, a façanha que é o ir e o vir nas grandes cidades, o desafio que está na chamada “mobilidade urbana”, designação do conjunto de fatores que condicionam a movimentação dos indivíduos no espaço público. A mobilidade urbana tem enorme importância para a qualidade de vida da população. Não se trata, simplesmente, da movimentação mecânica de um lugar para outro; trata-se do modo pelo qual ela ocorre, de seus efeitos no cotidiano, da fixação de prazos e horários de trabalho e lazer, do humor dos indivíduos, dos prazeres e desprazeres que acarreta.

Falar do trânsito, sobretudo de suas dificuldades que parecem fatais, torna-se, assim, mais do que um papo corriqueiro: vira uma espécie de senha familiar pela qual todos se reconhecem, um motivo para se reafirmar aquela cumplicidade solidária que os problemas comuns provocam nas criaturas. Um considerável salto civilizatório se dará quando as pessoas, no começo do dia de trabalho, não tiverem do que se queixar quanto à sua mobilidade, e puderem tratar de outros assuntos que melhor as congreguem.

(Salustino Penteado, inédito)

QUESTÃO 18 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) No 2º parágrafo do texto, a “mobilidade urbana”:

- a) surge para ser contestada como um problema real que de fato aflija a maior parte da população de uma metrópole.
- b) é definida como um conceito que diz respeito não apenas a soluções técnicas mas também à qualidade de vida.
- c) é apresentada como uma busca de melhor qualidade de vida daqueles que se afastam dos grandes centros.
- d) aparece como uma expressão ainda abstrata, pela qual se tenta qualificar os desafios da vida metropolitana.
- e) é lembrada para indicar a iminência de uma superação dos transtornos causados pela densidade demográfica das capitais.

QUESTÃO 19 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) No 3º parágrafo do texto, enfoca-se, principalmente:

- a) a estranheza de que um assunto tão desgastado seja renovado a cada dia em grupos de conversa.
- b) a melhoria na qualidade de vida, que veio a agregar as pessoas e as aliviar do peso de seus problemas comuns.
- c) a condição de isolamento dos cidadãos que se sentem impotentes diante dos problemas das grandes cidades.
- d) o traço de solidariedade que une as pessoas quando se reconhecem atingidas por um problema comum.
- e) a dispersão de esforços quando as pessoas se contentam em falar de suas limitações, em vez de enfrentar seus desafios.

(FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019)

Conversa entreouvida na antiga Atenas

Ao ver Diógenes ocupado em limpar vegetais ao pé de um chafariz, o filósofo Platão aproximou-se do filósofo rival e alfinetou: “Se você fizesse corte (*) a Dionísio, rei de Siracusa, não precisaria lavar vegetais”. E Diógenes, no mesmo tom sereno, retorquiu: “É verdade, Platão, mas se você lavasse vegetais você não estaria fazendo a corte a Dionísio, rei de Siracusa.”

(*) fazer corte = cortejar, bajular, lisonjear

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 92)

QUESTÃO 20 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) Em sua resposta à observação do filósofo Platão, Diógenes:

- a) hostiliza o filósofo rival, admitindo que ambos são igualmente bajuladores de Dionísio.
- b) defende-se de ser um submisso a Dionísio, embora esteja lavando vegetais a seu mando.
- c) retruca acusando o filósofo rival de não saber valorizar a importância de servir a um rei.
- d) rebate a acusação invertendo a ordem lógica das ações referidas pelo filósofo rival.
- e) contesta a agressão de Platão mostrando que mesmo um trabalho servil supera a filosofia.

QUESTÃO 21 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) Atente para estas frases:

- I – Platão abordou Diógenes.
- II – Diógenes respondeu a Platão.
- III – A resposta de Diógenes foi sábia e serena.

As frases acima constituem um único período, sem prejuízo para a clareza, correção e sentido básico originais, em:

- a) Com sabedoria e serenidade, Diógenes respondeu à abordagem de Platão.
- b) Imbuído de altivez e malogro, Platão viu respondida sua provocação a Diógenes.
- c) A abordagem de Platão, Diógenes deu uma resposta em cuja havia respeito e zelo.
- d) Sábio e sereno, assim se prontificou Diógenes diante da abordagem de Platão.
- e) Em resposta plácida e sutil, contestou Platão Diógenes depois de sua abordagem.

(FCC/TRF-4ª REGIÃO/TÉCNICO/2019)

Tendo em vista a textura volitiva da mente individual, a perene tensão entre o presente e o futuro nas nossas deliberações, entre o que seria melhor do ponto de vista tático ou local, de um lado, e o melhor do ponto de vista estratégico, mais abrangente, de outro, resulta em conflito.

Comer um doce é decisão tática; controlar a dieta, estratégica. Estudar (ou não) para a prova de amanhã é uma escolha tática; fazer um curso de longa duração faz parte de um plano de vida. As decisões estratégicas, assim como as táticas, são tomadas no presente. A diferença é que aquelas têm o longo prazo como horizonte e visam à realização de objetivos mais remotos e permanentes.

O homem, observou o poeta Paul Valéry, “é herdeiro e refém do tempo”. A principal morada do homem está no passado ou no futuro. Foi a capacidade de reter o passado e agir no presente tendo em vista o futuro que nos tirou da condição de animais errantes. Contudo, a faculdade de arbitrar entre as premências do presente e os objetivos do futuro imaginado é muitas vezes prejudicada pela propensão espontânea a atribuir um valor desproporcional àquilo que está mais próximo no tempo.

Como observa David Hume, “não existe atributo da natureza humana que provoque mais erros em nossa conduta do que aquele que nos leva a preferir o que quer que esteja presente em relação ao que está distante e remoto, e que nos faz desejar os objetos mais de acordo com a sua situação do que com o seu valor intrínseco”.

(Adaptado de: GIANNETTI, Eduardo. Auto-engano. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, edição digital)

QUESTÃO 22 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) De acordo com o texto, o homem comete enganos porque:

- a) imagina que renúncias feitas no presente levem a um futuro melhor.
- b) desconsidera os acertos do passado ao planejar o futuro.
- c) tem a propensão de repetir, no presente, os mesmos erros do passado.
- d) tende a dar importância desmedida ao que está mais próximo no tempo.
- e) atribui valor exagerado a objetivos situados em um futuro imaginado.

QUESTÃO 23 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) Contudo, a faculdade de arbitrar entre as premências do presente e os objetivos do futuro imaginado... (3º parágrafo). O elemento sublinhado acima introduz, em relação ao que se afirmou antes, uma:

- a) oposição.
- b) causa.
- c) consequência.
- d) finalidade.
- e) conclusão.

QUESTÃO 24 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) “O homem [...] ‘é herdeiro e refém do tempo’. A principal morada do homem está no passado ou no futuro” (3º parágrafo). Considerado o contexto, o sentido do que se diz acima está corretamente reproduzido em um único período em:

- a) A principal morada do homem está no passado ou no futuro, mas este é herdeiro e refém do tempo.
- b) A principal morada do homem, na qual é herdeiro e refém do tempo, está no passado ou no futuro.
- c) O homem é herdeiro e refém do tempo, conquanto sua principal morada esteja no passado ou no futuro.
- d) Embora o homem seja herdeiro e refém do tempo, sua principal morada está no passado ou no futuro.
- e) O homem, cuja principal morada está no passado ou no futuro, é herdeiro e refém do tempo.

(FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019)

Seis de janeiro, Epifania ou Dia de Reis (em referência aos reis magos), fecha o ciclo natalino que, entre os romanos, festejava o renascimento do sol depois do solstício de inverno (o dia mais curto do ano).

Era uma festa de invocação do sol, pelo fim das noites inverniais. Durante esses festejos pagãos, os papéis sociais se confundiam. Havia troca de presentes e de identidades. O escravo assumia o lugar de senhor, o homem se vestia de mulher – como se, para agradar à natureza, tivéssemos de reconhecer a arbitrariedade das convenções culturais.

Nesse intervalo de poucos dias, o homem aceitava como natural o que por convenção as relações sociais e de poder não permitiam. Ameaçado pelos caprichos da natureza, reconhecia que as coisas são mais complexas do que estamos dispostos a ver.

É plausível que Shakespeare tenha escrito “Noite de Reis”, segundo Harold Bloom sua comédia mais bem-sucedida, pensando nessa carnavalização solar, para comemorar a Epifania. A peça conta a história de Viola e Sebastian, gêmeos que naufragam ao largo do que hoje seria Croácia, Montenegro ou Albânia, e que no texto se chama Ilíria. Viola acredita que o irmão se afogou. Ao oferecer seus serviços ao duque de Ilíria, ela se disfarça de homem, assumindo o nome de Cesário. É o suficiente para pôr em andamento uma comédia de erros na qual as identidades serão confrontadas com a relatividade das nossas convicções.

O sentido irônico do subtítulo da peça – “o que bem quiserem ou desejarem” – dá a entender que os desejos desafiam as convenções que os encobrem. As convenções se modificam conforme a necessidade. Os desejos as contradizem. Identidade e desejo são muitas vezes incompatíveis.

É o que reivindica a filósofa Rosi Braidotti. Braidotti critica a banalização dos discursos identitários, uma incapacidade de lidar com a complexidade, análoga às soluções simplistas que certos discursos contrapõem às contradições. Diante da complexidade, é natural seguir a ilusão das respostas mais simples.

Sob a graça da comédia, Shakespeare trata da fluidez das identidades. Epifania tem a ver com a luz, com o entendimento e a compreensão. Mas para voltar a ver e compreender é preciso admitir que as contradições são parte constitutiva do mundo. A democracia, em sua imperfeição e irrealização permanentes, depende disso.

(Adaptado de: CARVALHO, Bernardo. Disponível em: www1.folha.uol.com.br)

QUESTÃO 25 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) Depreende-se do texto que, durante os festejos romanos mencionados:

- a) havia troca de presentes entre senhores e escravos, cujos papéis sociais, entretanto, não se confundiam.
- b) eram aceitas com naturalidade certas trocas de identidade habitualmente proibidas pela organização social.
- c) pessoas do povo recuperavam tradições culturais que haviam sido abolidas pelas classes dominantes.
- d) tradições religiosas eram temporariamente suspensas e retomadas após o solstício.
- e) ritos pagãos de veneração à natureza mesclavam-se a manifestações religiosas para homenagear os reis magos.

QUESTÃO 26 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) A referência à comédia de Shakespeare acentua a seguinte ideia:

- a) O aspecto lúdico dos rituais de celebração da natureza visa à aceitação dos limites impostos pelas normas sociais.
- b) Normas sociais, ainda que arbitrárias, devem ser impostas no intuito de se dominar a natureza humana.
- c) As convenções sociais lembram ao homem que a soberania da natureza deve ser reconhecida.
- d) O impulso de transpor limites convencionais gera consequências indesejáveis e deve ser evitado.
- e) As convenções sociais são arbitrárias e costumam ir de encontro a desejos humanos.

(FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019)

Renato Janine Ribeiro: A velocidade ficou maior do que as pessoas conseguem alcançar. Somos bombardeados diariamente sobre novidades na produção do hardware e do software dos computadores. O indivíduo tem um computador e, em pouco tempo, é lançado outro mais potente. Talvez em breve as pessoas se convençam de que não há necessidade de uma renovação tão frequente. A grande maioria das pessoas usam bem pouco dos recursos de seus

computadores. Devemos sempre lembrar que as invenções existem para nos servir, e não o contrário. Quer dizer, a demanda é que as pessoas se adaptem às máquinas, e não que as máquinas se adaptem às pessoas.

Flávio Gikovate: Tenho a impressão de que isso não ocorre só com a tecnologia. Tenho a sensação de que sempre chegamos tarde. As pessoas compram muitas coisas desnecessárias. Veja o caso das roupas: só porque a cintura da calça subiu ou desceu ligeiramente, elas trocam todas as que possuíam. Trata-se de um movimento em que as pessoas estão sempre devendo.

(Adaptado de: GIKOVATE, Flávio & RIBEIRO, Renato Janine. *Nossa sorte, nosso norte*. Campinas: Papirus, 2012)

QUESTÃO 27 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) Depreende-se corretamente do texto:

- a) Ao se referir ao caso das roupas (2º parágrafo), o autor assinala que a indústria da moda impõe estilos de beleza com os quais nem todos concordam.
- b) Com a afirmação de que isso não ocorre só com a tecnologia (2º parágrafo), critica-se o uso inadequado dos recursos oferecidos pelos computadores.
- c) No segmento **e não o contrário** (1º parágrafo), o autor reforça a ideia de que as invenções existem para servir às pessoas.
- d) Com o uso do termo **bombardeados** (1º parágrafo), o autor conclui que, se fosse possível, as pessoas prefeririam ser menos dependentes da tecnologia.
- e) Ao mencionar a velocidade (1º parágrafo) dos dias de hoje, o autor enaltece a tendência da indústria tecnológica de estar sempre à procura de ultrapassar a si mesma.

QUESTÃO 28 (IDECAN/TÉCNICO/DETRAN-RO/2014)

Depois dos táxis, as 'caronas'

No princípio era o táxi. Dezenas de aplicativos de celular para chamar amarelinhos proliferaram no ano passado, seduzindo passageiros e incomodando cooperativas. Agora, a nova onda de soluções móveis para o trânsito tenta abolir taxistas por completo em busca de objetivo mais ambicioso: convencer motoristas a aderirem, de vez, às caronas.

Um dos modelos é inspirado em *softwares* que fazem sucesso – e barulho – em São Francisco e Nova York, a exemplo de *Uber* e *Lyft*. A primeira experiência do tipo no Brasil atende pelo nome de *Zaznu* – gíria em hebraico equivalente ao nosso “partiu?” – e começou pelo Rio, mês passado.

Por meio do *app*, donos de *smartphones* solicitam e oferecem caronas a desconhecidos. Tudo começa com o passageiro, que aciona o programa para pedir uma carona. Com base na localização e no perfil da pessoa, motoristas cadastrados que estiverem nas redondezas decidem se topam ou não pegá-lo. Quando a carona é aceita, os dois conversam por telefone para combinar o ponto de encontro.

Para garantir a segurança dos passageiros, o *Zaznu* diz entrevistar os motoristas cadastrados, além de checar antecedentes criminais. Já os passageiros precisam registrar um cartão de crédito para pagamentos “voluntários”.

É justamente por não ser gratuito que o aplicativo já faz barulho. Tão logo surgiu, taxistas abriram a página no *Facebook* “*Zaznu*, a farsa da carona solidária”, que denuncia “o crime que é oferecer serviço de transporte em carro particular”, como explicou o criador do grupo, Allan de Oliveira. O sindicato da categoria no Rio concorda.

– É irregular, iremos à Justiça. Mas temos certeza de que a prefeitura vai detê-lo – disse o diretor José de Castro.

Procurada por duas semanas, a Secretaria Municipal de Transportes do Rio não se manifestou.

Em sua defesa, Yuri Faber, fundador do *Zaznu*, alegou que o aplicativo não constitui um serviço pago de transportes porque seus termos de uso classificam o pagamento como “doação opcional”. A sugestão de preço equivale a 80% do preço que seria cobrado por um táxi no mesmo trajeto. A *Zaznu* fica com um quinto do valor, o resto vai para o motorista.

– O passageiro tem todo o direito de decidir se paga, e quanto paga. O *app* só sugere um valor – justificou.

(O Globo, 20/04/2014.)

Quanto ao nível de formalismo da linguagem, assinale o trecho do texto que apresenta características de uma linguagem coloquial.

- a) “Dezenas de aplicativos de celular [...]” (1º§)
- b) “[...] a nova onda de soluções móveis [...]” (1º§)
- c) “[...] solicitam e oferecem caronas a desconhecidos.” (3º§)
- d) “[...] conversam por telefone para combinar o ponto de encontro.” (3º§)
- e) “A sugestão de preço equivale a 80% do preço que seria cobrado [...]” (8º§)

QUESTÃO 29 (IDECAN/ENFERMEIRO/PREFEITURA DE DUQUE DE CAXIAS-RJ/2014)

Fomos seduzidos pela autoespionagem

Sabemos que estamos sendo observados, mas não sabemos (e nem nos importamos) por quem e por quê. As câmeras de monitoramento são, hoje, talvez a visão mais comum em qualquer passeio. Tão corriqueiras que nem sequer as notamos. Estão como se escondendo na luz do sol. Mas há algo que as diferenciam das câmeras escondidas na tela da TV do quarto de *Winston Smith* (do livro 1984, de *George Orwell*): elas não observam você para mantê-lo na linha e forçar a uma rotina programada. Elas não dão ordens, nem lhe tiram o livre-arbítrio. Elas estão onde estão (todos os lugares) apenas para manter em segurança você e as liberdades das quais você desfruta... Bem, pelo menos é isso o que lhe parece.

Não fiquei surpreso com as revelações de *Edward Snowden* - provavelmente nem você ficou, nem os políticos que fingiram ignorar aqueles fatos. Eu estava consciente da onipresença da espionagem e da enorme quantidade de “bases de dados” que ela produziu: um volume muito superior ao que qualquer órgão do passado, como CIA ou KGB, tinha conseguido com sua incontável legião de informantes. O que me deixou boquiaberto foi a indiferença com que os “cidadãos comuns” receberam as revelações de *Snowden*. A mídia esperava que elas provocassem uma disparada nos índices de audiência e nas vendas dos jornais, mas tais revelações provocaram apenas tremores de terra onde eram esperados terremotos.

Suspeito que tal reação (ou melhor, a ausência dela) se deva, em parte, a uma satisfação consciente ou inconsciente com a autoespionagem. Afinal, uma das principais atrações da *internet* é a constante possibilidade de estar na “esfera pública”, ao menos na versão *online*, antes reservada a poucos escolhidos por grandes corporações de rádio e TV. Para milhões de assustados com o fantasma da solidão, foi uma oportunidade sem precedentes de salvar-se do anonimato, da negligência, do esquecimento e do desamparo.

Um efeito colateral das revelações de *Snowden* foi tornar os internautas conscientes de quão grande e recheada de “pessoas importantes” é essa esfera pública virtual. Isso forneceu a eles a prova do quão seguros são seus investimentos de tempo e energia em amigos virtuais e no espaço público virtual. Na verdade, os efeitos mais profundos das revelações de *Snowden* serão um salto ainda maior na dedicação à autoespionagem voluntária e não remunerada. Isso para a alegria e satisfação dos consumidores e do mercado de segurança. Quanto à satisfação de solitários sonhando com a chance de acesso livre para todos à relevância pública, é pagar pra ver...

(Bauman Zygmunt. *Galileu*, março de 2014.)

No final do texto, a expressão “é pagar pra ver...” faz referência ao acesso às informações de relevância público para todos. Tal expressão pode ser caracterizada como:

- a) linguagem informal.
- b) típica da linguagem técnica.
- c) linguagem de sentido denotativo.
- d) linguagem formal, predominante no texto.
- e) típica da linguagem usada no espaço virtual.

QUESTÃO 30 (IDECAN/ANALISTA/CREFITO-8ª/2013)

Não vivemos sem monstros

Os monstros fazem parte de todas as mitologias. Os havaianos acreditam em um homem com uma boca de tubarão nas costas. Os aborígenes falam de uma criatura com corpo huma-

no, cabeça de cobra e tentáculos de polvo. Entre os gregos, há relatos de gigantes canibais de um olho, do Minotauro, de uma serpente que usa cabeças de cachorros famintos como um cinto.

Não importam as diferenças de tamanho e forma. Os monstros têm uma característica em comum: eles comem pessoas. Expressam nossos medos de sermos destruídos, dilacerados, mastigados, engolidos e defecados. O destino humilhante daqueles que são comidos é expresso em um mito africano a respeito de uma ave gigante que engole um homem e, no dia seguinte, o expele. Além de significar a morte, este tipo de destino final nos diminui, nos tira qualquer ilusão de superioridade em relação aos outros animais.

Para os homens de milhões de anos atrás esta era uma realidade. Familiares, filhos, amigos eram desmembrados e devorados. Passamos muito tempo da nossa história mais como caça do que caçador. Tanto que até hoje estamos fisiologicamente programados para reagir a situações de estresse da mesma forma com que lidávamos com animais maiores – e famintos.

O arquétipo do monstro, tão recorrente em nossa história cultural, expressa e intensifica nosso medo ancestral dos predadores. A partir do momento em que criamos estes seres e os projetamos no reino da mitologia, nos tornamos capazes de lidar melhor com nossos medos. Em sua evolução no plano cultural, os monstros passaram a explicar a origem de outros elementos que nos assustam e colocam nossas vidas em risco, em especial fenômenos naturais como vulcões, furacões e *tsunamis*.

Mais que isso, esses seres fictícios nos permitiram lidar com a mudança de nossa situação neste planeta. Conforme nos tornamos predadores, passamos a incorporar os monstros como forma de autoafirmação. E, diante do imenso impacto que provocamos nos ecossistemas que tocamos, também de autocrítica. De certa forma, nos tornamos os monstros que temíamos. Isso provoca uma sensação dupla de poder e culpa.

Começamos com os dragões, os primeiros arquétipos de monstros que criamos, e chegamos ao Tubarão, de Steven Spielberg, e ao Alien, de Ridley Scott. Nessas tramas, o ser maligno precisa ser destruído no final, mesmo que para voltar de forma milagrosa no volume seguinte da franquia.

Precisamos dos monstros. Eles nos ajudam há milênios a manter nossa sanidade mental. É por isso que os mitos foram repetidos através dos séculos, alimentaram enredos literários e agora enchem salas de cinema. Não temos motivo nenhum para abrir mão deles.

(Paul A. Trout. Revista Galileu. Março de 2012, n. 248 I. Editora Globo.)

A expressão sublinhada em “Não temos motivo nenhum para **abrir mão deles.**” (7º§) é um exemplo de linguagem:

- a) padrão.
- b) regional.
- c) pejorativa.
- d) conotativa.
- e) denotativa.

QUESTÃO 31 (IDECAN/ANALISTA/CÂMARA DE ARACRUZ-ES/2016) “O Brasil não escapa dessa poluição, **mas** apresenta um ar de qualidade mais razoável.” Considerando-se o efeito de sentido produzido pela conjunção “mas” no período em destaque, assinale a reescrita que mantém tal sentido apresentado de forma coerente e coesa.

- a) O Brasil não escapa dessa poluição, contudo apresenta um ar de qualidade mais razoável.
- b) O Brasil não escapa dessa poluição, portanto, apresenta um ar de qualidade mais razoável.
- c) Ainda que o Brasil apresente um ar de qualidade mais razoável, não escapa dessa poluição.
- d) Embora apresente um ar de qualidade mais razoável, o Brasil – deste modo – não escapa dessa poluição.

QUESTÃO 32 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/TRT-1[REGIÃO/2018)

A indústria do espírito

JORDI SOLER – 23 DEZ 2017 - 21:00

O filósofo Daniel Dennett propõe uma fórmula para alcançar a felicidade: “Procure algo mais importante que você e dedique sua vida a isso”.

Essa fórmula vai na contracorrente do que propõe a indústria do espírito no século XXI, que nos diz que não há felicidade maior do que essa que sai de dentro de si mesmo, o que pode ser verdade no caso de um monge tibetano, mas não para quem é o objeto da indústria do espírito, o atribulado cidadão comum do Ocidente que costuma encontrar a felicidade do lado de fora, em outra pessoa, no seu entorno familiar e social, em seu trabalho, em um passatempo, etc. [...]

A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos, é só ver a quantidade de instrutores e pupilos de *mindfulness* e de ioga que existem ao nosso redor. *Mindfulness* e ioga em sua versão pop para o Ocidente, não precisamente as antigas disciplinas praticadas pelos mestres orientais, mas um produto prático e de rápida aprendizagem que conserva sua estética, seu *merchandising* e suas toxinas culturais. [...]

Frente ao argumento de que a humanidade, finalmente, tomou consciência de sua vida interior, por que demoramos tanto em alcançar esse degrau evolutivo?, proporia que, mais exatamente, a burguesia ocidental é o objetivo de uma grande operação mercantil que tem mais a ver com a economia do que com o espírito, a saúde e a felicidade da espécie humana. [...]

A indústria do espírito é um produto das sociedades industrializadas em que as pessoas já têm muito bem resolvidas as necessidades básicas, da moradia à comida até o Netflix e o Spotify. Uma vez instalada no angustiante vazio produzido pelas necessidades resolvidas, a pessoa se movimenta para participar de um grupo que lhe procure outra necessidade.

Esse crescente coletivo de pessoas que cavam em si mesmas buscando a felicidade já conseguiu instalar um novo narcisismo, um egocentrismo *new age*, um egoísmo raivosamente autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano*, desviando-o descaradamente para o corpo. [...]

Esse inovador egocentrismo *new age* encaixa divinamente nessa compulsão contemporânea de cultivar o físico, não importa a idade, de se antepor o *corpore* à *mens*. Ao longo da história da humanidade o objetivo havia sido tornar-se mais inteligente à medida que se envelhecia; os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação: os idosos já não

querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos, e deixam a sabedoria nas mãos do primeiro iluminado que se preste a dar cursos. [...]

Parece que o requisito para se salvar no século XXI é inscrever-se em um curso, pagar a alguém que nos diga o que fazer com nós mesmos e os passos que se deve seguir para viver cada instante com plena consciência. Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito que, sem seus milhões de subscritores, regressaria ao nível que tinha no século XX, aquela época dourada do hedonismo suicida, em que o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.

Assinale a alternativa que apresenta um uso coloquial da linguagem.

- a) “[...] os idosos já não querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos [...]”.
- b) “[...] um egoísmo raivosamente autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano* [...]”.
- c) “[...] os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação [...]”.
- d) “Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito [...]”.
- e) “[...] o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.”.

QUESTÃO 33 (INSTITUTO AOCP/ANALISTA/TRT-1ª REGIÃO/2018)

Os medos que o poder transforma em mercadoria política e comercial

Zygmunt Bauman

O medo faz parte da condição humana. Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo (era justamente para isto que servia, segundo Freud, a civilização como uma organização das coisas humanas: para limitar ou para eliminar total-

mente as ameaças devidas à casualidade da Natureza, à fraqueza física e à inimizade do próximo): mas, pelo menos até agora, as nossas capacidades estão bem longe de apagar a “mãe de todos os medos”, o “medo dos medos”, aquele medo ancestral que decorre da consciência da nossa mortalidade e da impossibilidade de fugir da morte.

Embora hoje vivamos imersos em uma “cultura do medo”, a nossa consciência de que a morte é inevitável é o principal motivo pelo qual existe a cultura, primeira fonte e motor de cada e toda cultura. Pode-se até conceber a cultura como esforço constante, perenemente incompleto e, em princípio, interminável para tornar vivível uma vida mortal. Ou pode-se dar mais um passo: é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo de morrer que nos tornam humanos e que tornam humano o nosso modo de ser-no-mundo.

A cultura é o sedimento da tentativa incessante de tornar possível viver com a consciência da mortalidade. E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...].

Foi precisamente a consciência de ter que morrer, da inevitável brevidade do tempo, da possibilidade de que os projetos fiquem incompletos que impulsionou os homens a agir e a imaginação humana a alçar voo. Foi essa consciência que tornou necessária a criação cultural e que transformou os seres humanos em criaturas culturais. Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós, mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.

Tudo isso, naturalmente, não significa que as fontes do medo, o lugar que ele ocupa na existência e o ponto focal das reações que ele evoca sejam imutáveis. Ao contrário, todo tipo de sociedade e toda época histórica têm os seus próprios medos, específicos desse tempo e dessa sociedade. Se é incauto divertir-se com a possibilidade de um mundo alternativo “sem medo”, em vez disso, descrever com precisão os traços distintivos do medo na nossa época e na nossa sociedade é condição indispensável para a clareza dos fins e para o realismo das propostas. [...]

(Adaptado de <http://www.ihu.unisinos.br/563878-os-medos-que-o-poder-transforma-em-mercadoria-politica-e-comercial-artigo-de-zygmunt-bauman> - Acesso em 26/03/2018)

Assinale a alternativa correta a respeito do excerto “[...] Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós, mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.”.

- a) As expressões “desde” e “ao longo de” referem-se temporalmente à história da cultura, sendo que a primeira está ligada a um ponto temporal de origem, enquanto a segunda está ligada à extensão temporal a partir desse ponto.
- b) O excerto constitui-se de variadas antíteses, as quais colocam em oposição ideias que se referem à cultura e à história. Com isso, o autor traz maior impessoalidade, objetividade e formalidade ao texto.
- c) Ao utilizar a expressão “nós, mortais”, o autor evita dialogar com o leitor do texto, com a finalidade de potencializar eventuais contestações que possam ocorrer diante da sua argumentação.
- d) O verbo “tenhamos” está flexionado de modo que se interpreta uma ação factual que ocorre no momento da fala, por isso afirma-se que está no presente do modo indicativo.
- e) As palavras “impulso” e “instinto” revelam o caráter finito da vida. Referem-se, semanticamente, ao “abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal” e complementam, sintaticamente, o verbo “preencher”.

QUESTÃO 34 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017)**Oh! Minas Gerais**

O irresistível sotaque dos mineiros me encanta.

Sei que deveria ir mais a Minas Gerais do que vou, umas duas, três vezes ao ano. Pra rever meus parentes, meus amigos, pra não perder o sotaque.

Sotaque que, acho eu, fui perdendo ao longo dos anos, desde aquele 1973, quando abandonei Belo Horizonte pra ir morar a mais de dez mil quilômetros de lá.

Senti isso quando, outro dia, pousei no aeroporto de Uberlândia e fui direto na lanchonete comer um pão de queijo que, fora de brincadeira, é mesmo o mais gostoso do mundo.

- Cê qué qui eu isquento um tiquinho procê?

Foi assim que a mocinha me recebeu, quase de braços abertos, como se fosse uma amiga íntima de longo tempo.

Sei não, mas eu acho que o sotaque mineiro aumentou – e muito – desde que parti. Quando peguei o primeiro avião com destino à felicidade, todos chamavam o centro de Belo Horizonte de cidade. O trólebus subia a Rua da Bahia, as pessoas tomavam Guarapan, andavam de Opala, ouviam Fagner cantando Manera Fru Fru, Manera, chamavam acidente de trombada e a polícia de Radio Patrulha.

Como pode, meu filho mais velho, que nasceu tão longe de Beagá, e, que hoje mora lá, me ligar e perguntar:

- E aí pai, tudo jóia, tudo massa?

A repórter Helena de Grammont, quando ainda trabalhava no Show da Vida, voltou encantada de lá e veio logo me perguntar se o sotaque mineiro era mesmo assim ou se estavam brincando com ela. Helena estava no carro da Globo, procurando um endereço perto de Belo Horizonte, quando perguntou para um guarda de trânsito se ele poderia ajudá-la. A resposta veio de imediato.

- Cê ségui essa istrada toda vida e quando acabá o piche, cê quebra pra lá e continua sigui-no toda vida!

Já virou folclore esse negócio de mineiro engolir parte das palavras. Debaixo da cama é badacama, conforme for é confórfô, quilo de carne é kidicarne, muito magro é magrilin, atrás da porta é trádaporta, ponto de ônibus é pôndions, litro de leite é lidileiti, massa de tomate é mastumati e tira isso daí é tirisdaí.

Isso é verdade. Um garoto que mora em São Paulo foi a Minas Gerais e voltou com essa: Lá deve ser muito mais fácil aprender o português porque as palavras são muito mais curtas.

Mineiro quando para num sinal de trânsito, se está vermelho, ele pensa: Péra. Se pisca o amarelo: Prestenção. Quando vem o verde: Podií.

Mas não é só esse sotaque delicioso que o mineiro carrega dentro dele. Carrega também um jeitinho de ser.

A Gabi, amiga nossa mineira, que mora em São Paulo há anos, toda vez que vem, aqui em casa, chega com um balaio de casos de Minas Gerais.

Da última vez que foi a Minas, ela viu na mesa de café da tia Teresa uma capinha de crochê, cobrindo a embalagem do adoçante. Achou aquilo uma graça e comentou com a tia prendada. Pra quê? Tem dias que Teresa não dorme, preocupada querendo saber qual é a marca do adoçante que a Gabi usa, pra ela fazer uma capinha igual, já que ela gostou tanto. Chega a ligar interurbano pra São Paulo:

- Num isquéci de mi falá a marca do seu adoçante não, preu fazê a capinha de crocê procê...

Coisa de mineiro.

Bastou ela contar essa história que a Catia, outra amiga mineira – e praticante – que estava aqui em casa também, contar a história de um doce de banana divino que comeu na casa da mãe, dona Ita, a última vez que foi lá. Depois de todos elogiarem aquele doce que merecia ser comido de joelhos, ela revelou o segredo:

- Cês criditam que eu vi um cacho de banana madurin, bonzin ainda, no lixo do vizinho, e pensei: Genti, num podêmo dispidiçá não!

Mais de quarenta anos depois de ter deixado minha terra querida, o jeito mineiro de ser me encanta e cada vez mais.

Quer saber o que é ser mineiro? No final dos anos 80, quando o meu primeiro casamento se acabou, minha mãe, que era uma mineira cem por cento, queria saber se eu já “tinha outra”, como se diz lá em Minas Gerais. Um dia, cedo ainda, ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor, usou seu modo bem mineiro de ser:

- Eu tava pensâno em comprá um jogo de cama procê, mas tô aqui sem sabê. Sua cama nova é di casal ou di soltero?

ADAPTADO. VILLAS, Alberto. Oh! Minas Gerais. In: Carta Capital. Publicado em 10 fev. 2017. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/cultura/oh-minas-gerais>.

Em relação ao texto Oh! Minas Gerais, assinale a alternativa correta referente à concepção que o autor expõe sobre o falar mineiro.

- a) O falar mineiro é uma variedade linguística-cultural prestigiada, por ser um exemplar da cultura caipira.
- b) O falar mineiro deveria ser adotado como língua padrão, por ser uma das variedades que representa a riqueza linguística-cultural brasileira.
- c) Há uma crítica positiva sobre o falar mineiro, uma vez que o autor enfatiza o apagamento do /r/ em posição final de palavra.
- d) Há uma argumentação a favor de os mineiros buscarem se adaptar à língua padrão de um determinado grupo sociocultural.
- e) Há uma manifestação de respeito à diversidade linguística-cultural, visto que o autor enaltece o falar mineiro.

QUESTÃO 35 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017)**Longe é um lugar que existe?**

Voamos algum tempo em silêncio, até que finalmente ele disse: “Não entendo muito bem o que você falou, mas o que menos entendo é o fato de estar indo a uma festa.”

— Claro que estou indo à festa. — respondi. — O que há de tão difícil de se compreender nisso?

Enfim, sem nunca atingir o fim, imaginando-se uma Gaivota sobrevoando o mar, viajar é sentir-se ainda mais pássaro livre tocado pelas lufadas de vento, contraponto, de uma ave mirrada de asas partidas numa gaiola lacrada, sobrevivendo apenas de alpiste da melhor qualidade e água filtrada. Ou ainda, pássaros presos na ambivalência existencial... fadado ao fracasso ou ao sucesso... ao ser livre ou viver presos em suas próprias armadilhas...

Fica sob sua escolha e risco, a liberdade para voar os ventos ascendentes; que pássaro quer ser; que lugares quer sobrevoar; que viagem ao inusitado mais lhe compraz. Por mais e mais, qual a serventia dessas asas enormes, herança genética de seus pais e que lhe confere enorme envergadura? Diga para quê serve? Ao primeiro sinal de perigo, debique e pouse na cerca mais próxima. Ora, não venha com desculpas esfarrapadas e vamos dona Gaivota, espante

a preguiça, bata as asas e saia do ninho! Não tenha medo de voar. Pois, como é de conhecimento dos “Mestres dos ares e da Terra”, longe é um lugar que não existe para quem voa rente ao céu e viaja léguas e mais léguas de distância com a mochila nas costas, olhar no horizonte e os pés socados em terra firme.

Longe é a porta de entrada do lugar que não existe? Não deve ser, não; pois as Gaivotas sacodem a poeira das asas, limpam os resquícios de alimentos dos bicos e batem o toc-toc lá.

Fonte: <<http://www.recantodasletras.com.br/contosdefantasia/6031227>> . Acesso em: 21 Jun, 2017

O uso do termo “Gaivota” sempre com letra maiúscula ao longo do texto se deve ao fato de que:

- a) o autor busca, com isso, fazer uma conexão mais próxima entre o leitor e o animal.
- b) o autor quis dar destaque ao termo, apesar de não haver importância da referência ao animal para o texto.
- c) há uma mudança no texto, em que, no início, as personagens eram duas pessoas e, a partir do segundo parágrafo, é uma gaivota.
- d) o texto faz uma reflexão sobre a ação humana de viajar, porém comparando os seres humanos com gaivotas.
- e) o autor utiliza o termo “Gaivota” como símbolo de imponência, o que se relaciona à forma como os seres humanos são tratados no texto.

(INSTITUTO AOCP/ENGENHEIRO/UFFS/2016)

Tomar remédio é fácil; difícil é tomar rumo

Remédios antidepressivos nem sempre funcionam. Sua eficácia pode depender de quão estressado você está.

Daniel Martins de Barros

A depressão caminha para se tornar uma das principais doenças da humanidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde ela afeta 350 milhões de pessoas, e daqui quatro anos se tornará a principal causa de incapacidade no mundo. Parte desse aumento se deve ao melhor

esclarecimento das pessoas e à maior taxa de diagnósticos, mas não é só isso. O suicídio também aumenta mundo afora, indicando que há crescimento real no número de casos. A pergunta principal é: por quê?

Como todos os transtornos mentais, a depressão não tem uma causa só, bem definida. Sua origem é “multifatorial”, ou seja, múltiplos fatores contribuem para que ela surja. E um dos personagens mais cotados para vilão principal no aumento dos casos é o estresse. Ele não é um problema exclusivo do nosso tempo, sempre existiu, mas hoje em dia, onde quer que procuremos, vamos achar fontes de estresse. Seja vinda do trabalho onde se exige sempre mais; seja do meio cultural, com o fluxo de informação ininterrupto sobrecarregando nossos cérebros; do ambiente doméstico, com relações e papéis sendo redefinidos, gerando insegurança; ou mesmo do simples fato de o mundo passar por uma urbanização crescente, levando para mais gente o bônus, mas também o ônus de se viver em cidades. Uma das maneiras de o estresse levar à depressão é por estimular a resposta inflamatória geral do nosso organismo, desgastando-o lentamente.

O pior é que esse estresse todo pode não só estar causando, mas também perpetuando a depressão. Um estudo acaba de ser publicado investigando porque os antidepressivos funcionam, mas não para todo mundo. Sabendo desse papel da resposta inflamatória na origem da depressão os cientistas estressaram um grupo de ratos, levando-os a ter alterações comportamentais semelhantes às que ocorrem nos deprimidos. Passaram então a tratá-los com placebo ou com o antidepressivo fluoxetina, mantendo metade no ambiente estressante original e metade num ambiente tranquilo. Resultado? Não só o comportamento desses últimos melhorou mais do que nos outros, como também os parâmetros biológicos de atividade inflamatória diminuíram, enquanto nos pobres ratos estressados a inflamação aumentou.

Os pesquisadores concluíram algo difícil de discordar: não adianta muito tomar remédio se nós não atuarmos também no ambiente. O que faz todo sentido: se a origem da depressão não é só química, apenas medicamentos dificilmente bastarão para curá-la.

E como se combate o estresse se ele vem de todos os lados? Pode ser difícil, mas não é impossível. Cuidando bem do sono, por exemplo: a maioria das pessoas que dorme menos do que gostaria tem falta de sono por sua própria culpa, por ficar na TV ou celular por mais tempo do que

deveria. E o sedentarismo, então? Não é preciso ter dinheiro para *personal trainer*: meia hora de caminhada na rua, dia sim, dia não, já combate os sintomas do estresse. Isso para não falar de alimentação – dietas ricas em carboidratos simples (açúcar e farinha) contribuem para também ativar o estado inflamatório do organismo, enquanto dietas saudáveis fazem o oposto.

Talvez você não possa mudar de chefe, de cidade ou de família. Mas com certeza poderia mudar de vida. Só que, como sempre digo, tomar remédio é fácil. O difícil é tomar rumo.

Texto adaptado de: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/tomar-remedio-e-facil-difcil-e-tomar-rumo/>

QUESTÃO 36 (INSTITUTO AOCP/ENGENHEIRO/UFGS/2016) Em relação ao conteúdo elaborado no texto, sobre a expressão “tomar rumo”, evidenciada tanto no título quanto no último parágrafo em oposição a “tomar remédio”, é correto afirmar que:

- a) considerando que se registra, contemporaneamente, um aumento significativo tanto dos casos de depressão quanto dos casos de suicídio e que, conforme bem exemplifica o relato da experiência científica retomada pelo texto, o ambiente inevitavelmente estressante no qual vivemos neutraliza a eficácia dos medicamentos, a expressão em questão evidencia uma necessidade de enfrentar a depressão totalmente sem a utilização de medicamentos.
- b) considerando que a experiência científica relatada no texto evidenciou que o tratamento da depressão em ratos por meio de placebo demonstrou ser tão eficaz quanto o tratamento com o antidepressivo fluoxetina, a expressão em questão corrobora a conclusão dos pesquisadores que constataram a ineficácia total dos remédios comuns no combate à depressão, sendo menos oneroso ao organismo do doente tomar placebo.
- c) considerando que a principal causa da depressão é o estresse e que, como explica o autor do texto, uma das maneiras deste acarretar em depressão é estimulando a resposta inflamatória geral do nosso organismo, desgastando-o lentamente, a expressão em questão indica a necessidade de que o doente em tratamento da depressão tome, além do antidepressivo fluoxetina, também anti-inflamatórios.
- d) considerando que a depressão tem como principal causa o estresse e de que este vem de todos os lados, a expressão em questão evidencia que se curar da depressão é difícil, mas não

impossível e que, ainda que o doente tome remédio, medida considerada fácil, é necessário que elimine as causas do seu estresse tomando atitudes como contratar um personal trainer, enriquecer a dieta com carboidratos simples e mudar de emprego ou cidade.

e) considerando que a origem da depressão é multifatorial e que um dos principais agentes para aumento de casos da doença é o estresse, a expressão em questão evidencia a necessidade, relatada pelo autor do texto, tanto por meio do exemplo da experiência científica quanto pelas sugestões de alterações de hábitos, de que, contíguo à utilização de medicamentos, o doente assuma novas atitudes que combatam o estresse do dia a dia.

QUESTÃO 37 (INSTITUTO AOCP/ENGENHEIRO/UFFS/2016) A partir da leitura integral do texto “Tomar remédio é fácil; difícil é tomar rumo”, assinale a alternativa correta.

- a) Conforme dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde, a depressão é, na atualidade, a principal doença da humanidade.
- b) Apesar de não ser um problema exclusivo da contemporaneidade, o estresse é identificado hoje, uma vez que está relacionado ao modo de vida moderno, como a única causa a ser combatida para prevenção e tratamento da depressão.
- c) O posicionamento do autor do texto, evidenciado pelos argumentos que ele apresenta, demonstra seu preconceito e sua ignorância em relação à tratativa da depressão enquanto uma doença, fato que se comprova pelo trecho “Só que, como sempre digo, tomar remédio é fácil. O difícil é tomar rumo”.
- d) A depressão é uma doença que pode ter como ponto de partida diversos fatores, inclusive externos ao indivíduo, o que justifica um tratamento que também tenha como foco o combate à fonte exterior do estresse ao qual o doente está submetido.
- e) Os estudos realizados com ratos em laboratórios acerca das causas e do tratamento da depressão não podem ser utilizados como parâmetro para propor alternativas para o combate da doença em seres humanos, uma vez que o funcionamento cerebral de um humano e de um rato são incomparáveis.

(INSTITUTO AOCP/FISIOTERAPEUTA/EBSERH/2016/ADAPTADA)

O que é ética hoje?

Sem uma discussão lúcida sobre a ética não é possível agir com ética

Marcia Tiburi

A palavra ética aparece em muitos contextos de nossas vidas. Falamos sobre ética em tom de clamor por salvação. Cheios de esperança, alguns com certa empáfia, exigimos ou reclamamos da falta de ética, mas não sabemos exatamente o que queremos dizer com isso. Há um desejo de ética, mas mesmo em relação a ele não conseguimos avançar com ética. Este é nosso primeiro grande problema.

O que falta na abordagem sobre ética é justamente o que nos levaria a sermos éticos. Falta reflexão, falta pensamento crítico, falta entender “o que é” agir e “como” se deve agir. Com tais perguntas é que a ética inicia. Para que ela inicie é preciso sair da mera indignação moral baseada em emoções passageiras, que tantos acham magnífico expor, e chegar à reflexão ética. Aqueles que expõem suas emoções se mostram como pessoas sensíveis, bondosas, creem-se como antecipadamente éticos porque emotivos. Porém, não basta. As emoções em relação à política, à miséria ou à violência, passam e tudo continua como antes. A passagem das emoções indignadas para a elaboração de uma sensibilidade elaborada que possa sustentar a ação boa e justa - o foco de qualquer ética desde sempre - é o que está em jogo.

Falta, para isso, entendimento. Ou seja, compreensão de um sentido comum na nossa reivindicação pela ética. Falta, para se chegar a isso, que haja diálogo, ou seja, capacidade de expor e de ouvir o que a ética pode ser. Clamamos pela ética, mas não sabemos conversar. E para que haja ética é preciso diálogo. E, por isso, permanecemos num círculo vicioso em que só a inação e a ignorância triunfam.

Na inanição intelectual em voga, esperamos que os cultos, os intelectuais, os professores, os jornalistas, todos os que constroem a opinião pública, tragam respostas. Nem estes podem ajudar muito, pois desconhecem ou evitam a profundidade da questão. Há, neste contexto,

quem pense que ser corrupto não exclui a ética. E isso não é opinião de ignorantes que não frequentaram escola alguma, mas de muitos ditos “cultos” e “inteligentes”. Quem hoje se preocupa em entender do que se trata? Quem se preocupa em não cair na contradição entre teoria e prática? Em discutir ética para além dos códigos de ética das profissões pensando-a como princípio que deve reger nossas relações?

Exatamente pela falta de compreensão do seu fundamento, do que significa a ética como elemento estrutural para cada um como pessoa e para a sociedade como um todo, é que perdemos de vista a possibilidade de uma realização da ética. A ética não entra em nossas vidas porque nem bem sabemos o que deveria entrar. Nem sabemos como. Mas quando perguntamos pela ética, em geral, é pelo “como fazemos para sermos éticos” que tudo começa. Aí começa também o erro em relação à ética. Pois ético é o que ultrapassa o mero uso que podemos fazer da própria ética quando se trata de sobreviver. Ética é o que diz respeito ao modo de nos comportamos e decidirmos nosso convívio e o modo como partilhamos valores e a própria liberdade. Ela é o sentido da convivência, mais do que o já tão importante respeito do limite próprio e alheio. Portanto, desde que ela diz respeito à relação entre um “eu” e um “tu”, ela envolve pensar o outro, o seu lugar, sua vida, sua potencialidade, seus direitos, como eu o vejo e como posso defendê-lo.

A Ética permanece, porém, sendo uma palavra vã, que usamos a esmo, sem pensar no conteúdo que ela carrega. Ninguém é ético só porque quer parecer ético. Ninguém é ético porque discorda do que se faz contra a ética. Só é ético aquele que enfrenta o limite da própria ação, da racionalidade que a sustenta e luta pela construção de uma sensibilidade que possa dar sentido à felicidade. Mas esta é mais do que satisfação na vida privada. A felicidade de que se trata é a “felicidade política”, ou seja, a vida justa e boa no universo público. A ética quando surgiu na antiguidade tinha este ideal. A felicidade na vida privada – que hoje também se tornou debate em torno do qual cresce a ignorância - depende disso.

Por isso, antes de mais nada, a urgência que se tornou essencial hoje – e que por isso mesmo, por ser essencial, muitos não percebem – é tratar a ética como um trabalho da lucidez quanto ao que estamos fazendo com nosso presente, mas sobretudo, com o que nele se plan-

ta e define o rumo futuro. Para isso é preciso renovar nossa capacidade de diálogo e propor um novo projeto de sociedade no qual o bem de todos esteja realmente em vista.

(<http://www.marciatiburi.com.br/textos/somoslivre.htm>)

QUESTÃO 38 (INSTITUTO AOCP/FISIOTERAPEUTA/EBSERH/2016/ADAPTADA) De acordo com o texto, ainda há ignorância sobre a prática ética porque:

- a) apenas os intelectuais têm respostas sobre o assunto.
- b) os indivíduos buscam a felicidade política ao invés da felicidade individual.
- c) falta aos indivíduos envolver suas emoções com essa prática.
- d) a ética entra em nossas vidas sem termos consciência desse processo.
- e) falta diálogo e entendimento sobre isso.

QUESTÃO 39 (INSTITUTO AOCP/FISIOTERAPEUTA/EBSERH/2016/ADAPTADA) Assinale a alternativa correta de acordo com o texto.

- a) A ética deve ser pensada individualmente, a partir de uma reflexão pessoal que não envolva a relação com o outro.
- b) As respostas sobre uma vida ética se encontram na educação, na opinião pública, nas escolas, com os professores, os cultos e os intelectuais.
- c) Os indivíduos não sabem exatamente o que é ética porque lhes faltam a crítica e o entendimento sobre esse assunto.
- d) Indignar-se moralmente com o que acontece de errado na prática cotidiana seria um exemplo de como exercitar ética.
- e) A prática ética se limita ao que é necessário para sobreviver.

(INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016)

A lista de desejos

Rosely Sayao

Acabou a graça de dar presentes em situações de comemoração e celebração, não é? Hoje, temos listas para quase todas as ocasiões: casamento, chá de cozinha e seus similares – e há similares espantosos, como chá de lingerie –, nascimento de filho e chá de bebê, e agora até para aniversário.

Presente para os filhos? Tudo eles já pediram e apenas mudam, de vez em quando ou frequentemente, a ordem das suas prioridades. Quem tem filho tem sempre à sua disposição uma lista de pedidos de presentes feita por ele, que pode crescer diariamente, e que tanto pode ser informal quanto formal.

A filha de uma amiga, por exemplo, tem uma lista na bolsa escrita à mão pelo filho, que tem a liberdade de sacá-la a qualquer momento para fazer as mudanças que ele julgar necessárias. Ah! E ela funciona tanto como lista de pedidos como também de “checklist” porque, dessa maneira, o garoto controla o que já recebeu e o que ainda está por vir. Sim: essas listas são quase uma garantia de conseguir ter o pedido atendido.

Ninguém mais precisa ter trabalho ao comprar um presente para um conhecido, para um colega de trabalho, para alguma criança e até amigo. Sabe aquele esforço de pensar na pessoa que vai receber o presente e de imaginar o que ela gostaria de ganhar, o que tem relação com ela e seu modo de ser e de viver? Pois é: agora, basta um telefonema ou uma passada rápida nas lojas físicas ou virtuais em que as listas estão, ou até mesmo pedir para uma outra pessoa realizar tal tarefa, e pronto! Problema resolvido!

Não é preciso mais o investimento pessoal do pensar em algo, de procurar até encontrar, de bater perna e cabeça até sentir-se satisfeito com a escolha feita que, além de tudo, precisa estar dentro do orçamento disponível para tal. Hoje, o presente custa só o gasto financeiro e nem precisa estar dentro do orçamento porque, para não transgredir a lista, às vezes é preciso parcelar o presente em diversas prestações...

E, assim que os convites chegam, acompanhados sem discrição alguma das listas, é uma correria dos convidados para efetuar sem demora sua compra. É que os presentes menos custosos são os primeiros a serem ticados nas listas, e quem demora para cumprir seu compromisso acaba gastando um pouco mais do que gostaria.

Se, por um lado, dar presentes deixou de dar trabalho, por outro deixou também totalmente excluído do ato de presentear o relacionamento entre as pessoas envolvidas. Ganho para o mercado de consumo, perda para as relações humanas afetivas.

Os presentes se tornaram impessoais, objetos de utilidade ou de luxo desejados. Acabou-se o que era doce no que já foi, num passado recente, uma demonstração pessoal de carinho.

Sabe, caro leitor, aquela expressão de surpresa gostosa, ou de um pequeno susto que insiste em se expressar, apesar da vontade de querer que ele passe despercebido, quando recebíamos um mimo? Ou aquela frase transparente de criança, que nunca deixa por menos: “Eu não quero isso!”? Tudo isso acabou. Hoje, tudo o que ocorre é uma operação mental dupla. Quem recebe apenas tica algum item da lista elaborada, e quem presenteia dá-se por satisfeito por ter cumprido seu compromisso.

Que tempos mais chatos. Resta, a quem tiver coragem, a possibilidade de transgredir essas tais listas. Assim, é possível tornar a vida mais saborosa.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2014/07/1489356-a-lista-de-desejos.shtml>

QUESTÃO 40 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016) Qual das alternativas a seguir apresenta, explicitamente, a busca da autora em manter um diálogo com o interlocutor de seu texto?

- a) “E, assim que os convites chegam, acompanhados sem discrição alguma das listas, é uma correria dos convidados para efetuar sem demora sua compra.”
- b) “Hoje, tudo o que ocorre é uma operação mental dupla.”
- c) “Ninguém mais precisa ter trabalho ao comprar um presente para um conhecido, para um colega de trabalho, para alguma criança e até amigo.”
- d) “Sabe, caro leitor, aquela expressão de surpresa gostosa, ou de um pequeno susto que insiste em se expressar, apesar da vontade de querer que ele passe despercebido, quando recebíamos um mimo?”

e) “Quem recebe apenas fica com algum item da lista elaborada, e quem presenteia dá-se por satisfeito por ter cumprido seu compromisso.”.

QUESTÃO 41 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016) De acordo com a autora:

- a) com as listas de presentes, os presentes tornaram-se ainda mais pessoais, exigindo a habilidade da pessoa para não transgredir a lista sugerida.
- b) seguir as listas de presentes e comprar exatamente o que está sendo solicitado é uma demonstração de carinho maior que escolher um presente por conta própria.
- c) antes das listas de presentes, presentear exigia esforço, pois era necessário pensar em quem iria receber o presente, no que a pessoa gostaria de ganhar, o que teria relação com ela e seu modo de ser e de viver.
- d) o esforço para comprar um presente solicitado em uma lista de presente é muito maior que escolher por conta própria.
- e) os itens mais caros da lista de presentes são os primeiros a serem selecionados para a compra.

QUESTÃO 42 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/EBSERH/2016)



<<https://wordsofleisure.com/tag/mafalda/>>.

De acordo com o texto 2, assinale a alternativa correta.

- a) Mafalda não está disposta a esperar tanto tempo para que a planta nasça.
- b) Mafalda está atenta à explicação, mas isso não é o suficiente para que a menina entenda como nascem algumas plantas.
- c) O homem não estranha a atitude de Mafalda, pois ela representa as crianças atuais que não se interessam pela natureza.
- d) O humor do texto dá-se devido ao fato de Mafalda não estar atenta ao que o homem explica.
- e) O humor do texto dá-se devido à quebra de expectativa da Mafalda, visto que ela não queria saber, com antecedência, o que aconteceria com a semente.

QUESTÃO 43 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/EBSERH/2016)



<<https://bioeticaemfoco.wordpress.com/humorreflexao/>>.

Em relação ao texto 2, é correto afirmar que:

- a) o personagem, ao fazer a pergunta “Não é perigoso?”, refere-se aos problemas que os resíduos tóxicos podem causar ao meio ambiente.
- b) o descarte de resíduos tóxicos em ralos comuns, conforme evidenciam os personagens, é totalmente apropriado.
- c) as luvas de borracha não oferecem qualquer proteção ao personagem na manipulação do resíduo.
- d) o personagem que faz as perguntas refere-se, de fato, à integridade do personagem que manipula os resíduos tóxicos.

e) ambos os personagens se referem ao mesmo tipo de perigo, ou seja, à degradação do meio ambiente.

(INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016)

“Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos”

31 Maio 2015 em Bem-Estar, filhos

Vivemos tempos frenéticos. A cada década que passa o modo de vida de 10 anos atrás parece ficar mais distante: 10 anos viraram 30, e logo teremos a sensação de ter se passado 50 anos a cada 5. E o mundo infantil foi atingido em cheio por essas mudanças: já não se educa (ou brinca, alimenta, veste, entretêm, cuida, consola, protege, ampara e satisfaz) crianças como antigamente!

O iPad, por exemplo, já é companheiro imprescindível nas refeições de milhares de crianças. Em muitas casas a(s) TV(s) fica(m) ligada(s) o tempo todo na programação infantil – naqueles canais cujo volume aumenta consideravelmente durante os comerciais – mesmo quando elas estão comendo com o iPad à mesa.

Muitas e muitas crianças têm atividades extracurriculares pelo menos três vezes por semana, algumas somam mais de 50 horas semanais de atividades, entre escola, cursos, esportes e reforços escolares.

Existe em quase todas as casas uma profusão de brinquedos, aparelhos, recursos e pessoas disponíveis o tempo todo para garantir que a criança “aprenda coisas” e não “morra de tédio”. As pré-escolas têm o mesmo método de ensino dos cursos pré-vestibulares.

Tudo está sendo feito para que, no final, possamos ocupar, aproveitar, espremer, sugar, potencializar, otimizar e, finalmente, capitalizar todo o tempo disponível para impor às nossas crianças uma preparação praticamente militar, visando seu “sucesso”. O ar nas casas onde essa preocupação é latente chega a ser denso, tamanha a pressão que as crianças sofrem por desenvolver uma boa competitividade. *Porém, o excesso de estímulos sonoros, visuais, físicos e informativos impedem que a criança organize seus pensamentos e atitudes, de*

verdade: fica tudo muito confuso e nebuloso, e as próprias informações se misturam fazendo com que a criança mal saiba descrever o que acabou de ouvir, ver ou fazer.

Além disso, aptidões que devem ser estimuladas estão sendo deixadas de lado: Crianças não sabem conversar. Não olham nos olhos de seus interlocutores. Não conseguem focar em uma brincadeira ou atividade de cada vez (na verdade a maioria sequer sabe brincar sem a orientação de um adulto!). Não conseguem ler um livro, por menor que seja. Não aceitam regras. Não sabem o que é autoridade. Pior e principalmente: não sabem esperar.

Todas essas qualidades são fundamentais na construção de um ser humano íntegro, independente e pleno, e devem ser aprendidas em casa, em suas rotinas.

Precisamos pausar. Parar e olhar em volta. Colocar a mão na consciência, tirá-la um pouco da carteira, do telefone e do volante: estamos enlouquecendo nossas crianças, e as estamos impedindo de entender e saber lidar com seus tempos, seus desejos, suas qualidades e talentos. *Estamos roubando o tempo precioso que nossos filhos tanto precisam para processar a quantidade enorme de informações e estímulos que nós e o mundo estamos lhes dando.*

Calma, gente. Muita calma. Não corramos para cima da criança com um iPad na mão a cada vez que ela reclama ou achamos que ela está sofrendo de “tédio”. Não obriguemos a babá a ter um repertório mágico, que nem mesmo palhaços profissionais têm, para manter a criança entretida o tempo todo. *O “tédio” nada mais é que a oportunidade de estarmos em contato conosco, de estimular o pensamento, a fantasia e a concentração.*

Sugiro que leiamos todos, pais ou não, “O Ócio Criativo” de Domenico di Masi, para que entendamos a importância do uso consciente do nosso tempo.

E já que resvalamos o assunto para a leitura: nossas crianças não lêem mais. Muitos livros infantis estão disponíveis para tablets e iPads, cuja resposta é imediata ao menor estímulo e descaracteriza a principal função do livro: parar para ler, para fazer a mente respirar, aprender a juntar uma palavra com outra, paulatinamente formando frases e sentenças, e, finalmente, concluir um raciocínio ou uma história.

Cerquem suas crianças de livros e leiam com elas, por amor. Deixem que se esparramem em almofadas e façam sua imaginação voar!

(Fonte: <http://www.saudecuriosa.com.br/estamos-enlouquecendo-nossas-criancas-estimulos-demais-concentracao-de-menos/>)

QUESTÃO 44 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016) O texto se apresenta, quase integralmente, na primeira pessoa do plural. Quem seria o “nós” ao qual o texto se refere?

- a) Seria todas as crianças da atualidade.
- b) Seria os pais e/ou cuidadores das crianças.
- c) Seria somente os professores e/ou educadores das crianças.
- d) Seria as pessoas que comercializam produtos infantis.
- e) Seria apenas crianças que usam iPads.

QUESTÃO 45 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016) De acordo com o texto, o que o excesso de estímulos sensoriais ocasiona nas crianças?

- a) Esse excesso de estímulos faz que a criança seja mais obediente e respeite mais as regras impostas pelos adultos.
- b) Esse excesso de estímulos faz que a criança se prepare para o futuro de forma mais eficiente.
- c) Esse excesso de estímulos faz que a criança tenha mais facilidade em organizar seu pensamento e suas atitudes.
- d) Esse excesso de estímulos faz que a criança tenha dificuldades em organizar seu pensamento e sua conduta.
- e) Esse excesso de estímulos faz que a criança tenha mais imaginação e saiba aproveitar melhor o seu tempo.

QUESTÃO 46 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016) Qual é a ideia central defendida pelo texto “Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos”?

- a) O texto defende a ideia de que o iPad e a programação infantil incessante são ótimos estímulos sensoriais para educar as crianças na atualidade.
- b) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade precisam ocupar todo o seu tempo livre com atividades extracurriculares, visando o sucesso no futuro.
- c) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade recebem muitos estímulos sensoriais, mas pouca atenção e tempo suficiente para aprender a lidar com tanto estímulo.
- d) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade precisam de mais atividades extracurriculares e brinquedos porque se sentem muito entediadas.

e) O texto defende a ideia de que os pais da atualidade estimulam cada vez mais a imaginação de suas crianças.

(INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016)

Campinas tem alerta após 10 casos de microcefalia

Por Inaê Miranda – publicado em 05/12/2015

O número de casos de microcefalia registrados em Campinas chegou a dez, segundo informou na última sexta-feira (4) a diretora do Departamento de Vigilância em Saúde (Devisa), Brigina Kemp. Todos os bebês nasceram em Campinas, mas três deles são de mães moradoras de Sumaré.

Uma criança nasceu no mês de outubro, a segunda no dia 3 de novembro e as outras oito nasceram nos últimos dias — do final de novembro até ontem. A média anual da doença até 2014 era de um registro, o que torna os casos recentes uma preocupação para os Serviços de Saúde da cidade. O município apura a relação dos casos com o zika vírus.

No último sábado, o Ministério da Saúde confirmou a relação entre o zika vírus e o surto de microcefalia na região Nordeste do País. Até esta data, foram notificados 1.248 casos suspeitos, identificados em 311 municípios de 14 unidades da federação. Até então, São Paulo não figurava nesta lista e os únicos dois casos registrados ocorreram em Sumaré e São José do Rio Preto. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, o vírus pode ter ocorrido na cidade sem que as autoridades tenham conhecimento.

Segundo Brigina, Campinas está contabilizando os casos dos três residentes de Sumaré porque os bebês nasceram na cidade. “A gente notifica, avisando que é de outro município e esse município também é informado. As investigações iniciais ocorrem aqui e, na hora que a criança tem alta, a investigação tem continuidade na cidade onde ela reside”, explicou.

Ela informou que as crianças nasceram nas redes pública e privada, sendo que a maior parte foi na Maternidade de Campinas. “Quase todos”, disse. Uma das mães é moradora de rua

e usuária de crack. “Mas todos os dez permanecem sob investigação para o zika. Não confirmamos nenhum até agora, mas também não descartamos.”

A diretora do Devisa acrescentou que as mães estão recebendo toda a assistência necessária. “Se alguma mãe não tem condição de fazer a tomografia, nós estamos fazendo.”

Campinas tinha um caso de microcefalia por ano, entre 2010 a 2014, causada por infecção congênita. Sendo que em 2011 foram registrados quatro casos de microcefalia por infecção congênita. “Mas a gente acredita que esse era um número subnotificado. Agora todos estão bem sensibilizados para fazer as notificações”, disse.

Segundo Brígida, esse aumento da notificação pode estar relacionado com o alerta que foi dado pelo Ministério da Saúde.

Múltiplas causas

A microcefalia não é uma doença nova. Trata-se de uma malformação congênita, em que o cérebro não se desenvolve de maneira adequada. “É quando você mede a cabeça e vê que está menor do que deveria ser para a idade gestacional em que o bebê nasceu”, explicou Brígida.

A especialista esclarece que a microcefalia pode ser efeito de uma série de fatores de diferentes origens. “Microcefalia não significa zika vírus. É importante dizer isso para as pessoas não relacionarem imediatamente esses 10 casos de Campinas ao vírus”, diz.

As causas, segundo ela, em geral são o uso de drogas, medicamentos, cigarro, tabagismo, bebida, traumatismo, falta de irrigação adequada da cabeça do bebê durante a gestação, contato com radiação, fatores genéticos e uma série de vírus ou outros agentes infecciosos, chamados de infecção congênita.

Segundo Brígida, o que tem causado a microcefalia nas crianças é o que está em questão. “As notificações chegaram para a gente e agora vamos investigar.” De acordo com ela, a investigação consiste num exame de tomografia sem contraste, exames no sangue, na urina e no líquido, que é um líquido do sistema nervoso da coluna.

As tomografias estão sendo feitas em Campinas, mas os exames estão sendo conduzidos pelo Instituto Adolfo Lutz, na Capital. “Vai para o Lutz porque toda doença sob vigilância e de

importância para saúde pública a gente tem que fazer num laboratório de referência de saúde pública.”

Vírus

Segundo as secretarias estadual e municipal de Saúde, o vírus zika não está circulando em São Paulo. Brigina, entretanto, não descarta que ele tenha entrado no Estado e se mantém despercebido. “Só posso dizer que tem uma possibilidade. E porque digo que tem uma possibilidade? Porque o vírus circulou amplamente no Norte e Nordeste, tem um percentual de casos que não apresentam sintomas, e porque é transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*.”

Desde junho, Campinas organizou cinco unidades sentinelas na tentativa de detecção precoce do zika vírus. “A gente se organizou para tentar detectar, mas isso não me dá garantia de dizer que não teve. As pessoas circulam e viajam muito hoje em dia pelo País.”

(Fonte: http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/12/campinas_e_rm-c/402739-campinas-tem-alerta-apos-dez-casos-de-microcefalia.html)

QUESTÃO 47 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016) Qual é o assunto central abordado pelo texto?

- a) O texto aborda principalmente o aumento do número de casos notificados de pessoas com zika vírus em Campinas.
- b) O texto aborda principalmente o aumento no número de notificações de bebês nascidos com microcefalia em Campinas.
- c) O texto aborda principalmente as causas da microcefalia em bebês nascidos em Campinas.
- d) O texto aborda principalmente as doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*.
- e) O texto aborda principalmente a relação da microcefalia com o zika vírus.

QUESTÃO 48 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016) De acordo com o texto, o que podemos afirmar a respeito da microcefalia?

- a) A microcefalia é uma malformação congênita advinda de fatores de origem diversa.
- b) A microcefalia é uma malformação congênita advinda da infecção pelo zika vírus.
- c) A microcefalia é uma malformação congênita advinda apenas de fatores genéticos.
- d) A causa da microcefalia é confirmada pela medida menor da cabeça do bebê.
- e) A causa da microcefalia é confirmada pelo exame de zika vírus feito na mãe da criança.

QUESTÃO 49 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/EBSERH/2016) Em “[...] a ciência encarou os pesadelos: como algo negativo”, há quais das figuras de estilo apresentadas a seguir?

- a) Pleonasma e prosopopeia.
- b) Sinestesia e antítese.
- c) Metáfora e hipérbole.
- d) Onomatopeia e comparação.
- e) Prosopopeia e comparação.

QUESTÃO 50 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017) No excerto “[...] ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor [...]”, a expressão destacada expressa a figura de linguagem denominada:

- a) pleonasma.
- b) prosopopeia.
- c) metonímia.
- d) hipérbole.
- e) metáfora.

GABARITO

- | | |
|-------|-------|
| 1. c | 28. b |
| 2. c | 29. a |
| 3. e | 30. d |
| 4. b | 31. a |
| 5. c | 32. e |
| 6. e | 33. a |
| 7. c | 34. e |
| 8. a | 35. d |
| 9. a | 36. e |
| 10. e | 37. d |
| 11. e | 38. e |
| 12. e | 39. c |
| 13. c | 40. d |
| 14. c | 41. c |
| 15. e | 42. e |
| 16. c | 43. a |
| 17. a | 44. b |
| 18. b | 45. d |
| 19. d | 46. c |
| 20. d | 47. b |
| 21. a | 48. a |
| 22. d | 49. e |
| 23. a | 50. e |
| 24. e | |
| 25. b | |
| 26. e | |
| 27. c | |

GABARITO COMENTADO

QUESTÃO 1 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018)

Brioche Maria Antonieta: por eles muitos já perderam a cabeça.

Experimente!

Esse anúncio apareceu numa padaria de uma pequena comunidade do interior do Brasil. A inadequação dessa mensagem provém do(da):

- a) expressão linguística de difícil entendimento.
- b) uso agressivo do imperativo.
- c) referências culturais de difícil identificação.
- d) destaque de aspectos negativos do produto.
- e) ausência da indicação de preço do produto.

Letra c.

A referência cultural “de difícil identificação” é o fato de Maria Antonieta ter sido condenada à morte pela guilhotina. Assim, o nome do brioche (um tipo de pão), Maria Antonieta, se correlaciona à expressão “perder a cabeça” (agir irrefletidamente).

QUESTÃO 2 (FGV/ANALISTA/MPE-BA/2017) A frase abaixo que NÃO mostra intertextualidade é:

- a) Mais vale um pássaro voando que dois na mão.
- b) Brasil? Fraude explica.
- c) Presidente diz que facínoras roubam a verdade.
- d) Nossa rua tem palmeiras, mas sabiá não canta...

Letra c.

A intertextualidade de (a), (b) e (d) são as seguintes:

- a) Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
- b) Freud explica.
- d) Nossa terra tem palmeiras onde canta o sabiá.

O trecho em (c) não remete a qualquer outro texto amplamente conhecido.

QUESTÃO 3 (FGV/ANALISTA/AL-RO/2018) A frase abaixo que não apresenta intertextualidade com um texto amplamente conhecido é:

- a) A Universidade Santa Úrsula adverte: frequentar certos cursos faz mal ao bolso!
- b) A situação econômica do Brasil é grave e quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça: todos devemos colaborar para que isso não piore!
- c) A ocasião faz o roubo, pois o ladrão já nasce feito!
- d) Acreditar ou não nas religiões: eis a questão!
- e) Juntos salvaremos o Brasil!

Letra e.

As alternativas em (a), (b), (c) e (d) apresentam intertextualidade, como se demonstra a seguir:

- a) O Ministério da Saúde adverte: fumar é prejudicial à saúde.
- b) Evangelho (Lc. 8, 4-15): "Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça!"
- c) A ocasião faz o ladrão.
- d) Ser ou não ser, eis a questão (Shakespeare).

Em (e), o trecho não faz referência a nenhum texto previamente conhecido.

QUESTÃO 4 (FGV/TÉCNICO/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017) Assinale o segmento do texto que mostra um emprego de linguagem informal.

- a) "Posso falar de arte e artistas outra vez?".
- b) "Ou quem sabe dou sorte e há um ou outro artista aí fora".
- c) "O que distingue o artista é a busca incondicional da beleza".
- d) "Para o bem e para o mal, ela interfere o tempo todo".
- e) "A objetividade e os bons princípios são temas para outros tipos humanos".

Letra b.

A linguagem informal é identificada na expressão “dou sorte” e “aí fora”.

QUESTÃO 5 (FGV/TÉCNICO/PREFEITURA DE SALVADOR-BA/2017)

Por que sentimos calafrios e desconforto ao ouvir certos sons agudos – como unhas arranhando um quadro-negro?

Esta é uma reação instintiva para protegermos nossa audição. A cóclea (parte interna do ouvido) tem uma membrana que vibra de acordo com as frequências sonoras que ali chegam. A parte mais próxima ao exterior está ligada à audição de sons agudos; a região mediana é responsável pela audição de sons de frequência média; e a porção mais final, por sons graves. As células da parte inicial, mais delicadas e frágeis, são facilmente destruídas – razão por que, ao envelhecermos, perdemos a capacidade de ouvir sons agudos. Quando frequências muito agudas chegam a essa parte da membrana, as células podem ser danificadas, pois, quanto mais alta a frequência, mais energia tem seu movimento ondulatório. Isso, em parte, explica nossa aversão a determinados sons agudos, mas não a todos. Afinal, geralmente não sentimos calafrios ou uma sensação ruim ao ouvirmos uma música com notas agudas.

Aí podemos acrescentar outro fator. Uma nota de violão tem um número limitado e pequeno de frequências – formando um som mais “limpo”. Já no espectro de som proveniente de unhas arranhando um quadro-negro (ou de atrito entre isopores ou entre duas bexigas de ar) há um número infinito delas. Assim, as células vibram de acordo com muitas frequências e aquelas presentes na parte inicial da cóclea, por serem mais frágeis, são lesadas com mais facilidade. Daí a sensação de aversão a esse sons agudos e “crus”.

Ronald Ranvaud, Ciência Hoje, n. 282.

Em São Paulo diz-se “bexigas”, enquanto no Rio de Janeiro diz-se “balões”.

Essa diferença é um exemplo de:

- a) linguagem coloquial.
- b) gíria.

- c) regionalismo.
- d) linguagem erudita.
- e) arcaísmo.

Letra c.

A variação ocorre entre duas regiões geográficas, São Paulo e Rio de Janeiro. Em cada cidade, denomina-se uma entidade por diferentes registros. Essa variação, portanto, é de região (regionalismo, portanto).

QUESTÃO 6 (FGV/EDITOR/AL-MT/2013) Sobre as variações linguísticas em geral, é correto afirmar que:

- a) todas as variações linguísticas devem ser aprendidas na escola.
- b) algumas das variações linguísticas devem ser desprezadas, por serem deficientes.
- c) as variações de caráter regional estão intimamente relacionadas às variações de caráter profissional.
- d) as variações são testemunhos de pouco valor cultural, mas que não podem ser afastados dos estudos linguísticos.
- e) a variação de maior prestígio social é a norma culta que, por isso mesmo, é ensinada como língua padrão.

Letra e.

Observe os desvios de cada afirmação incorreta:

- a) todas as variações linguísticas devem ser aprendidas na escola.

Na verdade, o registro manifestado pelo aluno não precisa ser ensinado (porque ele já o domina).

- b) algumas das variações linguísticas devem ser desprezadas, por serem deficientes.

Aqui, não cabem as expressões “desprezadas” e “deficientes”. Os estudos linguísticos contemporâneos demonstraram a complexidade das variantes linguísticas, as quais devem ser consideradas como válidas e eficientes.

c) as variações de caráter regional estão intimamente relacionadas às variações de caráter profissional.

Errado, pois variação regional e variação profissional não se relacionam intimamente.

d) as variações são testemunhos de pouco valor cultural, mas que não podem ser afastados dos estudos linguísticos.

Errado.

As variações não são testemunhos de pouco valor cultural.

QUESTÃO 7 (FGV/EDITOR/AL-MT/2013)

Observe a charge a seguir.



(XIIIIII!!! QUEREM ACABAR COM A NOSSA BOQUINHA!)

Na charge, a frase comum do traficante e do policial mostra uma variação coloquial, caracterizada especificamente na charge pelo uso de:

- a) interjeição enfática.
- b) sujeito indeterminado.
- c) emprego de gíria.
- d) possessivo afetivo.
- e) regência inadequada.

Letra c.

O emprego da gíria “boquinha” no quadrinho é ambíguo, possuindo dois valores semânticos:

- oportunidade de ganhar dinheiro fácil, ou de tirar proveito material de algo sem fazer esforço;
- local onde se comercializam drogas estupefacientes; ponto de venda de maconha ou afim (boca de fumo).

Em ambos os sentidos, a palavra “boquinha” é registro de variação coloquial, sendo adotada por certos grupos sociais.

QUESTÃO 8 (FCC/ASSISTENTE/DPE-AM/2018)

Crônica de gente pouco importante: Manaus, século XIX

Sei que vocês nunca ouviram falar de Apolinária. Nem poderiam. Ela faz parte de um conjunto de pessoas que jamais usufruíram de notoriedade.

Era junho de 1855 quando Apolinária, 24 anos, cabinda, africana livre, afinal desembarcou no porto de Manaus. No início do século XIX, quando o tráfico de escravos se tornou ilegal como parte de um conjunto de acordos internacionais, os africanos livres eram os indivíduos que compunham a carga dos navios apreendidos no tráfico ilícito. Pela lei de 1831, se a apreensão ocorresse em águas brasileiras, eles ficavam sob tutela estatal e deviam prestar serviços ao Estado ou a particulares por 14 anos até sua emancipação. Com isso, os africanos livres chegaram aos quatro cantos do Império, inclusive ao Amazonas.

Apolinária foi designada para trabalhar na recém-instalada Olaria Provincial. Suas crianças foram junto. Ali já estavam outros africanos livres que, além da fabricação de telhas, potes e tijolos, também eram responsáveis pela supervisão do trabalho dos índios que vinham das aldeias para servir nas obras públicas. Eram cerca de 20 pessoas que viviam no mesmo lugar em que trabalhavam e assim foi até 1858, quando a olaria foi fechada para se transformar em uma nova escola: os Educandos Artífices.

A rotina na Olaria era dura e foi com alegria que Apolinária soube que seria a lavadeira dos Educandos. Diferente dos outros, não ia precisar se mudar para o outro lado do igarapé. Podia continuar ali com os filhos, o marido Gualberto, o cozinheiro Bertoldo e Severa, filha de Domingos Mina. O salário não era grande coisa, mas a amizade antiga com Bertoldo garantia alimento extra à mesa para todos. A tranquilidade durou pouco. O diretor dos Educandos, certamente mal informado pela boataria maledicente, a demitiu do cargo alegando que era ladra e dada a bebedeiras. Menos de 3 meses depois, Apolinária já estava de volta ao trabalho nas obras públicas, com destino incerto.

Sou incapaz de dizer mais alguma coisa sobre o que aconteceu com Apolinária porque ela desapareceu da documentação, mas os fragmentos de sua vida que pude recuperar são poderosos para iluminar cenas da vida desta cidade que estavam nas sombras. A presença negra no Amazonas é tratada de modo marginal na historiografia local e só muito recentemente vemos mudanças neste cenário. Há ainda muitas zonas de silêncio.

A história de Apolinária nos ajuda a colocar problemas novos, entre eles, o fato de que a trajetória dessas pessoas que cruzaram o Atlântico e, depois, o Império permite acessar um mundo bem pouco visível na história do Brasil: a diversidade de experiências que uniram índios, escravos, libertos e africanos livres no mundo do trabalho no século XIX.

Falar dessa gente pouco importante é buscar dialogar com personagens reais e concretos. Suas vidas comuns foram, de fato, extraordinárias, cada uma a seu modo. Seres humanos verdadeiros, que fazem a História acontecer todos os dias.

A grafia de *história*, em minúscula no penúltimo parágrafo, e a de *História*, iniciada por maiúscula no último parágrafo, enfatizam a distinção estabelecida entre os dois usos do vocábulo, empregado, respectivamente, com os sentidos de:

- a) particularidade e coletividade.
- b) invenção e fato.
- c) certeza e dúvida.
- d) universalidade e individualidade.
- e) emoção e razão.

Letra a.

É corrente a distinção entre uma história privada, particular (registrada com minúscula) e a História como fato humano (mudança de eventos ao longo do tempo) (registrada com maiúscula). Por isso, os sentidos são, respectivamente, de particularidade e de coletividade.

QUESTÃO 9 (FCC/AGENTE/ARTESP/2017)

(THAVES, Bob. Frank e Ernest. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br>)

O humor da tira relaciona-se:

- a) à expectativa de enriquecer sem esforço das personagens que adquiriram o GPS.
- b) ao funcionamento não convencional dos produtos vendidos na loja de eletrônica.
- c) ao desconhecimento, por parte dos clientes, de que o GPS tem função localizadora.
- d) ao fato de que os consumidores não demonstram ter consciência de seus direitos.
- e) à inaptidão dos usuários do GPS para configurar manualmente o aparelho.

Letra a.

A devolução do GPS é justificada pelos personagens pela quebra de expectativa. A “praça dos ricos” significa “riqueza” e “rua do trabalho” significa “o preço a pagar/esforço a ser feito para ser rico”. E não era isso o esperado pelos personagens, que queriam ficar ricos sem esforço.

QUESTÃO 10 (FCC/ANALISTA/SEGEF-MA/2016)**A Geografia**

Foi em um negócio de ferros velhos, durante a guerra mundial, que o Procópio Viana passou de modesto vendedor da casa Portela & Gomes a honrado capitalista da nossa praça. Com a bolsa repleta de amostras de arroz, de feijão, de milho, de farinha, anda acima e abaixo a vender nos retalhistas, quando um deles o incumbiu de negociar os maquinismos de uma velha fábrica desmantelada. O rapaz ganhou no negócio quinze contos, e não quis mais saber de outro comércio. E, em breve, comprava até navios velhos, vendendo-os a estrangeiros, conseguindo reunir, com essas transações, os seus quatro milhares de contos.

Rico, pôs-se o Procópio a viajar. E era de regresso desse passeio através dos continentes que contava, no Fluminense, a um grupo de senhoras, as suas impressões de turista.

- Visitei Paris, Londres, Madri... - dizia ele, com ênfase, sacudindo a perna direita, o charuto ao canto da boca, a mão no bolso da calça. - Fui ao Cairo, a Roma, a Berlim, a Viena...

E após um instante:

- Estive em Tóquio, em Pequim, em Singapura...

A essas palavras, que punham reflexos de admiração e de inveja nos olhos das moças que o ouviam, mlle*. Lili Peixoto aparteou, encantada:

- O senhor deve conhecer muito a Geografia... Não é?

- Ah! não, senhora! - interveio, logo, superior, o antigo caixeiro de Portela & Gomes.

- A Geografia, eu quase não conheço.

E atirando para o espaço uma baforada do seu charuto cheiroso:

- Eu passei por lá de noite...

**mademoiselle: expressão francesa usada para se referir respeitosamente a moça ou mulher.*

A construção do humor no texto associa-se, entre outros aspectos:

- a) à vasta erudição que Procópio Viana acumulou ao longo das viagens que realizou a trabalho.
- b) ao fato de Procópio Viana tornar-se rico, mas não perder a modéstia que lhe era característica.

- c) à impossibilidade de um vendedor chegar a obter lucro a partir de um negócio de ferros velhos.
- d) à reação interesseira das mulheres ao descobrirem a origem das riquezas de Procópio Viana.
- e) ao contraste entre o comportamento presunçoso e a falta de instrução de Procópio Viana.

Letra e.

O comportamento presunçoso é destacado pela descrição da postura de Procópio Viana ao relatar suas viagens. A falta de instrução, por sua vez, é evidenciada pelo não conhecimento do termo “Geografia”. É esse contraste que traz comicidade ao texto.

QUESTÃO 11 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)

Segundo FIORIN, em *Polifonia Textual e Discursiva* (1999), “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. Há de haver três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização. [...] A estilização é a reprodução dos procedimentos do ‘discurso de outrem’, isto é, do estilo de outrem”, em geral, com “função polêmica”.

Considere o contexto de produção dos enunciados a seguir para identificar aquele em que ocorre o processo de estilização.

- a) A Polícia Federal deflagrou hoje (15) a Operação Catilinárias, em conjunto com o Ministério Público Federal. (In: Marcelo Camargo, *Agência Brasil*, 15. dez. 2015. A manchete incorpora discurso político de Cícero dirigido a Catilina, conhecido como “Catilinárias”.)
- b) “De minha parte, creio que fora de Paris não há salvação para um homem de espírito”. (In: Roberto Pompeu de Toledo, *Veja*, 25. nov. 2015, em homenagem a Paris, retoma em seu artigo, entre aspas, uma frase de Molière).
- c) Rua Líbero Badaró, 67, terceiro andar, sala 2, centro de São Paulo. O endereço da garçonière do escritor Oswald de Andrade (1890-1954) é considerado por estudiosos um dos berços do modernismo brasileiro”. (Luís Anatônio Giron. A garçonière redescoberta. **Folha de S. Paulo**, 20 de dezembro de 2015.)

- d) Dizia o dono da venda: “É 11; pra você eu faço 10”. (In: Corra, freguês, corra, Ivan Ângelo, *Veja São Paulo*, 25. nov. 2015. O trecho entre aspas reproduz a fala de personagem.)
- e) Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós. [...] O que vos interessará mais, por sem dúvida, é saberdes que os guerreiros de cá não buscam mavórticas damas para o enlace epitalâmico. (Mário de Andrade, em *Macunaíma*, retomando Camões).

Letra e.

- a) Não há, aqui, nenhum tipo de reprodução de estilo; há, apenas, uma alusão ao nome do destinatário do discurso de Cícero.
- b) Aqui, o autor utiliza apenas a citação direta. Não há, portanto, estilização.
- c) Cita-se apenas o endereço do escritor, não havendo estilização.
- d) Há simplesmente a reprodução da fala do dono da venda.
- e) A retomada de Camões não ocorre explicitamente, mas por meio da reprodução dos recursos estilísticos presentes n’Os Lusíadas (como inversões sintáticas, escolha vocabular etc.). Aqui ocorre a estilização.

 ATENÇÃO

- A **estilização** diz respeito ao modo como um autor pode usar o “jeito de escrever” de outro autor. Por exemplo, Machado de Assis tinha um jeito próprio de escrever. Se eu, hoje, escrevo desse mesmo jeito, estou estilizando o meu texto à maneira de Machado de Assis.
- A **alusão**, por sua vez, é avaliação indireta de uma pessoa ou um fato, pela citação de algo que possa lembrá-lo (por exemplo, ‘fulano, aquele *Dom Quixote*,’ significa ‘fulano, aquele sonhador’).

QUESTÃO 12 (FCC/PROFESSOR/SEDU-ES/2016)**Documentos sobre Shakespeare ‘vândalo’ são abertos ao público**

Em 1596, William Shakespeare e seus atores tiveram de deixar o teatro isabelino The Theatre, localizado em Shoreditch, em Londres, até então o recanto da dramaturgia inglesa.

O período de 21 anos de concessão do terreno ao ator e empresário James Burbage havia chegado ao fim, e o senhorio exigia as terras de volta. Desolados, Shakespeare e os homens de sua companhia, Lord Chamberlain's Men, se uniram para roubar o teatro - tábuas por tábuas, prego por prego - e reconstruí-lo em outro lugar.

A história ocorrida em 28 de dezembro de 1598 não é inédita e consta em diversas biografias de Shakespeare. Agora, contudo, chegou o momento de ouvir o outro lado da ação: a justiça. De acordo com a transcrição do processo judicial de 1601, Shakespeare, seus atores e amigos (incluindo Burbage) foram "violentos" em uma ação "desenfreada" que destruiu o The Theatre. O documento diz que o dramaturgo e seus cúmplices estavam armados com punhais, espadas e machados, o que causou "grande distúrbio da paz" e deixou testemunhas "aterrorizadas".

Até então guardado em segurança pelo National Archive, o arquivo do Reino Unido, o documento é uma das peças que serão exibidas ao público no centro cultural londrino Somerset House, a partir de fevereiro de 2016, ano em que se completam quatro séculos da morte do Bardo.

No gênero notícia, verifica-se que a principal função da linguagem, segundo JAKOBSON (1963), é a:

- a) conativa.
- b) emotiva.
- c) metalinguística.
- d) fática.
- e) referencial.

Letra e.

Em notícias, assume-se como ponto central o contexto. É por isso que a função referencial é a verificada em notícias. Vamos lembrar as outras funções:

- Função emotiva: centraliza o locutor;
- Função conativa: centraliza o destinatário;

- Função fática: centraliza o contato ou o canal;
- Função metalinguística: centraliza o código;
- Função poética: centraliza a mensagem em si.

QUESTÃO 13 (FCC/TÉCNICO/TST/2017)

Com base em descobertas feitas na Grã-Bretanha, Chile, Hungria, Israel e Holanda, uma equipe de treze pessoas liderada por John Goldthorpe, sociólogo de Oxford altamente respeitado, concluiu que, na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos: frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como “grande arte”; hábito de torcer o nariz para “tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público”. Isso não significa que não se possam encontrar pessoas consideradas (até por elas mesmas) integrantes da elite cultural, amantes da verdadeira arte, mais informadas que seus pares nem tão cultos assim quanto ao significado de cultura, quanto àquilo em que ela consiste, ao que é tido como o que é desejável ou indesejável para um homem ou uma mulher de cultura.

Ao contrário das elites culturais de outrora, eles não são conhecedores no estrito senso da palavra, pessoas que encaram com desprezo as preferências do homem comum ou a falta de gosto dos filisteus. Em vez disso, seria mais adequado descrevê-los – usando o termo cunhado por Richard A. Peterson, da Universidade Vanderbilt – como “onívoros”: em seu repertório de consumo cultural, há lugar tanto para a ópera quanto para o heavy metal ou o punk, para a “grande arte” e para os programas populares de televisão. Um pedaço disto, um bocado daquilo, hoje isto, amanhã algo mais.

Em outras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho; com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas do onívoro contra o unívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva. A elite cultural está viva e alerta; é mais ativa e ávida hoje do que jamais foi. Porém, está

preocupada demais em seguir os sucessos e outros eventos festejados que se relacionam à cultura para ter tempo de formular cânones de fé ou a eles converter outras pessoas.

Ao fazer uso da primeira pessoa, no 3º parágrafo, o autor:

- a) se reconhece como um dos acadêmicos que são mais informados que outros acerca do que é desejável ou indesejável para alguém que queira ser respeitado como uma pessoa de cultura.
- b) se expressa como um simpatizante da elite que aprecia de tudo um pouco em termos de arte, na medida em que ele não tem critérios para descrever o que seja ou não cultura.
- c) identifica-se discursivamente com os consumidores da cultura na atualidade, com o propósito de descrevê-los, mais do que se apresentar como um exemplo típico desse grupo.
- d) omite seu próprio ponto de vista sobre o tema abordado, para deixar que as pessoas que apreciam a “grande arte” se expressem por meio da primeira pessoa do discurso.
- e) evita tomar partido de um tipo específico de elite cultural, deixando que tanto os mais tradicionais quanto os mais modernos convençam o leitor a abarcar seus ideais.

Letra c.

Vamos ao comentário de cada alternativa incorreta:

- a) Não há esse tipo de interpretação, pois o uso da primeira pessoa é recurso argumentativo.
- b) O autor possui, sim, recursos para descrever o que seja ou não cultura.
- d) Não há omissão do ponto de vista.
- e) O uso da primeira pessoa não é uma esquivas, mas uma forma de construir a argumentação.

QUESTÃO 14 (FCC/ANALISTA/TRT-4ª/2015)

Ópera é um tipo de teatro no qual a maioria ou todos os personagens cantam durante a maior parte do tempo ou o tempo todo. Nesse sentido, é muito óbvio que ela não seja realística, e com frequência, no decorrer de seus mais de quatrocentos anos de história, tem sido considerada exótica e estranha. Além disso, é quase sempre bastante cara de se encenar e de se assistir. Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera. Por que, então, tanta gente gosta dela de maneira

tão profunda? Por que dedicam suas vidas a apresentá-la, escrever sobre ela, assistir a ela? Por que alguns fãs de ópera atravessam o mundo para ver uma nova produção ou ouvir um cantor favorito, pagando imensas quantias por esse fugaz privilégio? E por que a ópera é a única forma de música erudita que ainda desenvolve de modo significativo novas audiências, apesar de que, no último século ou por volta disso, o fluxo de novas obras, que uma vez foi seu sangue vital, secou até se reduzir a um débil gotejar?

Essas perguntas são mais sobre a ópera tal como ela é hoje em dia: sobre aquilo em que a ópera se tornou no início do século XXI. No que se segue teremos muito a dizer sobre a história de nosso tema, sobre as maneiras em que a ópera se desenvolveu durante sua jornada de quatrocentos anos até nós; mas nossa ênfase será sempre no presente, no efeito que a ópera continua a ter sobre as audiências no mundo inteiro. Nosso objetivo é lidar com uma forma de arte cujas obras mais populares e duradouras foram quase sempre escritas num distante passado europeu, [...] mas cuja influência em muitos de nós – e cuja significância em nossa vida hoje em dia – é ainda palpável. A ópera pode nos transformar: física, emocional e intelectualmente. Queremos investigar por quê.

Os autores do texto:

- a) apontam que a ópera é sempre bastante dispendiosa porque esse tipo de teatro renuncia a personagens que não se fazem presentes em cena por meio do canto.
- b) acusam a incongruência que existe entre a sociedade sustentar produções caríssimas e as pessoas, diferentemente deles mesmos, não investigarem o que justificaria manter esses projetos.
- c) indicam como usual que se tome a ópera como um gênero dramático excêntrico, pelo fato de representar situações estranhas ao que se considera “vida real”.
- d) expressam as intenções que têm ao escrever a história da ópera, demonstrando acreditar que a melhor maneira de fazê-lo é fixar-se na atualidade, auge dessa manifestação erudita.
- e) anunciam que têm muito a dizer e deixam entrever que suas reflexões desnudarão alguns mitos sobre a ópera, como a visão idealizada de que a profusão de obras já constituiu o sangue vital desse tipo de teatro.

Letra c.

- a) Não há essa abordagem: não se diz que a ópera é dispendiosa por conta de renúncia a personagens.
- b) Esse é o típico caso de extrapolação: o item apresenta informações que não estão presentes no texto.
- d) Não há a defesa de que se deva fixar a historiografia da ópera na atualidade.
- e) Os autores dizem que a profusão de obras já foi (passado) o sangue vital desse tipo de teatro.

QUESTÃO 15 (FCC/TÉCNICO/SEMEF MANAUS-AM/2019)**Darwin nos trópicos**

Ao desembarcar no litoral brasileiro em 1832, na baía de Todos os Santos, o grande cientista Darwin deslumbrou-se com a natureza nos trópicos e registrou em seu diário: “Creio, depois do que vi, que as descrições gloriosas de Humboldt* são e sempre serão inigualáveis: mas mesmo ele ficou aquém da realidade”. Mas a paisagem humana, ao contrário, causou-lhe asco e perplexidade: “Hospedei-me numa casa onde um jovem escravo era diariamente xingado, surrado e perseguido de um modo que seria suficiente para quebrar o espírito do mais reles animal.”

O mais surpreendente, contudo, é que a revolta não o impediu de olhar ao redor de si com olhos capazes de ver e constatar que, não obstante a opressão a que estavam submetidos, a vitalidade e a alegria de viver dos africanos no Brasil traziam em si a chama de uma irrefreável afirmação da vida. Darwin chegou mesmo a desejar que o Brasil seguisse o exemplo da rebelião escrava do Haiti. Frustrou-se esse desejo de uma rebelião ao estilo haitiano, mas confirmou-se sua impressão: a África salva o Brasil.

**Alexander von Humboldt (1769-1859): geógrafo, naturalista e explorador prussiano.*

Respeitando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) descrições gloriosas (1º parágrafo) = impressões empenhadas
- b) causou-lhe asco e perplexidade (1º parágrafo) = submeteu-o a relutantes sentimentos.
- c) suficiente para quebrar o espírito (1º parágrafo) = disponível para aquebrantar o humor.
- d) olhos capazes de ver e constatar (2º parágrafo) = olhos dispostos a analisar e discorrer.
- e) chama de uma irrefreável afirmação (2º parágrafo) = ardor de uma incontida positividade.

Letra e.

Na alternativa correta, os pares devem possuir **o mesmo significado**. Na alternativa (e), a correta, “irrefreável” é equivalente a “incontida”. Do mesmo modo, “positividade” é semelhante a “afirmação”.

QUESTÃO 16 (FCC/ADVOGADO/AFAP/2019)

Beleza e propaganda

A crescente padronização do ideal de beleza feminina foi um dos efeitos imprevistos da popularização da fotografia, das revistas de grande circulação e do cinema a partir do início do século XX. Não é à toa que esse movimento coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão da indústria da beleza (hoje um mercado com receita global acima de 200 bilhões de dólares). Como vender “a esperança dentro de um pote?”

As estratégias variam ao infinito, porém a mais diabólica e (possivelmente) eficaz dentre todas - verdadeira premissa oculta do marketing da beleza - foi explicitada com brutal franqueza, em 1953, pelo então presidente da megavarejista de cosméticos americana Allied Stores: “O nosso negócio é fazer as mulheres infelizes com o que têm”.

O atígar cirúrgico da insegurança estética e a exploração metódica das hesitações femininas no universo da beleza abrem as portas ao infinito. Os números e lucros do setor reluzem, mas quem estimará a soma de todo o mal-estar causado pelo massacre diuturno de um padrão ideal de beleza?

O autor do texto explora com alguma frequência expressões com clara **oposição** de sentido, tal como ocorre entre

- a) crescente padronização e popularização da fotografia.
- b) coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão.
- c) premissa oculta e brutal franqueza.
- d) variam ao infinito e a mais diabólica.
- e) insegurança estética e hesitações femininas.

Letra c.

Para serem **opostas**, as expressões devem pertencer ao mesmo campo semântico. É exatamente isso que ocorre em (c), em que o par se relaciona à noção de REVELAR x OCULTAR. Esse mesmo par opositivo (semântico) não ocorre em PADRONIZAÇÃO x POPULARIZAÇÃO, porque não pertencem ao mesmo campo semântico. Em (b), “decolagem” e “ascensão” não são termos que se opõem.

QUESTÃO 17 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019)

Olhador de anúncio

Eis que se aproxima o inverno, pelo menos nas revistas, cheias de anúncios de cobertores, lãs e malhas. O que é o desenvolvimento! Em outros tempos, se o indivíduo sentia frio, passava na loja e adquiria os seus agasalhos. Hoje são os agasalhos que lhe batem à porta, em belas mensagens coloridas.

E nunca vêm sós. O cobertor traz consigo uma linda mulher, que se apresenta para se recolher debaixo de sua “nova textura antialérgica”, e a legenda: “Nosso cobertor aquece os corpos de quem já tem o coração quente”. A mulher parece convidar-nos: “Venha também”. Ficamos perturbados. (...)

Não, a mulher absolutamente não faz parte do cobertor, que é que o senhor estava pensando? Nem adianta telefonar para a loja ou agência de publicidade, pedindo o endereço da moça do cobertor antialérgico. Modelo fotográfico é categoria profissional respeitável, como qualquer outra. Tome juízo, amigo. E leve só o cobertor.

São decepções do olhador de anúncios. Em cada anúncio uma sugestão erótica. Identificam-se o produto e o ser humano. A tônica do interesse recai sobre este último? É logo desviada para aquele. Operada a transferência, fecha-se o negócio. O erotismo fica sendo agente de vendas. Pobre Eros! Fizeram-te auxiliar de Mercúrio (*).

(*) Eros e Mercúrio são, respectivamente, o deus do amor e o deus dos negócios na mitologia clássica.
(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond. *O poder ultrajovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 167)

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) Eis que se aproxima o inverno (1º parágrafo) = A estação do frio é iminente.
- b) E nunca vêm sós (2º parágrafo) = Jamais se deixam acompanhar.
- é categoria profissional respeitável (3º parágrafo) = trata-se de profissão requisitada.
- c) Em cada anúncio uma sugestão erótica (4º parágrafo) = Cada propaganda erótica assim se anuncia.
- d) A tônica do interesse recai (4º parágrafo) = O desejo despertado investe.

Letra a.

A alternativa (a) está correta porque as duas expressões se equivalem: a “estação do frio” é o “inverno”. “Se aproximar” também é equivalente a “ser iminente”. Nas demais alternativas, há algo que não se mostra compatível. Em (b), por exemplo, “nunca vêm sós” não significa “não se deixar acompanhar”.

(FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019)

Conversas movimentadas

É muito comum que logo pela manhã, nas grandes cidades, a conversa entre colegas de trabalho se inicie por frases que aludem aos congestionamentos enfrentados no caminho, ou à surpresa de o trânsito naquela praça não estar inteiramente prejudicado, ou então – milagre dos milagres! – ao fato inexplicável de como dessa vez não demorou quase nada a travessia da famosa ponte. Tais assuntos dominam as conversas, determinam o humor; representam-se

nelas o pequeno drama, a ansiedade, a aflição ou o desespero que vivem os habitantes das metrópoles.

É um assunto tão invasivo quanto obrigatório, do qual não se pode fugir. A simples locomoção de um lugar para outro reedita, a cada dia, a façanha que é o ir e o vir nas grandes cidades, o desafio que está na chamada “mobilidade urbana”, designação do conjunto de fatores que condicionam a movimentação dos indivíduos no espaço público. A mobilidade urbana tem enorme importância para a qualidade de vida da população. Não se trata, simplesmente, da movimentação mecânica de um lugar para outro; trata-se do modo pelo qual ela ocorre, de seus efeitos no cotidiano, da fixação de prazos e horários de trabalho e lazer, do humor dos indivíduos, dos prazeres e desprazeres que acarreta.

Falar do trânsito, sobretudo de suas dificuldades que parecem fatais, torna-se, assim, mais do que um papo corriqueiro: vira uma espécie de senha familiar pela qual todos se reconhecem, um motivo para se reafirmar aquela cumplicidade solidária que os problemas comuns provocam nas criaturas. Um considerável salto civilizatório se dará quando as pessoas, no começo do dia de trabalho, não tiverem do que se queixar quanto à sua mobilidade, e puderem tratar de outros assuntos que melhor as congreguem.

(Salustino Penteado, inédito)

QUESTÃO 18 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) No 2º parágrafo do texto, a “mobilidade urbana”:

- a) surge para ser contestada como um problema real que de fato aflija a maior parte da população de uma metrópole.
- b) é definida como um conceito que diz respeito não apenas a soluções técnicas mas também à qualidade de vida.
- c) é apresentada como uma busca de melhor qualidade de vida daqueles que se afastam dos grandes centros.
- d) aparece como uma expressão ainda abstrata, pela qual se tenta qualificar os desafios da vida metropolitana.
- e) é lembrada para indicar a iminência de uma superação dos transtornos causados pela densidade demográfica das capitais.

Letra b.

A alternativa (b) traduz corretamente a ideia expressa no segundo parágrafo, em que lemos:

Soluções técnicas: “mobilidade urbana”, designação do conjunto de fatores que condicionam a movimentação dos indivíduos no espaço público.

Qualidade de vida: a mobilidade urbana tem enorme importância para a qualidade de vida da população.

QUESTÃO 19 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) No 3º parágrafo do texto, enfoca-se, principalmente:

- a) a estranheza de que um assunto tão desgastado seja renovado a cada dia em grupos de conversa.
- b) a melhoria na qualidade de vida, que veio a agregar as pessoas e as aliviar do peso de seus problemas comuns.
- c) a condição de isolamento dos cidadãos que se sentem impotentes diante dos problemas das grandes cidades.
- d) o traço de solidariedade que une as pessoas quando se reconhecem atingidas por um problema comum.
- e) a dispersão de esforços quando as pessoas se contentam em falar de suas limitações, em vez de enfrentar seus desafios.

Letra d.

O terceiro parágrafo discute o significado das conversas cotidianas sobre “mobilidade urbana”. Nessas conversas, revela-se o traço de solidariedade que une as pessoas quando se reconhecem atingidas por um problema comum. Por isso, a alternativa (d) está correta.

(FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019)

Conversa entreouvida na antiga Atenas

Ao ver Diógenes ocupado em limpar vegetais ao pé de um chafariz, o filósofo Platão aproximou-se do filósofo rival e alfinetou: “Se você fizesse corte (*) a Dionísio, rei de Siracusa, não precisaria lavar vegetais”. E Diógenes, no mesmo tom sereno, retorquiu: “É verdade, Platão, mas se você lavasse vegetais você não estaria fazendo a corte a Dionísio, rei de Siracusa.”

(*) fazer corte = cortejar, bajular, lisonjear

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 92)

QUESTÃO 20 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) Em sua resposta à observação do filósofo Platão, Diógenes:

- a) hostiliza o filósofo rival, admitindo que ambos são igualmente bajuladores de Dionísio.
- b) defende-se de ser um submisso a Dionísio, embora esteja lavando vegetais a seu mando.
- c) retruca acusando o filósofo rival de não saber valorizar a importância de servir a um rei.
- d) rebate a acusação invertendo a ordem lógica das ações referidas pelo filósofo rival.
- e) contesta a agressão de Platão mostrando que mesmo um trabalho servil supera a filosofia.

Letra d.

Na resposta de Diógenes, há clara inversão da ordem das ações:

Fazer corte a Dionísio = não lavar vegetais.

Lavar vegetais = não fazer corte a Dionísio.

QUESTÃO 21 (FCC/OFICIAL/DETRAN-SP/2019) Atente para estas frases:

- I – Platão abordou Diógenes.
- II – Diógenes respondeu a Platão.
- III – A resposta de Diógenes foi sábia e serena.

As frases acima constituem um único período, sem prejuízo para a clareza, correção e sentido básico originais, em:

- a) Com sabedoria e serenidade, Diógenes respondeu à abordagem de Platão.
- b) Imbuído de altivez e malogro, Platão viu respondida sua provocação a Diógenes.
- c) A abordagem de Platão, Diógenes deu uma resposta em cuja havia respeito e zelo.
- d) Sábio e sereno, assim se prontificou Diógenes diante da abordagem de Platão.
- e) Em resposta plácida e sutil, contestou Platão Diógenes depois de sua abordagem.

Letra a.

Neste item, o examinador pede ao candidato que “monte” as peças soltas. Essas peças interagem de maneira específica, havendo uma sequência correta das ações. Na alternativa (a), o adjunto “com sabedoria e serenidade” antecipa essa sequência de ações, denotando desde o início o fato de a resposta de Diógenes ter sido sábia e serena. Em sequência mostra-se a resposta de Diógenes e o evento causador da resposta (a abordagem de Platão).

(FCC/TRF-4ª REGIÃO/TÉCNICO/2019)

Tendo em vista a textura volitiva da mente individual, a perene tensão entre o presente e o futuro nas nossas deliberações, entre o que seria melhor do ponto de vista tático ou local, de um lado, e o melhor do ponto de vista estratégico, mais abrangente, de outro, resulta em conflito.

Comer um doce é decisão tática; controlar a dieta, estratégica. Estudar (ou não) para a prova de amanhã é uma escolha tática; fazer um curso de longa duração faz parte de um plano de vida. As decisões estratégicas, assim como as táticas, são tomadas no presente. A diferença é que aquelas têm o longo prazo como horizonte e visam à realização de objetivos mais remotos e permanentes.

O homem, observou o poeta Paul Valéry, “é herdeiro e refém do tempo”. A principal morada do homem está no passado ou no futuro. Foi a capacidade de reter o passado e agir no presente tendo em vista o futuro que nos tirou da condição de animais errantes. Contudo, a faculdade de arbitrar entre as premências do presente e os objetivos do futuro imaginado é muitas vezes prejudicada pela propensão espontânea a atribuir um valor desproporcional àquilo que está mais próximo no tempo.

Como observa David Hume, “não existe atributo da natureza humana que provoque mais erros em nossa conduta do que aquele que nos leva a preferir o que quer que esteja presente em relação ao que está distante e remoto, e que nos faz desejar os objetos mais de acordo com a sua situação do que com o seu valor intrínseco”.

(Adaptado de: GIANNETTI, Eduardo. *Auto-engano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, edição digital)

QUESTÃO 22 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) De acordo com o texto, o homem comete enganos porque:

- a) imagina que renúncias feitas no presente levem a um futuro melhor.
- b) desconsidera os acertos do passado ao planejar o futuro.
- c) tem a propensão de repetir, no presente, os mesmos erros do passado.
- d) tende a dar importância desmedida ao que está mais próximo no tempo.
- e) atribui valor exagerado a objetivos situados em um futuro imaginado.

Letra d.

A resposta para a questão pode ser encontrada no último parágrafo (explicitada na observação de Hume): “não existe atributo da natureza humana que provoque mais erros em nossa conduta do que aquele que nos leva a preferir o que quer que esteja presente em relação ao que está distante e remoto.”

QUESTÃO 23 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) Contudo, a faculdade de arbitrar entre as premências do presente e os objetivos do futuro imaginado... (3º parágrafo). O elemento sublinhado acima introduz, em relação ao que se afirmou antes, uma:

- a) oposição.
- b) causa.
- c) consequência.
- d) finalidade.
- e) conclusão.

Letra a.

O valor do conectivo “contudo” é de oposição ao que se afirmou antes.

QUESTÃO 24 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) “O homem [...] ‘é herdeiro e refém do tempo’. A principal morada do homem está no passado ou no futuro” (3º parágrafo). Considerado o contexto, o sentido do que se diz acima está corretamente reproduzido em um único período em:

- a) A principal morada do homem está no passado ou no futuro, mas este é herdeiro e refém do tempo.
- b) A principal morada do homem, na qual é herdeiro e refém do tempo, está no passado ou no futuro.
- c) O homem é herdeiro e refém do tempo, conquanto sua principal morada esteja no passado ou no futuro.
- d) Embora o homem seja herdeiro e refém do tempo, sua principal morada está no passado ou no futuro.
- e) O homem, cuja principal morada está no passado ou no futuro, é herdeiro e refém do tempo.

Letra e.

A reorganização apresentada na alternativa (e) é a que mantém os sentidos originais. No trecho original há estas informações:

- i) O homem é herdeiro e refém do tempo.
- ii) A principal morada do homem está no passado ou no futuro.

Em (ii), a expressão “do homem” pode ser substituída pela estrutura relativa “cuja” (e é isso que a alternativa correta mostra).

(FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019)

Seis de janeiro, Epifania ou Dia de Reis (em referência aos reis magos), fecha o ciclo natalino que, entre os romanos, festejava o renascimento do sol depois do solstício de inverno (o dia mais curto do ano).

Era uma festa de invocação do sol, pelo fim das noites inverniais. Durante esses festejos pagãos, os papéis sociais se confundiam. Havia troca de presentes e de identidades. O escravo assumia o lugar de senhor, o homem se vestia de mulher – como se, para agradar à natureza, tivéssemos de reconhecer a arbitrariedade das convenções culturais.

Nesse intervalo de poucos dias, o homem aceitava como natural o que por convenção as relações sociais e de poder não permitiam. Ameaçado pelos caprichos da natureza, reconhecia que as coisas são mais complexas do que estamos dispostos a ver.

É plausível que Shakespeare tenha escrito “Noite de Reis”, segundo Harold Bloom sua comédia mais bem-sucedida, pensando nessa carnavalização solar, para comemorar a Epifania. A peça conta a história de Viola e Sebastian, gêmeos que naufragam ao largo do que hoje seria Croácia, Montenegro ou Albânia, e que no texto se chama Ilíria. Viola acredita que o irmão se afogou. Ao oferecer seus serviços ao duque de Ilíria, ela se disfarça de homem, assumindo o nome de Cesário. É o suficiente para pôr em andamento uma comédia de erros na qual as identidades serão confrontadas com a relatividade das nossas convicções.

O sentido irônico do subtítulo da peça – “o que bem quiserem ou desejarem” – dá a entender que os desejos desafiam as convenções que os encobrem. As convenções se modificam conforme a necessidade. Os desejos as contradizem. Identidade e desejo são muitas vezes incompatíveis.

É o que reivindica a filósofa Rosi Braidotti. Braidotti critica a banalização dos discursos identitários, uma incapacidade de lidar com a complexidade, análoga às soluções simplistas que certos discursos contrapõem às contradições. Diante da complexidade, é natural seguir a ilusão das respostas mais simples.

Sob a graça da comédia, Shakespeare trata da fluidez das identidades. Epifania tem a ver com a luz, com o entendimento e a compreensão. Mas para voltar a ver e compreender é preciso admitir que as contradições são parte constitutiva do mundo. A democracia, em sua imperfeição e irrealização permanentes, depende disso.

(Adaptado de: CARVALHO, Bernardo. Disponível em: www1.folha.uol.com.br)

QUESTÃO 25 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) Depreende-se do texto que, durante os festejos romanos mencionados:

- a) havia troca de presentes entre senhores e escravos, cujos papéis sociais, entretanto, não se confundiam.
- b) eram aceitas com naturalidade certas trocas de identidade habitualmente proibidas pela organização social.
- c) pessoas do povo recuperavam tradições culturais que haviam sido abolidas pelas classes dominantes.
- d) tradições religiosas eram temporariamente suspensas e retomadas após o solstício.
- e) ritos pagãos de veneração à natureza mesclavam-se a manifestações religiosas para homenagear os reis magos.

Letra b.

A informação indicada no comando da questão pode ser recuperada no 3º parágrafo: “Nesse intervalo de poucos dias, o homem aceitava como natural o que por convenção as relações sociais e de poder não permitiam.” A alternativa (b) traduz corretamente essa informação.

QUESTÃO 26 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) A referência à comédia de Shakespeare acentua a seguinte ideia:

- a) O aspecto lúdico dos rituais de celebração da natureza visa à aceitação dos limites impostos pelas normas sociais.
- b) Normas sociais, ainda que arbitrárias, devem ser impostas no intuito de se dominar a natureza humana.
- c) As convenções sociais lembram ao homem que a soberania da natureza deve ser reconhecida.
- d) O impulso de transpor limites convencionais gera consequências indesejáveis e deve ser evitado.
- e) As convenções sociais são arbitrárias e costumam ir de encontro a desejos humanos.

Letra e.

A autora cita Shakespeare (e sua obra) para destacar que esse autor já lidava com a temática de que as convenções sociais são arbitrárias (veja a mudança de papel realizada por Viola): é por isso que a alternativa (e) está correta.

(FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019)

Renato Janine Ribeiro: A velocidade ficou maior do que as pessoas conseguem alcançar. Somos bombardeados diariamente sobre novidades na produção do hardware e do software dos computadores. O indivíduo tem um computador e, em pouco tempo, é lançado outro mais potente. Talvez em breve as pessoas se convençam de que não há necessidade de uma renovação tão frequente. A grande maioria das pessoas usam bem pouco dos recursos de seus computadores. Devemos sempre lembrar que as invenções existem para nos servir, e não o contrário. Quer dizer, a demanda é que as pessoas se adaptem às máquinas, e não que as máquinas se adaptem às pessoas.

Flávio Gikovate: Tenho a impressão de que isso não ocorre só com a tecnologia. Tenho a sensação de que sempre chegamos tarde. As pessoas compram muitas coisas desnecessárias. Veja o caso das roupas: só porque a cintura da calça subiu ou desceu ligeiramente, elas trocam todas as que possuíam. Trata-se de um movimento em que as pessoas estão sempre devendo.

(Adaptado de: GIKOVATE, Flávio & RIBEIRO, Renato Janine. Nossa sorte, nosso norte. Campinas: Papirus, 2012)

QUESTÃO 27 (FCC/TÉCNICO/TRF-4ª REGIÃO/2019) Depreende-se corretamente do texto:

- a) Ao se referir ao caso das roupas (2º parágrafo), o autor assinala que a indústria da moda impõe estilos de beleza com os quais nem todos concordam.
- b) Com a afirmação de que isso não ocorre só com a tecnologia (2º parágrafo), critica-se o uso inadequado dos recursos oferecidos pelos computadores.
- c) No segmento **e não o contrário** (1º parágrafo), o autor reforça a ideia de que as invenções existem para servir às pessoas.

- d) Com o uso do termo **bombardeados** (1º parágrafo), o autor conclui que, se fosse possível, as pessoas prefeririam ser menos dependentes da tecnologia.
- e) Ao mencionar a velocidade (1º parágrafo) dos dias de hoje, o autor enaltece a tendência da indústria tecnológica de estar sempre à procura de ultrapassar a si mesma.

Letra c.

No primeiro parágrafo, é dito que “Devemos sempre lembrar que as invenções existem para nos servir, e não o contrário.” Em seguida, o autor reforça essa ideia e a torna mais clara: “Quer dizer, a demanda é que as pessoas se adaptem às máquinas, e não que as máquinas se adaptem às pessoas.” É exatamente isso o que diz a alternativa (c).

QUESTÃO 28 (IDECAN/TÉCNICO/DETRAN-RO/2014)**Depois dos táxis, as ‘caronas’**

No princípio era o táxi. Dezenas de aplicativos de celular para chamar amarelinhos proliferaram no ano passado, seduzindo passageiros e incomodando cooperativas. Agora, a nova onda de soluções móveis para o trânsito tenta abolir taxistas por completo em busca de objetivo mais ambicioso: convencer motoristas a aderirem, de vez, às caronas.

Um dos modelos é inspirado em *softwares* que fazem sucesso – e barulho – em São Francisco e Nova York, a exemplo de *Uber* e *Lyft*. A primeira experiência do tipo no Brasil atende pelo nome de *Zaznu* – gíria em hebraico equivalente ao nosso “partiu?” – e começou pelo Rio, mês passado.

Por meio do *app*, donos de *smartphones* solicitam e oferecem caronas a desconhecidos. Tudo começa com o passageiro, que aciona o programa para pedir uma carona. Com base na localização e no perfil da pessoa, motoristas cadastrados que estiverem nas redondezas decidem se topam ou não pegá-lo. Quando a carona é aceita, os dois conversam por telefone para combinar o ponto de encontro.

Para garantir a segurança dos passageiros, o *Zaznu* diz entrevistar os motoristas cadastrados, além de checar antecedentes criminais. Já os passageiros precisam registrar um cartão de crédito para pagamentos “voluntários”.

É justamente por não ser gratuito que o aplicativo já faz barulho. Tão logo surgiu, taxistas abriram a página no *Facebook* “Zaznu, a farsa da carona solidária”, que denuncia “o crime que é oferecer serviço de transporte em carro particular”, como explicou o criador do grupo, Allan de Oliveira. O sindicato da categoria no Rio concorda.

– É irregular, iremos à Justiça. Mas temos certeza de que a prefeitura vai detê-lo – disse o diretor José de Castro.

Procurada por duas semanas, a Secretaria Municipal de Transportes do Rio não se manifestou.

Em sua defesa, Yuri Faber, fundador do *Zaznu*, alegou que o aplicativo não constitui um serviço pago de transportes porque seus termos de uso classificam o pagamento como “doação opcional”. A sugestão de preço equivale a 80% do preço que seria cobrado por um táxi no mesmo trajeto. A *Zaznu* fica com um quinto do valor, o resto vai para o motorista.

– O passageiro tem todo o direito de decidir se paga, e quanto paga. O *app* só sugere um valor – justificou.

(O Globo, 20/04/2014.)

Quanto ao nível de formalismo da linguagem, assinale o trecho do texto que apresenta características de uma linguagem coloquial.

- a) “Dezenas de aplicativos de celular [...]” (1º§)
- b) “[...] a nova onda de soluções móveis [...]” (1º§)
- c) “[...] solicitam e oferecem caronas a desconhecidos.” (3º§)
- d) “[...] conversam por telefone para combinar o ponto de encontro.” (3º§)
- e) “A sugestão de preço equivale a 80% do preço que seria cobrado [...]” (8º§)

Letra b.

É coloquial o trecho com a expressão “nova onda”. Isso porque há uso de linguagem conotativa e expressiva.

QUESTÃO 29 (IDECAN/ENFERMEIRO/PREF. DUQUE DE CAXIAS-RJ/2014)**Fomos seduzidos pela autoespionagem**

Sabemos que estamos sendo observados, mas não sabemos (e nem nos importamos) por quem e por quê. As câmeras de monitoramento são, hoje, talvez a visão mais comum em qualquer passeio. Tão corriqueiras que nem sequer as notamos. Estão como se escondendo na luz do sol. Mas há algo que as diferenciam das câmeras escondidas na tela da TV do quarto de *Winston Smith* (do livro 1984, de *George Orwell*): elas não observam você para mantê-lo na linha e forçar a uma rotina programada. Elas não dão ordens, nem lhe tiram o livre-arbítrio. Elas estão onde estão (todos os lugares) apenas para manter em segurança você e as liberdades das quais você desfruta... Bem, pelo menos é isso o que lhe parece.

Não fiquei surpreso com as revelações de *Edward Snowden* - provavelmente nem você ficou, nem os políticos que fingiram ignorar aqueles fatos. Eu estava consciente da onipresença da espionagem e da enorme quantidade de "bases de dados" que ela produziu: um volume muito superior ao que qualquer órgão do passado, como CIA ou KGB, tinha conseguido com sua incontável legião de informantes. O que me deixou boquiaberto foi a indiferença com que os "cidadãos comuns" receberam as revelações de *Snowden*. A mídia esperava que elas provocassem uma disparada nos índices de audiência e nas vendas dos jornais, mas tais revelações provocaram apenas tremores de terra onde eram esperados terremotos.

Suspeito que tal reação (ou melhor, a ausência dela) se deva, em parte, a uma satisfação consciente ou inconsciente com a autoespionagem. Afinal, uma das principais atrações da *internet* é a constante possibilidade de estar na "esfera pública", ao menos na versão *online*, antes reservada a poucos escolhidos por grandes corporações de rádio e TV. Para milhões de assustados com o fantasma da solidão, foi uma oportunidade sem precedentes de salvar-se do anonimato, da negligência, do esquecimento e do desamparo.

Um efeito colateral das revelações de *Snowden* foi tornar os internautas conscientes de quão grande e recheada de "pessoas importantes" é essa esfera pública virtual. Isso forneceu a eles a prova do quão seguros são seus investimentos de tempo e energia em amigos virtuais e no espaço público virtual. Na verdade, os efeitos mais profundos das revelações de *Snowden* serão um salto ainda maior na dedicação à autoespionagem voluntária e não remunerada.

Isso para a alegria e satisfação dos consumidores e do mercado de segurança. Quanto à satisfação de solitários sonhando com a chance de acesso livre para todos à relevância pública, é pagar pra ver...

(Bauman Zygmunt. *Galileu*, março de 2014.)

No final do texto, a expressão “é pagar pra ver...” faz referência ao acesso às informações de relevância pública para todos. Tal expressão pode ser caracterizada como:

- a) linguagem informal.
- b) típica da linguagem técnica.
- c) linguagem de sentido denotativo.
- d) linguagem formal, predominante no texto.
- e) típica da linguagem usada no espaço virtual.

Letra a.

A expressão “pagar para ver” significa “duvidar da materialização de uma ameaça ou da realização de algo prometido ou anunciado”. Essa expressão é comumente utilizada em situações informais de comunicação.

QUESTÃO 30 (IDECAN/ANALISTA/CREFITO-8ª/2013)

Não vivemos sem monstros

Os monstros fazem parte de todas as mitologias. Os havaianos acreditam em um homem com uma boca de tubarão nas costas. Os aborígenes falam de uma criatura com corpo humano, cabeça de cobra e tentáculos de polvo. Entre os gregos, há relatos de gigantes canibais de um olho, do Minotauro, de uma serpente que usa cabeças de cachorros famintos como um cinto.

Não importam as diferenças de tamanho e forma. Os monstros têm uma característica em comum: eles comem pessoas. Expressam nossos medos de sermos destruídos, dilacerados, mastigados, engolidos e defecados. O destino humilhante daqueles que são comidos é expresso em um mito africano a respeito de uma ave gigante que engole um homem e, no dia

seguinte, o expele. Além de significar a morte, este tipo de destino final nos diminui, nos tira qualquer ilusão de superioridade em relação aos outros animais.

Para os homens de milhões de anos atrás esta era uma realidade. Familiares, filhos, amigos eram desmembrados e devorados. Passamos muito tempo da nossa história mais como caça do que caçador. Tanto que até hoje estamos fisiologicamente programados para reagir a situações de estresse da mesma forma com que lidávamos com animais maiores – e fâmitos.

O arquétipo do monstro, tão recorrente em nossa história cultural, expressa e intensifica nosso medo ancestral dos predadores. A partir do momento em que criamos estes seres e os projetamos no reino da mitologia, nos tornamos capazes de lidar melhor com nossos medos. Em sua evolução no plano cultural, os monstros passaram a explicar a origem de outros elementos que nos assustam e colocam nossas vidas em risco, em especial fenômenos naturais como vulcões, furacões e *tsunamis*.

Mais que isso, esses seres fictícios nos permitiram lidar com a mudança de nossa situação neste planeta. Conforme nos tornamos predadores, passamos a incorporar os monstros como forma de autoafirmação. E, diante do imenso impacto que provocamos nos ecossistemas que tocamos, também de autocrítica. De certa forma, nos tornamos os monstros que temíamos. Isso provoca uma sensação dupla de poder e culpa.

Começamos com os dragões, os primeiros arquétipos de monstros que criamos, e chegamos ao Tubarão, de Steven Spielberg, e ao Alien, de Ridley Scott. Nessas tramas, o ser maligno precisa ser destruído no final, mesmo que para voltar de forma milagrosa no volume seguinte da franquia.

Precisamos dos monstros. Eles nos ajudam há milênios a manter nossa sanidade mental. É por isso que os mitos foram repetidos através dos séculos, alimentaram enredos literários e agora enchem salas de cinema. Não temos motivo nenhum para abrir mão deles.

(Paul A. Trout. Revista Galileu. Março de 2012, n. 248 I. Editora Globo.)

A expressão sublinhada em “Não temos motivo nenhum para **abrir mão deles.**” (7º§) é um exemplo de linguagem:

- a) padrão.
- b) regional.
- c) pejorativa.
- d) conotativa.
- e) denotativa.

Letra d.

A expressão “abrir mão” não significa abrir a “extremidade do membro superior, articulada com o antebraço pelo punho e terminada pelos dedos”. A expressão significa “desistir, desinteressar-se de; ceder, desabrir mão de”. Por isso, o emprego é conotativo.

QUESTÃO 31 (IDECAN/ANALISTA/CÂMARA DE ARACRUZ-ES/2016) “O Brasil não escapa dessa poluição, **mas** apresenta um ar de qualidade mais razoável.” Considerando-se o efeito de sentido produzido pela conjunção “mas” no período em destaque, assinale a reescrita que mantém tal sentido apresentado de forma coerente e coesa.

- a) O Brasil não escapa dessa poluição, contudo apresenta um ar de qualidade mais razoável.
- b) O Brasil não escapa dessa poluição, portanto, apresenta um ar de qualidade mais razoável.
- c) Ainda que o Brasil apresente um ar de qualidade mais razoável, não escapa dessa poluição.
- d) Embora apresente um ar de qualidade mais razoável, o Brasil – deste modo – não escapa dessa poluição.

Letra a.

A conjunção “mas” pode ser substituída por “contudo”. As demais alternativas apresentam conjunções que não possuem a mesma semântica adversativa.

QUESTÃO 32 (INSTITUTO AOCPTÉCNICO/TRT 1º REGIÃO/2018)**A indústria do espírito**

JORDI SOLER – 23 DEZ 2017 - 21:00

O filósofo Daniel Dennett propõe uma fórmula para alcançar a felicidade: “Procure algo mais importante que você e dedique sua vida a isso”.

Essa fórmula vai na contracorrente do que propõe a indústria do espírito no século XXI, que nos diz que não há felicidade maior do que essa que sai de dentro de si mesmo, o que pode ser verdade no caso de um monge tibetano, mas não para quem é o objeto da indústria do espírito, o atribulado cidadão comum do Ocidente que costuma encontrar a felicidade do lado de fora, em outra pessoa, no seu entorno familiar e social, em seu trabalho, em um passatempo, etc. [...]

A indústria do espírito, uma das operações mercantis mais bem-sucedidas de nosso tempo, cresceu exponencialmente nos últimos anos, é só ver a quantidade de instrutores e pupilos de *mindfulness* e de ioga que existem ao nosso redor. *Mindfulness* e ioga em sua versão pop para o Ocidente, não precisamente as antigas disciplinas praticadas pelos mestres orientais, mas um produto prático e de rápida aprendizagem que conserva sua estética, seu *merchandising* e suas toxinas culturais. [...]

Frente ao argumento de que a humanidade, finalmente, tomou consciência de sua vida interior, por que demoramos tanto em alcançar esse degrau evolutivo?, proporia que, mais exatamente, a burguesia ocidental é o objetivo de uma grande operação mercantil que tem mais a ver com a economia do que com o espírito, a saúde e a felicidade da espécie humana. [...]

A indústria do espírito é um produto das sociedades industrializadas em que as pessoas já têm muito bem resolvidas as necessidades básicas, da moradia à comida até o Netflix e o Spotify. Uma vez instalada no angustiante vazio produzido pelas necessidades resolvidas, a pessoa se movimenta para participar de um grupo que lhe procure outra necessidade.

Esse crescente coletivo de pessoas que cavam em si mesmas buscando a felicidade já conseguiu instalar um novo narcisismo, um egocentrismo *new age*, um egoísmo raivosamente

autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano*, desviando-o descaradamente para o corpo. [...]

Esse inovador egocentrismo *new age* encaixa divinamente nessa compulsão contemporânea de cultivar o físico, não importa a idade, de se antepor o *corpore* à *mens*. Ao longo da história da humanidade o objetivo havia sido tornar-se mais inteligente à medida que se envelhecia; os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação: os idosos já não querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos, e deixam a sabedoria nas mãos do primeiro iluminado que se preste a dar cursos. [...]

Parece que o requisito para se salvar no século XXI é inscrever-se em um curso, pagar a alguém que nos diga o que fazer com nós mesmos e os passos que se deve seguir para viver cada instante com plena consciência. Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito que, sem seus milhões de subscritores, regressaria ao nível que tinha no século XX, aquela época dourada do hedonismo suicida, em que o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.

Assinale a alternativa que apresenta um uso coloquial da linguagem.

- a) “[...] os idosos já não querem ser sábios, preferem estar robustos e musculosos [...]”.
- b) “[...] um egoísmo raivosamente autorreferencial que, pelo caminho, veio alterar o famoso equilíbrio latino de *mens sana in corpore sano* [...]”.
- c) “[...] os idosos eram sábios, esse era seu valor, mas agora vemos sua claudicação [...]”.
- d) “Seria saudável não perder de vista que o objetivo principal dessas sessões pagas não é tanto salvar a si mesmo, mas manter estável a economia do espírito [...]”.
- e) “[...] o *mindfulness* era patrimônio dos monges, a ioga era praticada por quatro gatos pingados e o espírito era cultivado lendo livros em gratificante solidão.”.

Letra e.

O uso coloquial é marcado por diversos fatores, como vocabulário (expressões), padrões morfológicos e sintáticos. No caso das alternativas em análise, o uso da expressão “gatos pingados” (significando “poucos indivíduos”) é o marcador de coloquialidade.

QUESTÃO 33 (INSTITUTO AOCP/ANALISTA/TRT-1ª REGIÃO/2018)**Os medos que o poder transforma em mercadoria política e comercial***Zygmunt Bauman*

O medo faz parte da condição humana. Poderíamos até conseguir eliminar uma por uma a maioria das ameaças que geram medo (era justamente para isto que servia, segundo Freud, a civilização como uma organização das coisas humanas: para limitar ou para eliminar totalmente as ameaças devidas à casualidade da Natureza, à fraqueza física e à inimizade do próximo): mas, pelo menos até agora, as nossas capacidades estão bem longe de apagar a “mãe de todos os medos”, o “medo dos medos”, aquele medo ancestral que decorre da consciência da nossa mortalidade e da impossibilidade de fugir da morte.

Embora hoje vivamos imersos em uma “cultura do medo”, a nossa consciência de que a morte é inevitável é o principal motivo pelo qual existe a cultura, primeira fonte e motor de cada e toda cultura. Pode-se até conceber a cultura como esforço constante, perenemente incompleto e, em princípio, interminável para tornar vivível uma vida mortal. Ou pode-se dar mais um passo: é a nossa consciência de ser mortais e, portanto, o nosso perene medo de morrer que nos tornam humanos e que tornam humano o nosso modo de ser-no-mundo.

A cultura é o sedimento da tentativa incessante de tornar possível viver com a consciência da mortalidade. E se, por puro acaso, nos tornássemos imortais, como às vezes (estupidamente) sonhamos, a cultura pararia de repente [...].

Foi precisamente a consciência de ter que morrer, da inevitável brevidade do tempo, da possibilidade de que os projetos fiquem incompletos que impulsionou os homens a agir e a imaginação humana a alçar voo. Foi essa consciência que tornou necessária a criação cultural e que transformou os seres humanos em criaturas culturais. Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que

separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós, mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.

Tudo isso, naturalmente, não significa que as fontes do medo, o lugar que ele ocupa na existência e o ponto focal das reações que ele evoca sejam imutáveis. Ao contrário, todo tipo de sociedade e toda época histórica têm os seus próprios medos, específicos desse tempo e dessa sociedade. Se é incauto divertir-se com a possibilidade de um mundo alternativo “sem medo”, em vez disso, descrever com precisão os traços distintivos do medo na nossa época e na nossa sociedade é condição indispensável para a clareza dos fins e para o realismo das propostas. [...]

(Adaptado de <http://www.ihu.unisinos.br/563878-os-medos-que-o-poder-transforma-em-mercadoria-politica-e-comercial-artigo-dezygmunt-bauman> - Acesso em 26/03/2018)

Assinale a alternativa correta a respeito do excerto “[...] Desde o seu início e ao longo de toda a sua longa história, o motor da cultura foi a necessidade de preencher o abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal; o impulso para construir uma ponte para passar de um lado para outro do precipício; o instinto de permitir que nós, mortais, tenhamos incidência sobre a eternidade, deixando nela um sinal imortal da nossa passagem, embora fugaz.”.

- a) As expressões “desde” e “ao longo de” referem-se temporalmente à história da cultura, sendo que a primeira está ligada a um ponto temporal de origem, enquanto a segunda está ligada à extensão temporal a partir desse ponto.
- b) O excerto constitui-se de variadas antíteses, as quais colocam em oposição ideias que se referem à cultura e à história. Com isso, o autor traz maior impessoalidade, objetividade e formalidade ao texto.
- c) Ao utilizar a expressão “nós, mortais”, o autor evita dialogar com o leitor do texto, com a finalidade de potencializar eventuais contestações que possam ocorrer diante da sua argumentação.
- d) O verbo “tenhamos” está flexionado de modo que se interpreta uma ação factual que ocorre no momento da fala, por isso afirma-se que está no presente do modo indicativo.

e) As palavras “impulso” e “instinto” revelam o caráter finito da vida. Referem-se, semanticamente, ao “abismo que separa o transitório do eterno, o finito do infinito, a vida mortal da imortal” e complementam, sintaticamente, o verbo “preencher”.

Letra a.

A alternativa (a) analisa corretamente os valores temporais das expressões “desde” e “ao longo de”.

A alternativa (b) está incorreta pelo fato de não haver correlação entre os contrastes (antíteses) e as propriedades textuais de impessoalidade, objetividade e formalidade.

Na alternativa (c), o uso da primeira pessoa do plural (nós) na verdade potencializa a tentativa de **evitar** contestações.

A forma verbal “tenhamos”, analisada na alternativa (d), não expressa uma ação factual, mas potencial (hipotética). Por isso, temos de analisá-la como uma forma verbal no modo **subjuntivo**.

Por fim, na alternativa (e), as palavras “impulso” e “instinto” referem-se ao termo “o motor da cultura”.

QUESTÃO 34 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017)**Oh! Minas Gerais**

O irresistível sotaque dos mineiros me encanta.

Sei que deveria ir mais a Minas Gerais do que vou, umas duas, três vezes ao ano. Pra rever meus parentes, meus amigos, pra não perder o sotaque.

Sotaque que, acho eu, fui perdendo ao longo dos anos, desde aquele 1973, quando abandonei Belo Horizonte pra ir morar a mais de dez mil quilômetros de lá.

Senti isso quando, outro dia, pousei no aeroporto de Uberlândia e fui direto na lanchonete comer um pão de queijo que, fora de brincadeira, é mesmo o mais gostoso do mundo.

- Cê qué qui eu isquento um tiquinho procê?

Foi assim que a mocinha me recebeu, quase de braços abertos, como se fosse uma amiga íntima de longo tempo.

Sei não, mas eu acho que o sotaque mineiro aumentou – e muito – desde que parti. Quando peguei o primeiro avião com destino à felicidade, todos chamavam o centro de Belo Horizonte de cidade. O trólebus subia a Rua da Bahia, as pessoas tomavam Guarapan, andavam de Opala, ouviam Fagner cantando Manera Fru Fru, Manera, chamavam acidente de trombada e a polícia de Radio Patrulha.

Como pode, meu filho mais velho, que nasceu tão longe de Beagá, e, que hoje mora lá, me ligar e perguntar:

- E ai pai, tudo jóia, tudo massa?

A repórter Helena de Grammont, quando ainda trabalhava no Show da Vida, voltou encantada de lá e veio logo me perguntar se o sotaque mineiro era mesmo assim ou se estavam brincando com ela. Helena estava no carro da Globo, procurando um endereço perto de Belo Horizonte, quando perguntou para um guarda de trânsito se ele poderia ajudá-la. A resposta veio de imediato.

- Cê ségui essa istrada toda vida e quando acabá o piche, cê quebra pra lá e continua sigui-no toda vida!

Já virou folclore esse negócio de mineiro engolir parte das palavras. Debaixo da cama é badacama, conforme for é confórfô, quilo de carne é kidicarne, muito magro é magrilin, atrás da porta é trádaporta, ponto de ônibus é pôndions, litro de leite é lidileiti, massa de tomate é mastumati e tira isso daí é tirisdaí.

Isso é verdade. Um garoto que mora em São Paulo foi a Minas Gerais e voltou com essa: Lá deve ser muito mais fácil aprender o português porque as palavras são muito mais curtas.

Mineiro quando para num sinal de trânsito, se está vermelho, ele pensa: Péra. Se pisca o amarelo: Prestenção. Quando vem o verde: Podii.

Mas não é só esse sotaque delicioso que o mineiro carrega dentro dele. Carrega também um jeitinho de ser.

A Gabi, amiga nossa mineira, que mora em São Paulo há anos, toda vez que vem, aqui em casa, chega com um balaio de casos de Minas Gerais.

Da última vez que foi a Minas, ela viu na mesa de café da tia Teresa uma capinha de crochê, cobrindo a embalagem do adoçante. Achou aquilo uma graça e comentou com a tia prendada. Pra quê? Tem dias que Teresa não dorme, preocupada querendo saber qual é a marca do ado-

çante que a Gabi usa, pra ela fazer uma capinha igual, já que ela gostou tanto. Chega a ligar interurbano pra São Paulo:

- Num isquéci de mi falá a marca do seu adoçante não, preu fazê a capinha de crocrê procê...

Coisa de mineiro.

Bastou ela contar essa história que a Catia, outra amiga mineira – e praticante – que estava aqui em casa também, contar a história de um doce de banana divino que comeu na casa da mãe, dona Ita, a última vez que foi lá. Depois de todos elogiarem aquele doce que merecia ser comido de joelhos, ela revelou o segredo:

- Cês criditam que eu vi um cacho de banana madurin, bonzin ainda, no lixo do vizinho, e pensei: Genti, num podêmo dispidiçá não!

Mais de quarenta anos depois de ter deixado minha terra querida, o jeito mineiro de ser me encanta e cada vez mais.

Quer saber o que é ser mineiro? No final dos anos 80, quando o meu primeiro casamento se acabou, minha mãe, que era uma mineira cem por cento, queria saber se eu já “tinha outra”, como se diz lá em Minas Gerais. Um dia, cedo ainda, ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor, usou seu modo bem mineiro de ser:

- Eu tava pensâno em comprá um jogo de cama procê, mas tô aqui sem sabê. Sua cama nova é di casal ou di soltero?

ADAPTADO. VILLAS, Alberto. Oh! Minas Gerais. In: Carta Capital. Publicado em 10 fev. 2017. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/cultura/oh-minas-gerais>.

Em relação ao texto Oh! Minas Gerais, assinale a alternativa correta referente à concepção que o autor expõe sobre o falar mineiro.

- a)** O falar mineiro é uma variedade linguística-cultural prestigiada, por ser um exemplar da cultura caipira.
- b)** O falar mineiro deveria ser adotado como língua padrão, por ser uma das variedades que representa a riqueza linguística-cultural brasileira.
- c)** Há uma crítica positiva sobre o falar mineiro, uma vez que o autor enfatiza o apagamento do /r/ em posição final de palavra.

- d) Há uma argumentação a favor de os mineiros buscarem se adaptar à língua padrão de um determinado grupo sociocultural.
- e) Há uma manifestação de respeito à diversidade linguística-cultural, visto que o autor enaltece o falar mineiro.

Letra e.

Toda a narração é uma forma de enaltecer o falar mineiro. O autor não busca, ao longo do texto, realizar uma análise linguística crítica ou argumentar em favor da norma padrão (e assim eliminamos as alternativas (b), (c) e (d)).

Na alternativa (a), não há indicações no texto sobre o que se informa.

QUESTÃO 35 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017)**Longe é um lugar que existe?**

Voamos algum tempo em silêncio, até que finalmente ele disse: “Não entendo muito bem o que você falou, mas o que menos entendo é o fato de estar indo a uma festa.”

— Claro que estou indo à festa. — respondi. — O que há de tão difícil de se compreender nisso?

Enfim, sem nunca atingir o fim, imaginando-se uma Gaivota sobrevoando o mar, viajar é sentir-se ainda mais pássaro livre tocado pelas lufadas de vento, contraponto, de uma ave mirrada de asas partidas numa gaiola lacrada, sobrevivendo apenas de alpiste da melhor qualidade e água filtrada. Ou ainda, pássaros presos na ambivalência existencial... fadado ao fracasso ou ao sucesso... ao ser livre ou viver presos em suas próprias armadilhas...

Fica sob sua escolha e risco, a liberdade para voar os ventos ascendentes; que pássaro quer ser; que lugares quer sobrevoar; que viagem ao inusitado mais lhe compraz. Por mais e mais, qual a serventia dessas asas enormes, herança genética de seus pais e que lhe confere enorme envergadura? Diga para quê serve? Ao primeiro sinal de perigo, debique e pouse na cerca mais próxima. Ora, não venha com desculpas esfarrapadas e vamos dona Gaivota, espante a preguiça, bata as asas e saia do ninho! Não tenha medo de voar. Pois, como é de conheci-

mento dos “Mestres dos ares e da Terra”, longe é um lugar que não existe para quem voa rente ao céu e viaja léguas e mais léguas de distância com a mochila nas costas, olhar no horizonte e os pés socados em terra firme.

Longe é a porta de entrada do lugar que não existe? Não deve ser, não; pois as Gaivotas sacodem a poeira das asas, limpam os resquícios de alimentos dos bicos e batem o toc-toc lá.

Fonte: <<http://www.recantodasletras.com.br/contosdefantasia/6031227>> Acesso em: 21 Jun, 2017

O uso do termo “Gaivota” sempre com letra maiúscula ao longo do texto se deve ao fato de que:

- a) o autor busca, com isso, fazer uma conexão mais próxima entre o leitor e o animal.
- b) o autor quis dar destaque ao termo, apesar de não haver importância da referência ao animal para o texto.
- c) há uma mudança no texto, em que, no início, as personagens eram duas pessoas e, a partir do segundo parágrafo, é uma gaivota.
- d) o texto faz uma reflexão sobre a ação humana de viajar, porém comparando os seres humanos com gaivotas.
- e) o autor utiliza o termo “Gaivota” como símbolo de imponência, o que se relaciona à forma como os seres humanos são tratados no texto.

Letra d.

Estamos diante de uma complicada. Isso porque não há muita relação entre o comando da questão e as alternativas.

A alternativa (d) está correta porque correlaciona adequadamente o fato de as gaivotas terem sido alçadas à condição humana (antropomorfizadas) – e a adoção da maiúscula se deve a isso.

(INSTITUTO AOCP/ENGENHEIRO/UFGS/2016)

Tomar remédio é fácil; difícil é tomar rumo

Remédios antidepressivos nem sempre funcionam. Sua eficácia pode depender de quão estressado você está.

Daniel Martins de Barros

A depressão caminha para se tornar uma das principais doenças da humanidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde ela afeta 350 milhões de pessoas, e daqui quatro anos se tornará a principal causa de incapacidade no mundo. Parte desse aumento se deve ao melhor esclarecimento das pessoas e à maior taxa de diagnósticos, mas não é só isso. O suicídio também aumenta mundo afora, indicando que há crescimento real no número de casos. A pergunta principal é: por quê?

Como todos os transtornos mentais, a depressão não tem uma causa só, bem definida. Sua origem é “multifatorial”, ou seja, múltiplos fatores contribuem para que ela surja. E um dos personagens mais cotados para vilão principal no aumento dos casos é o estresse. Ele não é um problema exclusivo do nosso tempo, sempre existiu, mas hoje em dia, onde quer que procuremos, vamos achar fontes de estresse. Seja vinda do trabalho onde se exige sempre mais; seja do meio cultural, com o fluxo de informação ininterrupto sobrecarregando nossos cérebros; do ambiente doméstico, com relações e papéis sendo redefinidos, gerando insegurança; ou mesmo do simples fato de o mundo passar por uma urbanização crescente, levando para mais gente o bônus, mas também o ônus de se viver em cidades. Uma das maneiras de o estresse levar à depressão é por estimular a resposta inflamatória geral do nosso organismo, desgastando-o lentamente.

O pior é que esse estresse todo pode não só estar causando, mas também perpetuando a depressão. Um estudo acaba de ser publicado investigando porque os antidepressivos funcionam, mas não para todo mundo. Sabendo desse papel da resposta inflamatória na origem da depressão os cientistas estressaram um grupo de ratos, levando-os a ter alterações comportamentais semelhantes às que ocorrem nos deprimidos. Passaram então a tratá-los com placebo ou com o antidepressivo fluoxetina, mantendo metade no ambiente estressante original e

metade num ambiente tranquilo. Resultado? Não só o comportamento desses últimos melhorou mais do que nos outros, como também os parâmetros biológicos de atividade inflamatória diminuíram, enquanto nos pobres ratos estressados a inflamação aumentou.

Os pesquisadores concluíram algo difícil de discordar: não adianta muito tomar remédio se nós não atuarmos também no ambiente. O que faz todo sentido: se a origem da depressão não é só química, apenas medicamentos dificilmente bastarão para curá-la.

E como se combate o estresse se ele vem de todos os lados? Pode ser difícil, mas não é impossível. Cuidando bem do sono, por exemplo: a maioria das pessoas que dorme menos do que gostaria tem falta de sono por sua própria culpa, por ficar na TV ou celular por mais tempo do que deveria. E o sedentarismo, então? Não é preciso ter dinheiro para *personal trainer*: meia hora de caminhada na rua, dia sim, dia não, já combate os sintomas do estresse. Isso para não falar de alimentação – dietas ricas em carboidratos simples (açúcar e farinha) contribuem para também ativar o estado inflamatório do organismo, enquanto dietas saudáveis fazem o oposto.

Talvez você não possa mudar de chefe, de cidade ou de família. Mas com certeza poderia mudar de vida. Só que, como sempre digo, tomar remédio é fácil. O difícil é tomar rumo.

Texto adaptado de: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/tomar-remedio-e-facil-difil-e-tomar-rumo/>

QUESTÃO 36 (INSTITUTO AOCP/ENGENHEIRO/UFFS/2016) Em relação ao conteúdo elaborado no texto, sobre a expressão “tomar rumo”, evidenciada tanto no título quanto no último parágrafo em oposição a “tomar remédio”, é correto afirmar que:

- a) considerando que se registra, contemporaneamente, um aumento significativo tanto dos casos de depressão quanto dos casos de suicídio e que, conforme bem exemplifica o relato da experiência científica retomada pelo texto, o ambiente inevitavelmente estressante no qual vivemos neutraliza a eficácia dos medicamentos, a expressão em questão evidencia uma necessidade de enfrentar a depressão totalmente sem a utilização de medicamentos.
- b) considerando que a experiência científica relatada no texto evidenciou que o tratamento da depressão em ratos por meio de placebo demonstrou ser tão eficaz quanto o tratamento com o antidepressivo fluoxetina, a expressão em questão corrobora a conclusão dos pesquisadores que

constataram a ineficácia total dos remédios comuns no combate à depressão, sendo menos oneroso ao organismo do doente tomar placebo.

c) considerando que a principal causa da depressão é o estresse e que, como explica o autor do texto, uma das maneiras deste acarretar em depressão é estimulando a resposta inflamatória geral do nosso organismo, desgastando-o lentamente, a expressão em questão indica a necessidade de que o doente em tratamento da depressão tome, além do antidepressivo fluoxetina, também anti-inflamatórios.

d) considerando que a depressão tem como principal causa o estresse e de que este vem de todos os lados, a expressão em questão evidencia que se curar da depressão é difícil, mas não impossível e que, ainda que o doente tome remédio, medida considerada fácil, é necessário que elimine as causas do seu estresse tomando atitudes como contratar um personal trainer, enriquecer a dieta com carboidratos simples e mudar de emprego ou cidade.

e) considerando que a origem da depressão é multifatorial e que um dos principais agentes para aumento de casos da doença é o estresse, a expressão em questão evidencia a necessidade, relatada pelo autor do texto, tanto por meio do exemplo da experiência científica quanto pelas sugestões de alterações de hábitos, de que, contíguo à utilização de medicamentos, o doente assuma novas atitudes que combatam o estresse do dia a dia.

Letra e.

Vamos tratar objetivamente o significado das expressões “tomar rumo” e “tomar remédio”:

i) tomar rumo: assumir um caminho (novo).

ii) tomar remédio: fazer uso (ingerir) substância ou recurso utilizado para combater uma doença ou um mal.

A alternativa em (e) traz corretamente a relação entre os significados acima indicados.

QUESTÃO 37 (INSTITUTO AOCP/ENGENHEIRO/UFGS/2016) A partir da leitura integral do texto “Tomar remédio é fácil; difícil é tomar rumo”, assinale a alternativa correta.

a) Conforme dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde, a depressão é, na atualidade, a principal doença da humanidade.

- b) Apesar de não ser um problema exclusivo da contemporaneidade, o estresse é identificado hoje, uma vez que está relacionado ao modo de vida moderno, como a única causa a ser combatida para prevenção e tratamento da depressão.
- c) O posicionamento do autor do texto, evidenciado pelos argumentos que ele apresenta, demonstra seu preconceito e sua ignorância em relação à tratativa da depressão enquanto uma doença, fato que se comprova pelo trecho “Só que, como sempre digo, tomar remédio é fácil. O difícil é tomar rumo”.
- d) A depressão é uma doença que pode ter como ponto de partida diversos fatores, inclusive externos ao indivíduo, o que justifica um tratamento que também tenha como foco o combate à fonte exterior do estresse ao qual o doente está submetido.
- e) Os estudos realizados com ratos em laboratórios acerca das causas e do tratamento da depressão não podem ser utilizados como parâmetro para propor alternativas para o combate da doença em seres humanos, uma vez que o funcionamento cerebral de um humano e de um rato são incomparáveis.

Letra d.

Vejamos os desvios das alternativas (a), (b), (c) e (e):

- a) “A depressão **caminha** para se tornar uma das principais doenças da humanidade”. Ou seja, a depressão ainda não é a principal doença da humanidade.
- b) “Como todos os transtornos mentais, a depressão não tem uma causa só, bem definida. Sua origem é ‘multifatorial’”.
- c) A fala do autor não evidencia preconceito e ignorância.
- e) De acordo com as informações presentes no texto, os estudos podem ser utilizados como parâmetro para propor alternativas para o combate da doença em seres humanos.
- A alternativa (d) analisa corretamente o texto.
-

(INSTITUTO AOCP/FISIOTERAPEUTA/EBSERH/2016/ADAPTADA)

O que é ética hoje?*Sem uma discussão lúcida sobre a ética não é possível agir com ética*

Marcia Tiburi

A palavra ética aparece em muitos contextos de nossas vidas. Falamos sobre ética em tom de clamor por salvação. Cheios de esperança, alguns com certa empáfia, exigimos ou reclamamos da falta de ética, mas não sabemos exatamente o que queremos dizer com isso. Há um desejo de ética, mas mesmo em relação a ele não conseguimos avançar com ética. Este é nosso primeiro grande problema.

O que falta na abordagem sobre ética é justamente o que nos levaria a sermos éticos. Falta reflexão, falta pensamento crítico, falta entender “o que é” agir e “como” se deve agir. Com tais perguntas é que a ética inicia. Para que ela inicie é preciso sair da mera indignação moral baseada em emoções passageiras, que tantos acham magnífico expor, e chegar à reflexão ética. Aqueles que expõem suas emoções se mostram como pessoas sensíveis, bondosas, creem-se como antecipadamente éticos porque emotivos. Porém, não basta. As emoções em relação à política, à miséria ou à violência, passam e tudo continua como antes. A passagem das emoções indignadas para a elaboração de uma sensibilidade elaborada que possa sustentar a ação boa e justa - o foco de qualquer ética desde sempre - é o que está em jogo.

Falta, para isso, entendimento. Ou seja, compreensão de um sentido comum na nossa reivindicação pela ética. Falta, para se chegar a isso, que haja diálogo, ou seja, capacidade de expor e de ouvir o que a ética pode ser. Clamamos pela ética, mas não sabemos conversar. E para que haja ética é preciso diálogo. E, por isso, permanecemos num círculo vicioso em que só a inação e a ignorância triunfam.

Na inanição intelectual em voga, esperamos que os cultos, os intelectuais, os professores, os jornalistas, todos os que constroem a opinião pública, tragam respostas. Nem estes podem ajudar muito, pois desconhecem ou evitam a profundidade da questão. Há, neste contexto, quem pense que ser corrupto não exclui a ética. E isso não é opinião de ignorantes que não frequentaram escola alguma, mas de muitos ditos “cultos” e “inteligentes”. Quem hoje se preo-

cupa em entender do que se trata? Quem se preocupa em não cair na contradição entre teoria e prática? Em discutir ética para além dos códigos de ética das profissões pensando-a como princípio que deve reger nossas relações?

Exatamente pela falta de compreensão do seu fundamento, do que significa a ética como elemento estrutural para cada um como pessoa e para a sociedade como um todo, é que perdemos de vista a possibilidade de uma realização da ética. A ética não entra em nossas vidas porque nem bem sabemos o que deveria entrar. Nem sabemos como. Mas quando perguntamos pela ética, em geral, é pelo “como fazemos para sermos éticos” que tudo começa. Aí começa também o erro em relação à ética. Pois ético é o que ultrapassa o mero uso que podemos fazer da própria ética quando se trata de sobreviver. Ética é o que diz respeito ao modo de nos comportamos e decidirmos nosso convívio e o modo como partilhamos valores e a própria liberdade. Ela é o sentido da convivência, mais do que o já tão importante respeito do limite próprio e alheio. Portanto, desde que ela diz respeito à relação entre um “eu” e um “tu”, ela envolve pensar o outro, o seu lugar, sua vida, sua potencialidade, seus direitos, como eu o vejo e como posso defendê-lo.

A Ética permanece, porém, sendo uma palavra vã, que usamos a esmo, sem pensar no conteúdo que ela carrega. Ninguém é ético só porque quer parecer ético. Ninguém é ético porque discorda do que se faz contra a ética. Só é ético aquele que enfrenta o limite da própria ação, da racionalidade que a sustenta e luta pela construção de uma sensibilidade que possa dar sentido à felicidade. Mas esta é mais do que satisfação na vida privada. A felicidade de que se trata é a “felicidade política”, ou seja, a vida justa e boa no universo público. A ética quando surgiu na antiguidade tinha este ideal. A felicidade na vida privada – que hoje também se tornou debate em torno do qual cresce a ignorância - depende disso.

Por isso, antes de mais nada, a urgência que se tornou essencial hoje – e que por isso mesmo, por ser essencial, muitos não percebem – é tratar a ética como um trabalho da lucidez quanto ao que estamos fazendo com nosso presente, mas sobretudo, com o que nele se planta e define o rumo futuro. Para isso é preciso renovar nossa capacidade de diálogo e propor um novo projeto de sociedade no qual o bem de todos esteja realmente em vista.

(<http://www.marciatiburi.com.br/textos/somoslivre.htm>)

QUESTÃO 38 (INSTITUTO AOCP/FISIOTERAPEUTA/EBSERH/2016/ADAPTADA) De acordo

com o texto, ainda há ignorância sobre a prática ética porque:

- a) apenas os intelectuais têm respostas sobre o assunto.
- b) os indivíduos buscam a felicidade política ao invés da felicidade individual.
- c) falta aos indivíduos envolver suas emoções com essa prática.
- d) a ética entra em nossas vidas sem termos consciência desse processo.
- e) falta diálogo e entendimento sobre isso.

Letra e.

As alternativas (a), (b), (c) e (d) estão incorretas porque divergem do exposto no texto:

- a) “Na inanição intelectual em voga, esperamos que os cultos, os intelectuais, os professores, os jornalistas, todos os que constroem a opinião pública, tragam respostas. **Nem estes podem ajudar muito**, pois desconhecem ou evitam a profundidade da questão.”
- b) Não há, no texto, uma oposição entre **felicidade pública** e **felicidade individual**.
- c) “Para que ela inicie é preciso sair da mera indignação moral baseada em emoções passageiras [...]”
- d) “A ética não entra em nossas vidas porque nem bem sabemos o que deveria entrar.”

A alternativa (e) está correta porque é exatamente isso o expresso no texto: “E para que haja ética é preciso diálogo.”

QUESTÃO 39 (INSTITUTO AOCP/FISIOTERAPEUTA/EBSERH/2016/ADAPTADA) Assinale a

alternativa correta de acordo com o texto.

- a) A ética deve ser pensada individualmente, a partir de uma reflexão pessoal que não envolva a relação com o outro.
- b) As respostas sobre uma vida ética se encontram na educação, na opinião pública, nas escolas, com os professores, os cultos e os intelectuais.
- c) Os indivíduos não sabem exatamente o que é ética porque lhes faltam a crítica e o entendimento sobre esse assunto.

- d) Indignar-se moralmente com o que acontece de errado na prática cotidiana seria um exemplo de como exercitar ética.
- e) A prática ética se limita ao que é necessário para sobreviver.

Letra c.

A alternativa (c) sintetiza o núcleo da tese da autora.

Os erros das alternativas (a), (b), (d) e (e) são estes:

- a) A ética deve ser pensada individualmente, a partir de uma reflexão pessoal que não envolva a relação com o outro.
- b) As respostas sobre uma vida ética se encontram na educação, na opinião pública, nas escolas, com os professores, os cultos e os intelectuais.
- d) Indignar-se moralmente com o que acontece de errado na prática cotidiana seria um exemplo de como exercitar ética.
- e) A prática ética se limita ao que é necessário para sobreviver.

(INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016)

A lista de desejos

Rosely Sayao

Acabou a graça de dar presentes em situações de comemoração e celebração, não é? Hoje, temos listas para quase todas as ocasiões: casamento, chá de cozinha e seus similares – e há similares espantosos, como chá de lingerie –, nascimento de filho e chá de bebê, e agora até para aniversário.

Presente para os filhos? Tudo eles já pediram e apenas mudam, de vez em quando ou frequentemente, a ordem das suas prioridades. Quem tem filho tem sempre à sua disposição uma lista de pedidos de presentes feita por ele, que pode crescer diariamente, e que tanto pode ser informal quanto formal.

A filha de uma amiga, por exemplo, tem uma lista na bolsa escrita à mão pelo filho, que tem a liberdade de sacá-la a qualquer momento para fazer as mudanças que ele julgar necessárias.

Ah! E ela funciona tanto como lista de pedidos como também de “checklist” porque, dessa maneira, o garoto controla o que já recebeu e o que ainda está por vir. Sim: essas listas são quase uma garantia de conseguir ter o pedido atendido.

Ninguém mais precisa ter trabalho ao comprar um presente para um conhecido, para um colega de trabalho, para alguma criança e até amigo. Sabe aquele esforço de pensar na pessoa que vai receber o presente e de imaginar o que ela gostaria de ganhar, o que tem relação com ela e seu modo de ser e de viver? Pois é: agora, basta um telefonema ou uma passada rápida nas lojas físicas ou virtuais em que as listas estão, ou até mesmo pedir para uma outra pessoa realizar tal tarefa, e pronto! Problema resolvido!

Não é preciso mais o investimento pessoal do pensar em algo, de procurar até encontrar, de bater perna e cabeça até sentir-se satisfeito com a escolha feita que, além de tudo, precisaria estar dentro do orçamento disponível para tal. Hoje, o presente custa só o gasto financeiro e nem precisa estar dentro do orçamento porque, para não transgredir a lista, às vezes é preciso parcelar o presente em diversas prestações...

E, assim que os convites chegam, acompanhados sem discricção alguma das listas, é uma correria dos convidados para efetuar sem demora sua compra. É que os presentes menos custosos são os primeiros a serem ticados nas listas, e quem demora para cumprir seu compromisso acaba gastando um pouco mais do que gostaria.

Se, por um lado, dar presentes deixou de dar trabalho, por outro deixou também totalmente excluído do ato de presentear o relacionamento entre as pessoas envolvidas. Ganho para o mercado de consumo, perda para as relações humanas afetivas.

Os presentes se tornaram impessoais, objetos de utilidade ou de luxo desejados. Acabou-se o que era doce no que já foi, num passado recente, uma demonstração pessoal de carinho.

Sabe, caro leitor, aquela expressão de surpresa gostosa, ou de um pequeno susto que insiste em se expressar, apesar da vontade de querer que ele passe despercebido, quando recebíamos um mimo? Ou aquela frase transparente de criança, que nunca deixa por menos: “Eu não quero isso!”? Tudo isso acabou. Hoje, tudo o que ocorre é uma operação mental dupla. Quem recebe apenas tica algum item da lista elaborada, e quem presenteia dá-se por satisfeito por ter cumprido seu compromisso.

Que tempos mais chatos. Resta, a quem tiver coragem, a possibilidade de transgredir essas tais listas. Assim, é possível tornar a vida mais saborosa.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2014/07/1489356-a-lista-de-desejos.shtml>

QUESTÃO 40 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016) Qual das alternativas a seguir apresenta, explicitamente, a busca da autora em manter um diálogo com o interlocutor de seu texto?

- a) “E, assim que os convites chegam, acompanhados sem discrição alguma das listas, é uma correria dos convidados para efetuar sem demora sua compra.”
- b) “Hoje, tudo o que ocorre é uma operação mental dupla.”
- c) “Ninguém mais precisa ter trabalho ao comprar um presente para um conhecido, para um colega de trabalho, para alguma criança e até amigo.”
- d) “Sabe, caro leitor, aquela expressão de surpresa gostosa, ou de um pequeno susto que insiste em se expressar, apesar da vontade de querer que ele passe despercebido, quando recebíamos um mimo?”
- e) “Quem recebe apenas fica algum item da lista elaborada, e quem presenteia dá-se por satisfeito por ter cumprido seu compromisso.”

Letra d.

A busca em manter o diálogo com o interlocutor (leitor) é marcada pela presença do vocativo “caro leitor”, na alternativa (d).

QUESTÃO 41 (INSTITUTO AOCP/MÉDICO/EBSERH/2016) De acordo com a autora:

- a) com as listas de presentes, os presentes tornaram-se ainda mais pessoais, exigindo a habilidade da pessoa para não transgredir a lista sugerida.
- b) seguir as listas de presentes e comprar exatamente o que está sendo solicitado é uma demonstração de carinho maior que escolher um presente por conta própria.

- c) antes das listas de presentes, presentear exigia esforço, pois era necessário pensar em quem iria receber o presente, no que a pessoa gostaria de ganhar, o que teria relação com ela e seu modo de ser e de viver.
- d) o esforço para comprar um presente solicitado em uma lista de presente é muito maior que escolher por conta própria.
- e) os itens mais caros da lista de presentes são os primeiros a serem selecionados para a compra.

Letra c.

Os desvios das alternativas (a), (b), (d) e (e) são estes:

- a) “com as listas de presentes, os presentes tornaram-se ainda ~~mais~~ pessoais, ~~exigindo a habilidade da pessoa para não transgredir a lista sugerida.~~” As listas tornaram os presentes mais **impessoais**.
 - b) “seguir as listas de presentes e comprar exatamente o que está sendo solicitado é ~~uma demonstração de carinho maior que escolher um presente por conta própria.~~” Para a autora, escolher por conta própria é uma demonstração de carinho maior que comprar exatamente na lista.
 - d) “o esforço para comprar um presente solicitado em uma lista de presente é ~~muito maior~~ que escolher por conta própria.” O esforço é muito menor.
 - e) “os itens ~~mais caros~~ da lista de presentes são os primeiros a serem selecionados para a compra.” Os itens mais baratos são os primeiros a serem selecionados.
-

QUESTÃO 42 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/EBSERH/2016)

<<https://wordsofleisure.com/tag/mafalda/>>.

De acordo com o texto 2, assinale a alternativa correta.

- a) Mafalda não está disposta a esperar tanto tempo para que a planta nasça.
- b) Mafalda está atenta à explicação, mas isso não é o suficiente para que a menina entenda como nascem algumas plantas.
- c) O homem não estranha a atitude de Mafalda, pois ela representa as crianças atuais que não se interessam pela natureza.
- d) O humor do texto dá-se devido ao fato de Mafalda não estar atenta ao que o homem explica.
- e) O humor do texto dá-se devido à quebra de expectativa da Mafalda, visto que ela não queria saber, com antecedência, o que aconteceria com a semente.

Letra e.

O humor da tirinha origina-se à quebra de expectativa (e esse recurso é muito comum em piadas e histórias de humor).

QUESTÃO 43 (INSTITUTO AOC/PTÉCNICO/EBSERH/2016)

<<https://bioeticaemfoco.wordpress.com/humorreflexao/>>.

Em relação ao texto 2, é correto afirmar que:

- a) o personagem, ao fazer a pergunta “Não é perigoso?”, refere-se aos problemas que os resíduos tóxicos podem causar ao meio ambiente.
- b) o descarte de resíduos tóxicos em ralos comuns, conforme evidenciam os personagens, é totalmente apropriado.
- c) as luvas de borracha não oferecem qualquer proteção ao personagem na manipulação do resíduo.
- d) o personagem que faz as perguntas refere-se, de fato, à integridade do personagem que manipula os resíduos tóxicos.
- e) ambos os personagens se referem ao mesmo tipo de perigo, ou seja, à degradação do meio ambiente.

Letra a.

De fato, o referente da pergunta (ou seja, o que é perigoso) é “resíduos tóxicos” – e por isso a alternativa (a) está correta.

Na alternativa (b), não se pode afirmar que os personagens evidenciam que o descarte de resíduos tóxicos em ralos comuns é apropriado.

Em (c), é incorreto afirmar que as luvas não oferecem proteção.

A alternativa (d) está incorreta porque o personagem não faz referência à integridade do personagem que manipula os resíduos tóxicos.

Em (e), por fim, o erro está na análise de que o referencial dos personagens é o mesmo.

(INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016)

“Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos”

31 Maio 2015 em Bem-Estar, filhos

Vivemos tempos frenéticos. A cada década que passa o modo de vida de 10 anos atrás parece ficar mais distante: 10 anos viraram 30, e logo teremos a sensação de ter se passado 50 anos a cada 5. E o mundo infantil foi atingido em cheio por essas mudanças: já não se educa (ou brinca, alimenta, veste, entretém, cuida, consola, protege, ampara e satisfaz) crianças como antigamente!

O iPad, por exemplo, já é companheiro imprescindível nas refeições de milhares de crianças. Em muitas casas a(s) TV(s) fica(m) ligada(s) o tempo todo na programação infantil – naqueles canais cujo volume aumenta consideravelmente durante os comerciais – mesmo quando elas estão comendo com o iPad à mesa.

Muitas e muitas crianças têm atividades extracurriculares pelo menos três vezes por semana, algumas somam mais de 50 horas semanais de atividades, entre escola, cursos, esportes e reforços escolares.

Existe em quase todas as casas uma profusão de brinquedos, aparelhos, recursos e pessoas disponíveis o tempo todo para garantir que a criança “aprenda coisas” e não “morra de tédio”. As pré-escolas têm o mesmo método de ensino dos cursos pré-vestibulares.

Tudo está sendo feito para que, no final, possamos ocupar, aproveitar, espremer, sugar, potencializar, otimizar e, finalmente, capitalizar todo o tempo disponível para impor às nossas crianças uma preparação praticamente militar, visando seu “sucesso”. O ar nas casas onde essa preocupação é latente chega a ser denso, tamanha a pressão que as crianças sofrem por desenvolver uma boa competitividade. *Porém, o excesso de estímulos sonoros, visuais, físicos e informativos impedem que a criança organize seus pensamentos e atitudes, de*

verdade: fica tudo muito confuso e nebuloso, e as próprias informações se misturam fazendo com que a criança mal saiba descrever o que acabou de ouvir, ver ou fazer.

Além disso, aptidões que devem ser estimuladas estão sendo deixadas de lado: Crianças não sabem conversar. Não olham nos olhos de seus interlocutores. Não conseguem focar em uma brincadeira ou atividade de cada vez (na verdade a maioria sequer sabe brincar sem a orientação de um adulto!). Não conseguem ler um livro, por menor que seja. Não aceitam regras. Não sabem o que é autoridade. Pior e principalmente: não sabem esperar.

Todas essas qualidades são fundamentais na construção de um ser humano íntegro, independente e pleno, e devem ser aprendidas em casa, em suas rotinas.

Precisamos pausar. Parar e olhar em volta. Colocar a mão na consciência, tirá-la um pouco da carteira, do telefone e do volante: estamos enlouquecendo nossas crianças, e as estamos impedindo de entender e saber lidar com seus tempos, seus desejos, suas qualidades e talentos. *Estamos roubando o tempo precioso que nossos filhos tanto precisam para processar a quantidade enorme de informações e estímulos que nós e o mundo estamos lhes dando.*

Calma, gente. Muita calma. Não corramos para cima da criança com um iPad na mão a cada vez que ela reclama ou achamos que ela está sofrendo de “tédio”. Não obriguemos a babá a ter um repertório mágico, que nem mesmo palhaços profissionais têm, para manter a criança entretida o tempo todo. *O “tédio” nada mais é que a oportunidade de estarmos em contato conosco, de estimular o pensamento, a fantasia e a concentração.*

Sugiro que leiamos todos, pais ou não, “O Ócio Criativo” de Domenico di Masi, para que entendamos a importância do uso consciente do nosso tempo.

E já que resvalamos o assunto para a leitura: nossas crianças não lêem mais. Muitos livros infantis estão disponíveis para tablets e iPads, cuja resposta é imediata ao menor estímulo e descaracteriza a principal função do livro: parar para ler, para fazer a mente respirar, aprender a juntar uma palavra com outra, paulatinamente formando frases e sentenças, e, finalmente, concluir um raciocínio ou uma história.

Cerquem suas crianças de livros e leiam com elas, por amor. Deixem que se esparramem em almofadas e façam sua imaginação voar!

(Fonte: <http://www.saudecuriosa.com.br/estamos-enlouquecendo-nossas-criancas-estimulos-demais-concentracao-de-menos/>)

QUESTÃO 44 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016) O texto se apresenta, quase integralmente, na primeira pessoa do plural. Quem seria o “nós” ao qual o texto se refere?

- a) Seria todas as crianças da atualidade.
- b) Seria os pais e/ou cuidadores das crianças.
- c) Seria somente os professores e/ou educadores das crianças.
- d) Seria as pessoas que comercializam produtos infantis.
- e) Seria apenas crianças que usam iPads.

Letra b.

No texto, a primeira pessoa do plural refere-se aos pais e/ou cuidadores das crianças. Isso porque a realidade apresentada no texto diz respeito a aspectos relativos à criação de crianças. Isso não se aplica, por exemplo, a quem não lida diretamente com crianças.

QUESTÃO 45 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016) De acordo com o texto, o que o excesso de estímulos sensoriais ocasiona nas crianças?

- a) Esse excesso de estímulos faz que a criança seja mais obediente e respeite mais as regras impostas pelos adultos.
- b) Esse excesso de estímulos faz que a criança se prepare para o futuro de forma mais eficiente.
- c) Esse excesso de estímulos faz que a criança tenha mais facilidade em organizar seu pensamento e suas atitudes.
- d) Esse excesso de estímulos faz que a criança tenha dificuldades em organizar seu pensamento e sua conduta.
- e) Esse excesso de estímulos faz que a criança tenha mais imaginação e saiba aproveitar melhor o seu tempo.

Letra d.

A alternativa (d) é condizente com o seguinte trecho do texto: “Porém, o excesso de estímulos sonoros, visuais, físicos e informativos **impedem que a criança organize seus pensamentos e atitudes**, de verdade: fica tudo muito confuso e nebuloso, e as próprias informações se misturam fazendo com que a criança mal saiba descrever o que acabou de ouvir, ver ou fazer.”

QUESTÃO 46 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/CASAN/2016) Qual é a ideia central defendida pelo texto “Estamos Enlouquecendo Nossas Crianças! Estímulos Demais... Concentração de Menos”?

- a) O texto defende a ideia de que o iPad e a programação infantil incessante são ótimos estímulos sensoriais para educar as crianças na atualidade.
- b) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade precisam ocupar todo o seu tempo livre com atividades extracurriculares, visando o sucesso no futuro.
- c) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade recebem muitos estímulos sensoriais, mas pouca atenção e tempo suficiente para aprender a lidar com tanto estímulo.
- d) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade precisam de mais atividades extracurriculares e brinquedos porque se sentem muito entediadas.
- e) O texto defende a ideia de que os pais da atualidade estimulam cada vez mais a imaginação de suas crianças.

Letra c.

A alternativa (c) apresenta uma análise adequada em relação à ideia central do texto. As demais alternativas apresentam erros, destacados a seguir:

- a) O texto defende a ideia de que o iPad e a programação infantil incessante ~~são ótimos estímulos sensoriais~~ para educar as crianças na atualidade.
- b) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade ~~precisam ocupar todo o seu tempo livre com atividades extracurriculares~~, visando o sucesso no futuro.
- d) O texto defende a ideia de que as crianças da atualidade ~~precisam de mais atividades extra-curriculares e brinquedos~~ porque se sentem muito entediadas.
- e) O texto defende a ideia de que os pais da atualidade estimulam cada vez mais a imaginação de suas crianças.

(INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016)

Campinas tem alerta após 10 casos de microcefalia

Por Inaê Miranda – publicado em 05/12/2015

O número de casos de microcefalia registrados em Campinas chegou a dez, segundo informou na última sexta-feira (4) a diretora do Departamento de Vigilância em Saúde (Devisa), Brigina Kemp. Todos os bebês nasceram em Campinas, mas três deles são de mães moradoras de Sumaré.

Uma criança nasceu no mês de outubro, a segunda no dia 3 de novembro e as outras oito nasceram nos últimos dias – do final de novembro até ontem. A média anual da doença até 2014 era de um registro, o que torna os casos recentes uma preocupação para os Serviços de Saúde da cidade. O município apura a relação dos casos com o zika vírus.

No último sábado, o Ministério da Saúde confirmou a relação entre o zika vírus e o surto de microcefalia na região Nordeste do País. Até esta data, foram notificados 1.248 casos suspeitos, identificados em 311 municípios de 14 unidades da federação. Até então, São Paulo não figurava nesta lista e os únicos dois casos registrados ocorreram em Sumaré e São José do Rio Preto. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, o vírus pode ter ocorrido na cidade sem que as autoridades tenham conhecimento.

Segundo Brigina, Campinas está contabilizando os casos dos três residentes de Sumaré porque os bebês nasceram na cidade. “A gente notifica, avisando que é de outro município e esse município também é informado. As investigações iniciais ocorrem aqui e, na hora que a criança tem alta, a investigação tem continuidade na cidade onde ela reside”, explicou.

Ela informou que as crianças nasceram nas redes pública e privada, sendo que a maior parte foi na Maternidade de Campinas. “Quase todos”, disse. Uma das mães é moradora de rua e usuária de crack. “Mas todos os dez permanecem sob investigação para o zika. Não confirmamos nenhum até agora, mas também não descartamos.”

A diretora do Devisa acrescentou que as mães estão recebendo toda a assistência necessária. “Se alguma mãe não tem condição de fazer a tomografia, nós estamos fazendo.”

Campinas tinha um caso de microcefalia por ano, entre 2010 a 2014, causada por infecção congênita. Sendo que em 2011 foram registrados quatro casos de microcefalia por infecção congênita. “Mas a gente acredita que esse era um número subnotificado. Agora todos estão bem sensibilizados para fazer as notificações”, disse.

Segundo Brigina, esse aumento da notificação pode estar relacionado com o alerta que foi dado pelo Ministério da Saúde.

Múltiplas causas

A microcefalia não é uma doença nova. Trata-se de uma malformação congênita, em que o cérebro não se desenvolve de maneira adequada. “É quando você mede a cabeça e vê que está menor do que deveria ser para a idade gestacional em que o bebê nasceu”, explicou Brigina.

A especialista esclarece que a microcefalia pode ser efeito de uma série de fatores de diferentes origens. “Microcefalia não significa zika vírus. É importante dizer isso para as pessoas não relacionarem imediatamente esses 10 casos de Campinas ao vírus”, diz.

As causas, segundo ela, em geral são o uso de drogas, medicamentos, cigarro, tabagismo, bebida, traumatismo, falta de irrigação adequada da cabeça do bebê durante a gestação, contato com radiação, fatores genéticos e uma série de vírus ou outros agentes infecciosos, chamados de infecção congênita.

Segundo Brigina, o que tem causado a microcefalia nas crianças é o que está em questão. “As notificações chegaram para a gente e agora vamos investigar.” De acordo com ela, a investigação consiste num exame de tomografia sem contraste, exames no sangue, na urina e no líquido, que é um líquido do sistema nervoso da coluna.

As tomografias estão sendo feitas em Campinas, mas os exames estão sendo conduzidos pelo Instituto Adolfo Lutz, na Capital. “Vai para o Lutz porque toda doença sob vigilância e de importância para saúde pública a gente tem que fazer num laboratório de referência de saúde pública.”

Vírus

Segundo as secretarias estadual e municipal de Saúde, o vírus zika não está circulando em São Paulo. Brigina, entretanto, não descarta que ele tenha entrado no Estado e se mantém

despercebido. “Só posso dizer que tem uma possibilidade. E porque digo que tem uma possibilidade? Porque o vírus circulou amplamente no Norte e Nordeste, tem um percentual de casos que não apresentam sintomas, e porque é transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*.”

Desde junho, Campinas organizou cinco unidades sentinelas na tentativa de detecção precoce do zika vírus. “A gente se organizou para tentar detectar, mas isso não me dá garantia de dizer que não teve. As pessoas circulam e viajam muito hoje em dia pelo País.”

(Fonte: http://correio.rac.com.br/_conteudo/2015/12/campinas_e_rm-c/402739-campinas-tem-alerta-apos-dez-casos-de-microcefalia.html)

QUESTÃO 47 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016) Qual é o assunto central abordado pelo texto?

- a) O texto aborda principalmente o aumento do número de casos notificados de pessoas com zika vírus em Campinas.
- b) O texto aborda principalmente o aumento no número de notificações de bebês nascidos com microcefalia em Campinas.
- c) O texto aborda principalmente as causas da microcefalia em bebês nascidos em Campinas.
- d) O texto aborda principalmente as doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*.
- e) O texto aborda principalmente a relação da microcefalia com o zika vírus.

Letra b.

O título do texto pode nos auxiliar a encontrar a resposta: aborda-se o aumento no número de notificações de bebês nascidos com microcefalia em Campinas.

QUESTÃO 48 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CASAN/2016) De acordo com o texto, o que podemos afirmar a respeito da microcefalia?

- a) A microcefalia é uma malformação congênita advinda de fatores de origem diversa.
- b) A microcefalia é uma malformação congênita advinda da infecção pelo zika vírus.
- c) A microcefalia é uma malformação congênita advinda apenas de fatores genéticos.
- d) A causa da microcefalia é confirmada pela medida menor da cabeça do bebê.
- e) A causa da microcefalia é confirmada pelo exame de zika vírus feito na mãe da criança.

Letra a.

A resposta dessa questão está presente nos seguintes períodos do texto:

[...] A microcefalia não é uma doença nova. Trata-se de **uma malformação congênita**, em que o cérebro não se desenvolve de maneira adequada.

[...] A especialista esclarece que **a microcefalia pode ser efeito de uma série de fatores de diferentes origens**.

QUESTÃO 49 (INSTITUTO AOCP/TÉCNICO/EBSERH/2016) Em “[...] a ciência encarou os pesadelos: como algo negativo”, há quais das figuras de estilo apresentadas a seguir?

- a) Pleonasma e prosopopeia.
- b) Sinestesia e antítese.
- c) Metáfora e hipérbole.
- d) Onomatopeia e comparação.
- e) Prosopopeia e comparação.

Letra e.

A ação de encarar é de natureza mais humana, daí estarmos diante de uma prosopopeia (a ciência, que não possui propriedades humanas, passa a agir com traços humanos). Em seguida, temos a forma “como”, a qual explicita uma comparação.

QUESTÃO 50 (INSTITUTO AOCP/ASSISTENTE/CÂMARA DE MARINGÁ/2017) No excerto “[...] ela me telefonou e, ao invés de perguntar assim, na lata, se eu já tinha um novo amor [...]”, a expressão destacada expressa a figura de linguagem denominada:

- a) pleonasma.
- b) prosopopeia.
- c) metonímia.
- d) hipérbole.
- e) metáfora.

Letra e.

A expressão “na lata” significa “prontamente, bruscamente; sem rodeios”. Trata-se de uma metáfora, pois estamos diante de designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança.

REFERÊNCIAS

ADLER & DOREN. **Como ler um livro**. 1990.

CAMACHO, R. **Sociolinguística**. 2001.

HORTIFRUTI (**peça publicitária**: www.hortifruti.com.br)

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 2014.

KOCH, I. **Introdução à linguística textual**. 2013.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2012.

MARX, K. **O capital**. 1996.

MEDEIROS, J. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (**peça publicitária**: www.saude.gov.br)

MOLINA, Olga. **Leitura**: será possível (e necessária) uma definição? 1982.

PEIRCE, C. **Semiótica**. 2016

PIGNATARI, D. **Poesia pois poesia**. 2002.

PRETO, D. **Sociolinguística**: os níveis de fala. 2000.

REIS, R. **Poemas de Ricardo Reis**. 2000.

REVISTA **VEJA** (28 de março de 2018: veja.abril.com.br)

SARAMAGO, J. **O homem duplicado**. 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 2012.

Bruno Pilastre

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o “Guia Prático de Língua Portuguesa” e o “Guia de Redação Discursiva para Concursos”. No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: <http://lattes.cnpq.br/1396654209681297>).



ANOTAÇÕES



SANOTAÇÕES

NÃO SE ESQUEÇA DE AVALIAR ESTA AULA!

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE
PARA MELHORARMOS AINDA MAIS
NOSSOS MATERIAIS.

ESPERAMOS QUE TENHA GOSTADO
DESTA AULA!

PARA AVALIAR, BASTA CLICAR EM LER
A AULA E, DEPOIS, EM AVALIAR AULA.

AVALIAR 

